UNIVERSIDADE FEREDAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UFRN
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCHLA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA MÍDIA

BRUNA PAIANI NASSER SPANIOL

A VIGILÂNCIA NA INTERNET: A CIRCULAÇÃO MIDIÁTICA BRASILEIRA DO VAZAMENTO DE DADOS DA *NSA* POR EDWARD SNOWDEN

NATAL
SETEMBRO DE 2015

BRUNA PAIANI NASSER SPANIOL

A VIGILÂNCIA NA INTERNET: A CIRCULAÇÃO MIDIÁTICA BRASILEIRA DO VAZAMENTO DE DADOS DA NSA POR EDWARD SNOWDEN

Dissertação apresentada em cumprimento às exigências do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Guilherme Albano
Linha de Pesquisa: Estudos da Mídia e Práticas Sociais

NATAL
SETEMBRO DE 2015

Setor de Informação e Referência
Catalogação da Publicação na Fonte. UFRN / Biblioteca Central Zila Mamede

Spaniol, Bruna Paiani Nasser.
A vigilância na internet: a circulação midiática brasileira do vazamento de dados da NSA por Edward Snowden / Bruna Paiani Nasser Spaniol. - Natal, 2016.
125 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Guilherme Albano.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia.

1. Edward Snowden. 2. NSA. 3. Vigilância Eletrônica. 4. Privacidade. 5. Espionagem Americana. I. Albano, Sebastião Guilherme. II. Título.

BRUNA PAIANI NASSER SPANIOL

A VIGILÂNCIA NA INTERNET: A CIRCULAÇÃO MIDIÁTICA BRASILEIRA DO VAZAMENTO DE DADOS DA NSA POR EDWARD SNOWDEN

Dissertação apresentada em cumprimento às exigências do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, para obtenção do grau de Mestre.

APROVADO EM: _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Ed Porto Bezerra - Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Prof. Dr. Juciano de Souza Lacerda – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Prof. Dra. Eloísa Joseane da Cunha Klein – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Prof. Dr. Guilherme Sebastião Albano - Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) – orientadora.

NATAL
SETEMBRO DE 2015

DEDICATÓRIA

À Regina, Raoni, Gabi e Ana Paula.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao PPGEM por todo o apoio durante os momentos mais difíceis do mestrado. Minha mãe, meu marido e minhas irmãs pela paciência e suporte em todas as horas. À professora Eloísa Klein por todas as orientações que foram fundamentais para a conclusão do trabalho. Sem vocês eu não teria conseguido.

Agradeço ao meu orientador Sebastião Guilherme Albano por seu apoio e colaboração com o trabalho. Aos meus colegas do mestrado por todo o intercâmbio de conhecimento e aprendizado. Tenho muitas gratificações também a querida colega Lídia, que estudou comigo várias vezes e me auxiliou em todas as horas, e ao meu colega de trabalho Matheus Guedes, que leu várias vezes a dissertação comigo e me ajudou a ter foco.

RESUMO

Esta pesquisa busca compreender como o problema da segurança da informação no Brasil é tratado pela tematização pública e de que maneira poderá afetar os aspectos políticos e econômicos do governo e das empresas brasileiras, utilizando como estudo de caso o acontecimento do vazamento de documentos da *National Security Agency* por Snowden. Para isso, foi realizado o estudo de caso da cobertura de sites, *blogs* e portais de notícias sob a perspectiva do paradigma indiciário, dos estudos sobre circulação e do conceito de acontecimento. Interessa-nos examinar como o tema segurança da informação é tratado pela mídia e qual seu impacto nas relações políticas nacionais e internacionais. O caso analisado foi o maior vazamento de dados da história da *NSA*, a qual se configura como a agência de inteligência de mais expressão mundial. Esse vazamento provocou grandes repercussões no Brasil, pois foi revelado que o país foi o mais vigiado pelos Estados Unidos, atrás apenas do país americano. As consequências foram: um grande tensionamento entre o Brasil e os EUA e a discussão pública sobre a privacidade e liberdade na internet. A pesquisa analisou 256 publicações divulgadas por veículos de comunicação brasileiros nos meios digitais, no período entre junho e julho de 2013.

Palavras-chave: Edward Snowden. NSA. Vigilância Eletrônica. Privacidade. Espionagem Americana.

ABSTRACT

This research seeks to understand how the problem of information security is treated in Brazil by the public thematization and also how it can affect the political and economic aspects of both Brazilian companies and government by using a study case based on the document leak event of the National Security Agency by Snowden. For this, the study case of sites, blogs and news portal coverage was carried out from the perspective of evidential paradigm, studies of movement and event concept. We are interested in examining how the media handles the information security topic and what its impact on national and international political relations. The subject matter was considered the largest data leakage in history of the NSA, which ranks as the world's largest agency of expression intelligence. This leak caused great repercussions in Brazil since it was revealed that the country was the most watched by the United States of America, behind only USA itself. The consequences were: a big tension between Brazil and the US and a public discussion about privacy and freedom on Internet. The research analyzed 256 publications released by Brazilian media outlets in digital media, in the period between June and July 2013.

Keywords: Edward Snowden. NSA. Electronic Surveillance. Privacy. American spionage.

LISTA DE GRÁFICOS, TABELAS E IMAGENS

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

O acontecimento do vazamento de documentos da *National Security Agency* por Edward Snwoden gerou diversas repercussões políticas, sociais e econômicas que envolveram não só as maiores empresas de tecnologia como *Google, Facebook* e *Microsoft,* como também gerou atritos nas relações internacionais de diversos países, inclusive envolvendo o Brasil. Para que esse acontecimento tomasse tamanha proporção, Edward Snowden orquestrou a divulgação dos documentos de maneira que o assunto fosse diluído em vários "furos" ao longo do ano de 2013. Partindo desses fatos, essa dissertação permitiu vislumbrar o acontecimento a partir de três bases: Tecnologia da Informação e as relações de poder no contexto internacional, Circulação do caso Snowden no Brasil e as práticas sociais consequentes do caso.

Com objetivo de analisar esse fenômeno nesses três eixos apresentados, essa dissertação foi concebida utilizando a metodologia Estudo de Caso com paradigma indiciário proposto por Braga (2008), aliado aos estudos sobre Acontecimento de França Almeida (2008) e Circulação (Braga, 2012; NETO, 2010).

Esse capítulo apresenta o percurso do projeto de pesquisa até a concepção final do objeto. Para isso, serão mostradas quais questões levaram à elaboração do trabalho, assim como os objetivos do presente estudo. Também será tratado o percurso metodológico utilizado para responder à problemática e aos objetivos da dissertação.

1.1 ENCONTRO COM O OBJETO E O INTERESSE PELO CASO SNOWDEN

Inicialmente a ideia era trabalhar a respeito de como os algoritmos determinam o que o usuário poderá consumir. O objeto de estudo era de que forma as auto-representações dos usuários no *Facebook* poderiam ser interpretadas por um computador para criar perfis e vendê-los aos anunciantes. O grande desafio do primeiro projeto era encontrar uma forma de mensurar esse problema. Ao apresentar o Segundo Seminário de Orientação Acadêmica (SOD II), um dos maiores entraves percebidos pela banca era que eu tinha um problema, porém ele era imensurável no contexto em que me encontrava. Aliado à essa decepção, percebi também que algumas questões eram mais profundas do que o *Marketing* Digital poderia responder. Na realidade, a criação de perfil por um algoritmo era uma pequena porção de tudo que viria à tona

quando Snowden divulgou a espionagem da *NSA* sobre a Petrobrás e a presidente Dilma Rousseff.

Esse escândalo ocorreu no meio do percurso acadêmico e chamou atenção de toda a mídia nacional e internacional. O caso teve grande repercussão e resultou em várias discussões a respeito da privacidade dos usuários e da ética das maiores empresas de comunicação digital, *Google* e *Facebook*. A partir daí os questionamentos que o Marketing Digital não conseguiria responder começaram a fazer sentido em uma outra lógica muito mais complexa que envolve Geopolítica, Economia e Jornalismo.

No final de março de 2014, me inscrevi em uma seleção para Trainee em uma empresa de Tecnologia da Informação (TI) sem pretensão nenhuma. *Trainees* são funcionários contratados por organizações, que decidem investir em treinamento para que os participantes possam assumir cargos de confiança após a conclusão do programa. Foram cinco etapas, que se estenderam por vários meses, e mais de quatro mil candidatos. Apenas dois foram selecionados e eu estava entre eles. Quando iniciei em meu novo trabalho fiz vários cursos sobre Tecnologia da Informação, tanto relacionados à área técnica como à de *Marketing*. Assim, foi possível entender mais profundamente as questões relacionadas à TI e à Comunicação.

Trabalhando com essas duas áreas do conhecimento pude entender o quão importante era tornar público o tema para a sociedade, principalmente no Brasil, onde ocorreram vazamentos de dados tão estratégicos para a soberania nacional. Entender a técnica e o que está por trás dela é essencial para discutir formas de proteger a privacidade do usuário e garantir a segurança do país.

> Vejo uma diferença no que descrevemos como a disseminação da tecnologia, porque, no caso do moinho e da prensa tipográfica, é necessário vê-los para entender como funcionam ao passo que agora estamos cada vez construindo o controle dentro da tecnologia. O controle já vem integrado. Se formos olhar um computador moderno, na maioria dos casos nem conseguimos abri-lo para ver todos os seus componentes. E esses componentes estão montados em pequenos compartimentos – não dá para saber o que eles fazem. (..) devido à complexidade e também porque essa é uma tecnologia que não é feita para ser entendida (ASSANGE, 2013; p.48).

Este cenário se agrava pelo fato de que o Brasil tende a ser um dos maiores produtores de dados até 2020. Segundo a pesquisa do *Internacional Data Corporation* (2014), os maiores criadores de dados no mundo hoje são países maduros como Japão, Estados Unidos e Alemanha, responsáveis por 60% do que está no Universo Digital. Porém, os países emergentes como Brasil, Rússia, China e México, serão os responsáveis por 70% dessa produção até 2020. Nesse contexto, o Brasil foi o responsável pela produção de 3% do total de dados no mundo em

2014. Em 2020, essa porcentagem chegará à 4%, considerando que o aumento da produção de dados será dez vezes maior do que o atual, segundo a pesquisa, nesse período. Esse estudo também apontou que atualmente metade das informações que deveriam estar protegidas, não estão. Além disso, os países emergentes são menos protegidos do que os maduros[1].

Essas informações não estão presentes no cotidiano das discussões comuns dos usuários. Apesar de termos conversação em redes sociais, alguns termos de difícil acesso ao conhecimento chegam através da mídia e esse é um caso que exemplifica isso. A mídia, que perdeu um pouco de sua função de mediadora central, assume-a de volta neste contexto. Afinal, todo o escândalo foi divulgado através dos jornais *The Guardian* e *The Washington Post*.

Ao trazer essas informações para a academia pude perceber o quão distante estávamos da discussão. Em 2014, fui convidada para abordar sobre TI e Comunicação para alunos da graduação em Comunicação da UFRN e, ao levantar essa discussão sobre segurança da informação em tempos de *Facebook*, percebi que muitos desconheciam o tamanho real do problema. Após esta experiência, foi possível reinterpretar os dados da proposta original à luz da problematização reconfigurada.

1.2 PROBLEMÁTICA

Diante do cenário apresentado, o qual encerra a crescente economia da informação, incentivo à produção de dados, falta de privacidade e segurança surgem alguns questionamentos pertinentes aos usuários e organizações brasileiras: como é pensada a proteção dos dados privados na internet? De quem são esses dados, do usuário ou das empresas de mídia digital? Como são refletidas questões de âmbito estratégico na área da informática, como marcos regulatórios e tecnologias pertencentes ao próprio país?

A denúncia de Edward Snowden sobre a espionagem americana direcionada não só aos brasileiros como também à Petrobrás e à Presidência do Brasil foi um marco na mídia nacional e internacional. Os veículos de comunicação divulgaram extensivamente o caso e seus desfechos. Logo após, quando o assunto esfriou, a Petrobrás foi alvo de várias denúncias e matérias de corrupção nos principais jornais brasileiros, que abordavam desde a compra da refinaria falida no Texas e, a mais recente, Operação Lava Jato. Embora não haja uma relação

[1] Disponível em: <http://brazil.emc.com/about/news/press/2014/20140409-01.htm> Acesso em: 10 mar. 2015.

formal entre os casos, a sintonia cronológica permite pensar no tipo de circulação de dados de companhias e administrações governamentais e no modo como isto impacta nas relações políticas nacionais e internacionais. Assim, buscamos constituir um conjunto de informações relativas aos casos que permitam refletir sobre aspectos quantitativos e sobretudo qualitativos da tematização pública sobre a circulação e armazenamento de dados.

Diante deste contexto objetivamos entender como o problema da segurança da informação no Brasil é tratado pela tematização pública, já que tais problemas podem afetar os aspectos políticos e econômicos do governo e das empresas brasileiras, utilizando como estudo de caso o vazamento de dados de Snowden.

O direcionamento desta pesquisa foi norteado pelos seguintes objetivos específicos:

- Discutir as noções conformadas pela circulação de temas como transmissão e arquivamento de dados na internet a partir desse caso;
- Examinar como são feitas as reflexões sobre questões de âmbito estratégico na área da informática, como marcos regulatórios e tecnologias pertencentes ao próprio país;
- Avaliar como a mídia brasileira abordou o caso e quais as repercussões da notícia no âmbito das relações internas e externas do país.

1.3 O PERCURSO METODOLÓGICO

Muitos são os caminhos que o tema desta dissertação poderia levar, desde estritamente relacionados a assuntos de outras áreas como Tecnologia da Informação e Geopolítica, até a um contexto puramente jornalístico. A junção desses âmbitos de estudos em um problema comum delimita as possibilidades de alcançar os objetivos propostos. É necessário vislumbrar que essa dissertação está alicerçada nos estudos da Comunicação, porém, o objeto de estudo é multidimensional e necessita de concepção complexa para que se possa compreendê-lo. Portanto, se faz indispensável o encontro desses contextos, repensados e apropriados para esclarecer o que concerne à problematização do objeto de estudo (BONIN, 2011). Deste modo, a metodologia da pesquisa é o alicerce pelo qual a dissertação é construída. É nesta dimensão que o caminho para esclarecer o problema de pesquisa é delineado (OLIVEIRA, 2005).

Os estudos da Comunicação não respondem mais a apenas um modelo epistemológico. Isso se deve ao fato de que as pesquisas realizadas nessa área buscam, na maioria das vezes, por aportes abstratos gerais que não conseguem dar conta da realidade do objeto. Esses aportes podem ser: leis e regularidades descritas em teorias de áreas próximas; conhecimentos de áreas distantes que, de tão importantes, são referências; e, conceitos abrangentes de elaborações ensaístas ou de especulação filosófica. Obviamente estes estudos são pertinentes na fundamentação de pesquisas da área, porém, a dependência em tais aportes pode levar a afirmações gerais, onde, hoje, precisamos perceber distinções finais (BRAGA, 2008).

Para que seja possível exaurir o conhecimento das múltiplas áreas abordadas nesta pesquisa e expandir a construção do campo comunicacional será utilizado o modelo epistemológico de estudo de caso e o paradigma indiciário de Carlo Ginzburg proposto por Braga (2008). A escolha pelo método de estudo de caso se deu pelo aspecto de ser um estudo aprofundado, com objetivo de buscar fundamentos e explicações para determinado fato ou fenômeno da realidade empírica (OLIVEIRA, 2005).

Entretanto, somente essa metodologia poderia levar ao problema de fraco tensionamento entre as bases teóricas e a empiria do objeto[2]. Portanto, a lógica indiciária é uma solução para que se possa chegar à percepção de realidades mais complexas sobre o fenômeno singular. O paradigma indiciário não é apenas uma técnica de coletar e descrever indícios, pois, vai muito

[2] Em algumas pesquisas o estudo de caso pode ser influenciado por perspectivas singulares, o que pode levar a dois caminhos: a empiria serve para confirmar uma base teórica pré-estabelecida ou a pesquisa é muito técnica e não consegue construir um conhecimento tensionador entre objeto e teorias (BRAGA, 2008).

além disso. Esse paradigma implica em fazer proposições a partir de dados singulares obtidos. O objetivo é remontar uma realidade complexa não experimentável diretamente. Para que isso possa ser feito é necessário avaliar que dado pode ser relevante e que conclusões podem ser feitas a partir das relações com a proposição buscada (BRAGA, 2008).

O objetivo do estudo de caso em paradigma indiciário não é voltado às premissas de tipicidade ou representatividade do fenômeno, mas na averiguação da possibilidade de existência, mesmo que sua frequência seja baixa, rara ou até mesmo única. O relevante, então, é buscar, através das pesquisas empíricas e teóricas, compreender as condições sociais desse caso. Para isso, o pesquisador deve questionar quais lógicas são importantes para o exercício do objeto e como essas lógicas se interagem com os demais processos sociais que caracterizam o fenômeno. Esses questionamentos devem ser respondidos através das conclusões da análise dos indícios, para perceber o que é da esfera comunicacional e o que é decorrente de cenários sociais de outras áreas. Então, a partir de um caso único, é possível fazer declarações teóricas mais gerais, através dos conhecimentos sobre as regras internas e das lógicas de contextualização (BRAGA, 2008).

Esse assunto pode ter várias perspectivas desde o estudo de como a mídia abordou questões sobre vírus de computadores à abordagem sobre invasões a contas de e-mail, dentre inúmeras outras. Com o propósito de fornecer uma visão geral e, ao mesmo tempo, profundada do fenômeno, o qual é mais abrangente do que questões como vírus ou invasões aleatórias, este estudo será delimitado no caso de Edward Snowden.

Segundo o método do Estudo de Caso, proposto por Braga (2008), faz parte da sistemática desse modelo: buscar indícios, decidir sua significância para o objeto e problema de pesquisa e associar grupos de indícios, gerando conclusões sobre o fenômeno. Isso deve ser realizado através da tríade empiria, bases teóricas e problema da pesquisa. A escolha pelo caso se deu não só por ser o maior vazamento de informações da agência de segurança dos Estados Unidos, como também por conter elementos que impactam diretamente o Brasil.

No episódio, provou-se que o governo americano espionava a presidência do Brasil, assim como a Petrobrás. Além disso, foi constatado que os representantes americanos, juntamente com empresas como *Google*, *Facebook*, *Microsoft*, *Dell*, entre outras, espionam dados não só de pessoas do mundo inteiro, como também de empresas. Esse acontecimento causa uma reflexão sobre tamanha vantagem que esse país apresenta em questões estratégicas em relação ao resto do mundo.

O vazamento de informações confidenciais da *NSA*, por Snowden, ocorreu através do Jornal The Guardian e a partir daí a notícia se espalhou em todos os veículos de comunicação (HARDING, 2014). Esse vazamento foi orquestrado por Snowden de maneira a obter discussão pela mídia e pelo público por mais tempo. Portanto, ele planejou a divulgação de vários acontecimentos em diferentes períodos, para que no momento em que um assunto esfriasse o outro entrasse em cena e novamente as discussões eram trazidas pela mídia e espalhadas pelos usuários. Dessa forma, estudar a circulação desse acontecimento faz sentido porque foi divulgado de forma estratégica pela mídia, pensada pelo ator e articulada pelos jornalistas e reconfigurada pelos internautas.

Ao analisar o acontecimento pelo viés da circulação foi possível perceber que tais assuntos já eram presentes no cotidiano, entretanto não tinham destaque na mídia. Quando Snowden revela os documentos secretos da *NSA*, esses acontecimentos ganham importância na mídia e na discussão públicas. Entendendo a Comunicação como um fluxo contínuo e adiante (BRAGA, 2012), é imprescindível visualizar como o acontecimento é reconfigurado e moldado pelas lógicas dos participantes, nas diversas fases da divulgação do acontecimento e na experiência pública causada pelo fenômeno. Os estudos da circulação (BRAGA, 2012; NETO, 2010), portanto, respondem às necessidades de identificar as tentativas dos participantes, como elas se cruzaram e como foram discutidas no âmbito social. Assim, analisaremos o circuito a partir das perspectivas relacionadas à fonte, mídia e repercussão.

Com intuito de ser uma pesquisa executável, delimitamos ainda mais o objeto. Afinal, o volume de notícias que o caso gerou foi elevado. "Nem todo o material de análise é susceptível de dar lugar a uma amostragem, e, nesse caso, mais vale abstermo-nos e reduzir o próprio universo se este for demasiado importante" (BARDIN, 2009, p.123). Para tanto, o material avaliado foi composto de notícias sobre o caso, divulgadas por *sites*, *blogs* e portais de notícias nos meios digitais, no período entre junho e julho de 2013. Esse período foi selecionado pelo fato de serem os dois primeiros meses da divulgação do escândalo e a época em que foram expostos os principais vazamentos, sendo eles: PRISM, VERIZON e a espionagem do governo americano ao Brasil.

1.4 ESTUDO DE CASO E A CIRCULAÇÃO MIDIÁTICA

Segundo Braga (2012) a comunicação é tentativa. Isso pode ser visualizado a partir de dois aspectos. O primeiro é que os episódios comunicacionais são probabilísticos, isso significa que um episódio não é algo que acontece fruto dele mesmo, ele é antecedido por fenômenos

que em determinada circunstância podem eclodir. O que pode acontecer de maneira intensa ou fraca, dependendo das variáveis em que este episódio ocorreu. Por isso há a necessidade de estudar as condições que levam a essa variação probabilística. No segundo aspecto, os processos comunicacionais são aproximativos, ou seja, podem ter maior ou menor precisão. Alguns podem ocorrer com elevado grau de informação e outros com superficialidade. Entretanto, não se deve pensar em uma comunicação perfeita ou nula, mas sim que o processo comunicacional é granular e a comunicação nula ou perfeita são os níveis extremos.

Analisar a comunicação como tentativa significa compreender seu processo e o resultado das transformações causadas por ela, o que nem sempre ocorre de modo positivo e controlado. Assim, é importante não confundir comunicação com comunicação bem-sucedida ou de boa qualidade, esses são critérios de sucesso. É necessário visualizar o processo comunicacional de maneira mais abrangente a fim de perceber os desvios, resultados estranhos e ineficácias. Os critérios de sucesso fazem parte do problema comunicacional. Esses critérios, são analisados de acordo com as questões que influenciam o processo (BRAGA, 2012).

Portanto, afirmar a comunicação como tentativa corresponde a percepção de que não só os produtores são ativos como também os receptores. Assim, o produto comunicacional circula de maneira incontrolável pelo emissor primário. Dessa forma, a circulação é concebida como o resultado das diversidades entre as lógicas de processos de produção e de recepção das mensagens (FAUSTO NETO, 2010).

Lidar com a concepção de circulação responde ao problema central ao trabalhar com os conceitos de produção e recepção: as zonas de indeterminação. Essas zonas são geradas em situações em que os receptores não correspondem às intenções dos emissores. Isso pode ocorrer de diversas formas, como, por exemplo, em situações em que o receptor reinterpreta e reproduz a mensagem de maneira criativa, causando o espalhamento da mesma de forma não controlada pelo emissor primário. Nesse caso, não é possível classificar a comunicação do evento como nula, já que não atingiu as expectativas do emissor, como também não é possível classificá-la como comunicação bem-sucedida, já que fugiu ao controle do que a fonte inicial esperava (FAUSTO NETO, 2010).

O conceito de circulação vai além das relações diretas entre produtor e receptor, ele engloba também as maneiras com que este último compartilha as reações ao que recebe. Portanto, ao trabalhar com esse conceito deve-se substituir a ênfase na produção e no produto por uma percepção mais ampla, a qual concebe a “Comunicação Social como um fluxo

incessante de ideias, injunções e expectativas que circulam em formas e reconfigurações sucessivas" (BRAGA,2012).

Portanto, ao relacionar o conceito de Comunicação como fluxo contínuo e adiante com o estudo de caso é possível verificar que os assuntos levantados por Snowden já estavam presentes no mundo, mas não tinham vindo a público porque faltava um acontecimento que permitisse que fossem visualizados. Assim, quando o caso eclode, ele vem à tona trazendo esses assuntos. Dessa maneira, quando Snowden aparece com documentos vazados, o vazamento se torna o acontecimento que permite que estes assuntos apareçam. O que este trabalho faz, é reunir a forma como estes assuntos se apresentam organizados pelo acontecimento que se manifesta com a revelação dos documentos vazados de Snowden.

Entendemos a revelação dos documentos secretos da NSA sobre a espionagem americana como acontecimento e não fato. Sobre acontecimento utilizaremos a perspectiva de França e Almeida (2008) a qual o define como "fenômeno de sentido que produz novidade ao introduzir um corte na superfície da normalidade, afetando sujeitos e provocando modificações" (p.05). Segundo os autores, não é adequado descrever acontecimento como fatos providos de sentidos. Fatos e acontecimentos não são elementos completamente diferentes, pois, acontecimentos são da ordem dos fatos, entretanto, os fatos não devem ser classificados como dotados ou desprovidos de sentidos. Isso ocorre porque é no âmbito da afetação e da experiência que os fatos se constituem como acontecimento. O que identifica um acontecimento é a forma como os fatos interferem na experiência de alguém e modifica sua atitude ou ação.

Os acontecimentos são eventos que quebram a ordem normal das coisas no mundo, o que afeta não só os responsáveis por essas transformações, como também aqueles que os experimentam. Assim, os acontecimentos introduzem o novo aos envolvidos, o que causa uma ruptura do passado e os estimula a buscar a harmonia quebrada. Tudo isso traz uma reflexão sobre as causas do acontecimento e o que será do futuro após ele, em um "presente acontecimental" (FRANÇA; ALMEIDA, 2008).

O acontecimento afeta aos sujeitos que são expostos a ele de maneira que modifica suas identidades, problematiza a consciência de si e suas visões de mundo, tensionando e atualizando as perspectivas pessoais. Os sujeitos não são apenas afetados, também enfrentam e oferecem respostas aos acontecimentos. Diante disso, há a constituição de um público que é tanto agente como paciente, pois ele sofre e é afetado pelo acontecimento, da mesma que forma que ao ser confrontado por um evento faz escolhas, reage e toma decisões. A experiência coletiva sobre

um acontecimento configura-se, então, como uma ação ativa na qual os sujeitos se integram ao mundo e atuam sobre ele (FRANÇA; ALMEIDA, 2008).

Para que seja possível estudar o acontecimento, seus processadores e as experiências vividas pelo público afetado é necessário analisar o estudo de caso pelo viés da circulação. Dessa forma, é imprescindível distinguir as tentativas dos participantes e as tentativas sociais que se atualizam a cada episódio interacional para chegar ao contexto processual. No caso de Snowden, por exemplo, cada participante tinha um objetivo, principalmente ele. A ideia não é medir a eficácia do que Snowden queria falar, ou do que a mídia quis divulgar, ou ainda, o que as pessoas tentaram afirmar em seus comentários e nas reações ao caso. Mas, como todas essas tentativas se cruzaram e o que disso se tornou socialmente discutido. Consequentemente, o circuito será composto por três grandes eixos que se desenvolvem: fonte, mídia e repercussão (BRAGA, 2012).

Para que seja possível alcançar os objetivos propostos nesse trabalho – os quais se resumem em: discutir as noções conformadas pela circulação dos temas transmissão e arquivamento de dados na internet; examinar como são feitas as reflexões sobre questões de âmbito estratégico na área da informática e avaliar como a mídia brasileira abordou o caso – utilizaremos a metodologia da pesquisa exploratória com abordagem qualitativa. Este modelo, associado ao estudo de caso proposto, é o primeiro passo para que se possa produzir a visão geral do fenômeno. Esse tipo de pesquisa exige um denso levantamento bibliográfico, análise de documentos e observações de fatos (OLIVEIRA, 2005). Esse levantamento teórico foi realizado a partir de três eixos: Tecnologia da Informação e as relações de poder no contexto internacional, *Circulação* do caso Snowden no Brasil e, por fim, práticas sociais consequentes do caso.

Aliado aos procedimentos metodológicos citados acima, utilizamos a análise de conteúdo, com base no modelo de análise de dados qualitativos de Bardin (2009), Oliveira (2008), Meireles e Cedón (2010), com objetivo de coleta e análise dos indícios do objeto de pesquisa.

A coleta iniciou com a pesquisa na ferramenta *Google Notícias* através das palavras chave Edward Snowden. Para que aparecessem apenas notícias do período de recorte do objeto, junho e julho de 20130, foi selecionado o intervalo temporal na opção de ferramentas de pesquisa. Todas as notícias foram organizadas em duas planilhas. A primeira tinha o objetivo de organizar os *links*, as origens (qual mídia pertencia e se o conteúdo era oriundo de agência de notícias), data de publicação e compartilhamento social. A segunda tinha o objetivo de

caracterizar quais temas apareceram mais na amostra. Ao realizar a primeira análise geral, foi possível identificar alguns padrões relacionados às publicações, esses padrões eram pertinentes com a pesquisa exploratória sobre o caso. Um exemplo refere-se ao grande volume de notícias relacionadas ao perfil de Snowden logo após ele revelar sua identidade. Diante do material organizado e dos estudos sobre circulação e acontecimento foi possível realizar a análise sobre os temas e unidades de referência.

1.4.1 Contextualização do caso

Tudo começou no dia 06 de junho de 2013, quando o Jornal The Guardian divulgou que a *National Security Agency – NSA* intercepta e coleta os meta-dados de todas as ligações telefônicas dos consumidores da Verizon, uma das maiores empresas de telecomunicações dos Estados Unidos. Apesar de não coletar a ligação em si, com a informação dos meta-dados é possível obter os números de ambas as partes, saber quem ligou, a localização, a hora e a duração da chamada. Isso foi um grande escândalo para o governo de Obama, que criticou duramente os métodos de investigação da guerra contra o terror de Bush. Com esse vazamento foi descoberto que na gestão do atual presidente americano foram coletados milhões de registros telefônicos de cidadãos que não possuem nenhum tipo de ligação criminal (GREENWALD, 2013).

No dia 07 de junho, apenas um dia após o escândalo Verizon, os jornais The Guardian e The Washington Post revelaram mais documentos secretos da *NSA* que abalaram a credibilidade das maiores empresas da internet e as relações internacionais dos Estados Unidos. Segundo esses documentos, a Agência espionava não só os americanos, como também os cidadãos de todo o mundo através do programa PRISM. Com esse programa, a *NSA* teve acesso a todos os dados dos usuários das empresas: *Microsoft, Apple, Google, Facebook, Youtube, Paltalk, Skype, AOL e Yahoo*. Esse escândalo também atingiu o Reino Unido, segundo os documentos revelados, GCHQ, agência britânica equivalente à *NSA*, utilizava o programa junto com os EUA para espionar os cidadãos do mundo inteiro (GELLMAN; POITRAS, 2013).

Ambos programas encontram respaldo legal em uma seção altamente controversa do Ato Patriótico, aprovado pelos EUA após os ataques do 11 de Setembro. Para espionar os dados dos usuários dessas empresas o FBI (polícia federal americana) faz um pedido à Corte de Vigilância de Inteligência Externa (FISA, na sigla em inglês), renovado de três em três meses, com conhecimento do Congresso. Entretanto, é impossível aprovar os pedidos, afinal o volume

de dados dos cidadãos do mundo inteiro que a *NSA* coleta e a rapidez com que os analisa, faz com que essa aprovação pelo congresso seja algo inviável (GREENWALD, 2013).

Pouco tempo depois, no dia 09 de junho, Snowden assumiu a responsabilidade pelos vazamentos dos documentos da *NSA.* Para que pudesse revelar sua identidade sem ser preso pelos Estados Unidos, Snowden pediu licença de seu trabalho na empresa Booz Allen Hamilton, onde trabalhava para *NSA*, para cuidar de sua saúde, pois sofre de Epilepsia. Ele saiu do Havaí (onde morava) para Hong Kong, local em que revelou os documentos secretos da agência americana. Segundo ele, seu objetivo era que o foco do assunto fosse os documentos e o debate público sobre a vigilância dos cidadãos, porém a mídia divulgou extensivamente seu perfil, histórico profissional, relacionamentos e passado. Vários jornais tentaram transformá-lo em herói ou vilão. "Em entrevista ao The Guardian no domingo, Snowden revelou sua identidade e disse que queria evitar os holofotes da imprensa. 'Não quero que a história seja sobre mim. Quero que seja sobre o que o governo americano está fazendo' [afirmou ele]." (CARVALHO, 2013).

Logo em seguida à revelação de sua identidade, começou a caçada dos Estados Unidos a Snowden. Assim que assumiu a responsabilidade, o governo americano o acusou de espionagem, revogou seu passaporte e pediu sua extradição a Hong Kong. Porém, logo que se revelou, Snowden saiu do hotel e demorou alguns dias até ser visto novamente, o que deixou o governo americano ainda mais irritado. Mesmo durante o seu desaparecimento, o ex-agente manteve contato com a imprensa chinesa e revelou ao jornal South China Morning Post que a *NSA* espionava os computadores chineses desde 2009 (GIDDA, 2013).

Auxiliado por Julian Assange do Wikileaks, Snowden conseguiu documento de refugiado emitido pelo Equador, e isso lhe permitiu sair de Hong Kong para a Rússia no dia 29 de junho. Durante esse percurso, ele pediu asilo a mais de 20 países, porém apenas Venezuela, Bolívia e Nicarágua aceitaram o pedido. Os países: Brasil, Índia, Noruega e Polônia recusaram o pedido de asilo enquanto que Equador, Áustria, Finlândia, Alemanha, Irlanda, Países Baixos, Noruega, Polónia, Espanha e Suíça disseram que para conseguir o asilo o a solicitação deveria ser realizada dentro dos respectivos territórios (GIDDA, 2013).

Como não era seguro para Snowden viajar para os países da América Latina, tendo em vista que os Estados Unidos usaram toda sua influência para que os países aliados recusassem o pedido de asilo e o extraditassem, o ex-analista da *CIA* ficou impossibilitado de sair do aeroporto de Moscou. No dia 01 de julho, Snowden pediu asilo à Rússia. Putin disse que não

iria extraditá-lo, entretanto só daria asilo, caso ele parasse de expor os documentos secretos americanos (GIDDA, 2013).

Na mesma época, o presidente da Bolívia, Evo Morales, foi à Rússia para assistir a à cúpula dos países produtores de gás. No percurso de volta à América Latina, foi impedido de sobrevoar e pousar em quatro países europeus – França, Itália, Espanha e Portugal. A causa do impedimento foi a desconfiança por parte dos Estados Unidos de que Snowden estaria no avião. Assim, Morales foi obrigado a desviar sua rota por proibição de sobrevoo em territórios de países europeus, que atenderam à pressão de Washington. Por causa disso, o presidente boliviano teve que aterrissar na Áustria, onde ficou preso por 12 horas enquanto seu avião era revistado. O caso gerou uma crise de relações internacionais entre a América do Sul, esses países europeus e os Estados Unidos (GIRALDI, 2013).

No dia 07 de julho, mais um escândalo é noticiado, dessa vez envolvendo diretamente o Brasil. Nessa data, o Fantástico e o Jornal O Globo divulgaram que o Brasil é um dos principais alvos da espionagem americana. A notícia envolvia os programas de espionagem *PRISM*, *FAIRVIEW* e o *softwarede análise X-Keyscore* (FANTÁSTICO, 2013)[3]. O *PRISM* foi um dos primeiros vazamentos de Snowden e já era de conhecimento do público. Porém, coletar os dados das grandes empresas de mídia digital não era o suficiente para os Estados Unidos ter acesso a todos os dados dos cidadãos do mundo. Para isso, o *FAIRVIEW* foi criado com o intuito de coletar informações em massa de estrangeiros (GREENWALD; KAZ; CASADO, 2013).

O programa era realizado com parceiros comerciais, os quais tinham negócios com empresas de telecomunicações de todas as partes do mundo, o que os dava acesso a cabos, roteadores e *switches* internacionais. O objetivo era selecionar alvos em que há intenso tráfego de dados para interceptá-los. Desse modo, o governo americano conseguia coletar um alto volume de meta-dados de todas as partes do mundo, inclusive do Brasil (GREENWALD, 2013).

Entretanto, não adianta coletar todo esse volume de dados sem ter como analisá-los e transformá-los em informação estratégica, para isso, a *NSA* desenvolveu um software que lida com *Big Data* chamado *X-Keyscore*. Esse programa captura o gigantesco volume de dados interceptado pelos americanos e os analisa para extrair a informação necessária. Como o volume de dados captados é grande, eles só ficam no sistema durante três dias, mas as informações extraídas ficam em outro banco de dados permanente (GRECO, 2013).

---

[3] FANTÁSTICO. **"Brasil é um grande alvo", diz jornalista sobre vigilância dos EUA**. Rio de Janeiro. 07 jul. 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2013/07/brasil-e-um-grande-alvo-diz-jornalista-que-divulgou-denuncias-de-espionagem-americana.html>. Acesso em: 12 fev. 2015.

> O sistema teria 500 ou 700 servidores (os dois números aparecem na apresentação) em 150 locais ao redor do mundo, rodando o sistema operacional Linux. Um mapa traz esses lugares assinalados. Um deles aparece na localização aproximada de Brasília, indicando que o X-Keyscore também coleta informações no Brasil (GRECO, 2013).

Apesar de todas essas informações, o grande assunto desse escândalo não foi a tecnologia utilizada para coleta e análise dos dados, mas que o Brasil era o grande foco da espionagem. Segundo o jornal O Globo e a revista eletrônica Fantástico, o Brasil é um dos países que os americanos mais coletam informações, ficando atrás apenas do próprio Estados Unidos.

> O Brasil, com extensas redes públicas e privadas digitalizadas, operadas por grandes companhias de telecomunicações e de internet, aparece destacado em mapas da agência americana como alvo prioritário no tráfego de telefonia e dados (origem e destino), ao lado de nações como China, Rússia, Irã e Paquistão. É incerto o número de pessoas e empresas espionadas no Brasil. Mas há evidências de que o volume de dados capturados pelo sistema de filtragem nas redes locais de telefonia e internet é constante e em grande escala (GREENWALD; KAZ; CASADO, 2013).

Esse fato se agravou ainda mais pelo motivo de não existir lei nos Estados Unidos que trate do assunto relacionado aos dados privados dos estrangeiros, apenas os americanos possuem direito à privacidade, pois, para investigá-los, teoricamente, a *NSA* precisa de autorização judicial. Foi a partir daí que começou o questionamento sobre a necessidade de legislação internacional sobre privacidade e de uma normatização interna em cada país.

Como resposta às denúncias, a presidente Dilma disse que a espionagem era uma violação da soberania do país e dos Direitos Humanos. O governo abriu investigação com a Polícia Federal e a Agência Nacional de Telecomunicações com objetivo de apurar se as empresas de telecomunicações sediadas no Brasil violaram o sigilo dos clientes. O embaixador americano negou a espionagem e disse ao ministro das comunicações Paulo Bernardo que os Estados Unidos não coletam detalhes das comunicações brasileiras, apenas monitoram através dos meta-dados. Os detalhes mencionados pelo embaixador é o conteúdo em si da ligação, ele não negou a coleta dos meta-dados de ligações de brasileiros. O governo Brasileiro não aceitou essa resposta e, juntamente com o planalto, acelerou a aprovação do Marco Civil da Internet (BOM DIA BRASIL, 2013)[4].

[4] BOM DIA BRASIL. **Governo brasileiro abre investigação para apurar espionagem americana. Rio de Janeiro**, p. 1-5. 09 jul. 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2013/07/governo-brasileiro-abre-investigacao-para-apurar-espionagem-americana.html>. Acesso em: 01 fev. 2015.

O Marco Civil da Internet foi destaque em várias notícias, pois entre as exigências relacionadas à proteção de dados estava a obrigatoriedade de que os dados dos brasileiros devem ser guardados em *Data Centers* localizados no Brasil. Para complementá-lo, o governo iniciou a construção de um cabo de fibra ótica que deverá passar pela Europa e África, com intuito de evitar o tráfego de dados pelo território americano. O governo também prometeu estudar as políticas de privacidade das empresas de mídia digital como *Google* e *Facebook* para proteger as liberdades individuais e a privacidade dos cidadãos (VEJA, 2013)[5].

O Brasil levou o caso à ONU e solicitou à União Internacional de Telecomunicações, setor da ONU para temas relacionados à Tecnologia da Informação, que a governança internacional da internet seja assumida pela ONU e não mais pelos Estados Unidos (VEJA, 2013).

> O problema é que a internet tem regras de governança exclusivamente ditadas pelos EUA, por meio de uma entidade privada ligada ao Departamento do Comércio. Temos defendido que é preciso ter governança multilateral e multissetorial. Países e sociedades têm que estar representados. Mas os EUA resistem muito e barram qualquer tentativa de discussão em fóruns internacionais (VEJA, 2013).

Diante desse cenário, o relacionamento entre o Brasil e os Estados Unidos ficou desgastado. Uma semana após o escândalo da espionagem americana no Brasil, o ministro das relações exteriores Antônio Patriota exigiu informações oficiais do governo dos Estados Unidos e afirmou que os esclarecimentos fornecidos até aquele momento eram insuficientes. Somente no dia 19 de julho, o vice-presidente americano Joseph Biden entrou em contato com Dilma Rousseff e lamentou o caso de espionagem. Ele convidou uma delegação brasileira para ir aos Estados Unidos conhecer os detalhes técnicos dos programas de vigilância que o país realiza. Além disso, reiterou o convite para que Dilma se encontrasse com Obama em Washington no dia 23 de outubro. O governo Brasileiro aceitou o convite (TERRA, 2013)[6].

Com a sintetização da pesquisa foi possível concluir que apesar da intensa discussão gerada pelo caso Snowden que resultou na aprovação do Marco Civil da Internet, questões como a necessidade de preservar o usuário da venda de seus dados pessoais, as políticas de privacidade e os contratos de adesão da internet e a utilização dos dados contra o próprio usuário

---

[5] VEJA. **Governo quer obrigar gigantes da internet a armazenar dados no Brasil**. 14 jul. 2013. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/mundo/governo-obrigara-empresas-de-internet-a-armazenarem-seus-dados-no-pais/>. Acesso em: 1 mar. 2015.

[6] TERRA. **Biden telefona para Dilma e "lamenta" caso de espionagem**. São Paulo. 19 jul. 2013. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/brasil/politica/biden-telefona-para-dilma-e-lamenta-caso-de-espionagem,c481e7c8562ff310VgnCLD2000000dc6eb0aRCRD.html>. Acesso em: 01 mar. 2015.

não tiveram evidência na cobertura. O foco da mídia brasileira se deu nas relações políticas entre Brasil e Estados Unidos e nos assuntos técnicos sem a devida contextualização ao leitor.

2 QUESTÕES INTERNACIONAIS NA RECONFIGURAÇÃO DO TRATAMENTO DOS DADOS

Esse capítulo é uma análise teórica e de contexto acerca das lógicas do mercado da informação. O estudo trata sobre transmissão e armazenamento para então discorrer acerca do mercado da informação. Para tanto, serão abordadas as perspectivas técnicas relacionadas à transmissão e armazenamento de dados, baseadas nos estudos de Taurion (2009) e Assange (2013), como também os conceitos relacionados à Sociedade em Rede de Castells (2003) e Novas Mídias de Cardoso (2007). A respeito do mercado da informação serão analisados os temas: Mercantilização das Diferenças de Boltanski e Chiapello (2009) aliado a perspectiva da Economia Digital de Cris Anderson (2009).

2.1 POR QUE PRODUZIMOS TANTA INFORMAÇÃO?

"Guerra é paz. Liberdade é escravidão. Ignorância é força".
George Orwell, livro 1984.

Vivemos em uma sociedade caracterizada pela intensa produção de dados. Três fatores são essenciais para isso: o poder de processamento de computadores, armazenamento digital e largura de banda. Cada dia que passa essas três tecnologias aumentam suas capacidades, ao mesmo tempo em que o preço de cada uma delas cai. Isso significa que ao contrário das tendências de inflação da maior parte dos produtos físicos nos mercados tradicionais, a internet e a produção digital estão em deflação constante. Um exemplo clássico é o *transistor*[7] que, em 1961, custava $10, apenas dois anos mais tarde o preço caiu pela metade. Em 1965, esse valor já tinha chegado a $2,50 e, dez anos depois, atingiu a cotação de $ 0,01. Atualmente um processador da Intel, que contêm aproximadamente dois bilhões de transistores, custa em média $300, ou seja, cada *transistor* tem o preço de aproximadamente 0,000015 centavos de dólar. Isso não denota que essas tecnologias serão grátis no futuro, as empresas e organizações ainda gastam fortunas para manter seus *data centers* com equipamentos atualizados. O que se pode concluir é que, a cada ano que passa, essas máquinas têm maior capacidade computacional e conseguem atender a um número maior de usuários. Assim, mesmo que o preço caia cada vez mais, as necessidades desse comprador são cada vez maiores e ele precisa de mais capacidade

[7] "O *transistor* é a base da computação moderna, pois ele é o responsável pelo controle do fluxo de eletricidade e, por consequência, do fluxo de dados que transita pelos circuitos dos diversos tipos de equipamentos eletrônicos, sem esquecer de mencionar os processadores, que são os maiores usuários dessa tecnologia" (HAUTSCH, 2010).

computacional. Portanto, a oferta sempre aumenta na mesma proporção da queda do valor. Os fabricantes lucram, pois, as pessoas são estimuladas a utilizar tecnologia e produzir informação (ANDERSON, 2009)[8].

Direta ou indiretamente, todas as pessoas que acessam a internet têm conta no banco, fazem compras com o cartão, trabalham em um computador ou dependem de algum para realizar o seu serviço, utilizam smartphones, GPS e etc. Enfim, estão ligadas a algum ou vários *data centers*. Um data center é onde está toda a capacidade computacional de uma empresa, isso inclui tanto *hardware* como *software*[9]. Os elementos físicos fundamentais de um data center são: servidor (capacidade de processador), armazenamento (pode ser disco ou fita) e rede. Eles são gerenciados pelos sistemas lógicos compostos por aplicações como: sistema operacional (*Windows* ou *Linux*), sistema de gerenciamento de banco de dados (*Oracle* ou *Mysql*) e outros *softwares* que vão de acordo com a necessidade da organização. Todos esses elementos juntos são os responsáveis pelo processamento de dados. Esses dados podem ser de dois tipos: estruturados e não-estruturados. O primeiro são dados que estão organizados de acordo com a lógica de um sistema de banco de dados. Já o segundo, são dados que não estão organizados e precisam de contexto para ser analisados. Além disso, eles geralmente são definidos pelos meta-dados, que são descrições sobre o tipo de arquivo, como, por exemplo: data de criação, modificação, autor e tamanho do arquivo. Dados não-estruturados são músicas, arquivos de imagem, documentos do Word. Os algoritmos analisam os meta-dados, assim como o contexto em que foi produzido, para traduzir em informação (EMC, 2012).

Os primeiros data centers eram arquitetados de forma em que uma máquina seria provisionada apenas para uma aplicação. Isso significa que se uma empresa utilizava um software que exigisse apenas 10% da capacidade mínima de uma máquina configurada, essa máquina teria 90% de sua capacidade subutilizada. Na arquitetura de um data center moderno todos os recursos físicos são extraídos através da virtualização para que sejam provisionados os recursos de acordo com as aplicações. Em um processador físico, por exemplo, pode rodar várias máquinas virtuais até que sua capacidade se esgote. A ideia é que não é o componente físico que determina o desenvolvimento dos *softwares* de um *data center*, mas sim o *software* que define o ambiente. Com o desenvolvimento da virtualização de data centers, surgiu uma

[8] Cris Anderson é autor do livro "*Free*: O futuro dos preços". Nesta obra ele demonstra acreditar que a internet é grátis, apesar de alegar que a informação é o que pagamos para ter serviços como o *Google* e o *Facebook* em uma transação que ele denomina de subsídio cruzado.

[9]Hardware são os componentes físicos como processador, discos rígidos, memória. E software são os componentes lógicos como sistema operacional, aplicação SAP, Oracle, etc. Juntos compõem um data center.

necessidade cada vez maior de um sistema de gerenciamento desse *pool* de recursos físicos virtualizados. Foi assim que a *Cloud Computing* começou a ser desenhada (EMC, 2012)[10].

A computação em nuvem pode ser definida como "um conjunto de recursos como capacidade de processamento, armazenamento, conectividade, plataformas, aplicações e serviços disponibilizados na internet" (TAURION, 2009, p.2). A nuvem cria uma ilusão de que os recursos são infinitos. Pois, uma de suas características é a de que não é possível saber em que computador, nem onde o dado está sendo processado e isso pode ocorrer até em vários data centers ao mesmo momento. Um fato é certo, se um usuário utiliza os serviços da nuvem, por mais que não seja possível ver a máquina que está realizando o processamento do dado, aquela informação está em alguma máquina em algum lugar (TAURION, 2009).

As nuvens podem ser de quatro tipos: privada, compartilhada, pública e híbrida. A primeira é construída por uma empresa para uso interno, ela é mais segura que as outras, porém o custo é mais elevado. A segunda é arquitetada por várias organizações para uso das mesmas, ou seja, ela não é vendida para usuários externos a essas organizações, nem de uso exclusivo de uma. A pública são nuvens criadas por empresas com objetivo de vender para pessoas e/ou empresas utilizarem. Esse tipo é mais barato do que as demais, porém o risco de vazamento de informações é maior. Exemplos de nuvens públicas são: *Google Drive, Amazon, One Drive* (*Microsoft*). O último tipo de *cloud* é a híbrida, ela é a mistura da privada com a pública, nesse caso, algumas aplicações são estritas ao ambiente privado e outras podem ser colocadas em nuvem pública. Um exemplo são empresas que possuem toda sua estrutura de aplicações na nuvem privada, porém o e-mail está na plataforma do *Google* (EMC, 2012).

A nuvem pública é a forma mais comum e utilizada atualmente. Este serviço está cada vez mais intrínseco nos produtos que são vendidos, tais como computadores pessoais e smartphones. Por exemplo, quem compra um *iphone* será obrigado a ter uma *icloud* para que possa usar todas as ferramentas que a *Apple* disponibiliza ao usuário. Neste caso, todos os dados como fotos, agenda, contatos ficam armazenados na nuvem do fabricante e mesmo que o usuário perca o aparelho, ele só precisa da internet para resgatar seus arquivos. O grande problema é que todos os dados desse cliente, não só os que ele optou por guardar na nuvem, mas também tudo o que ele fez no *smartphone*, está em um algum data center remoto controlado pela *Apple*, em algum país com leis de informação que o usuário desconhece. Portanto, este indivíduo não tem controle total sobre seus dados, este domínio é da *Apple* (ASSANGE, 2013).

[10]Por ser um assunto técnico, a fonte citada foi a melhor referência encontrada para explicar sobre o tema. É necessário discorrer sobre como funciona o sistema para poder abordar questões mais reflexivas acerca do objeto de estudo, o qual será desenvolvido utilizando conteúdos de vários autores.

Este cenário é ainda mais agravante pelo fato de que a cada dia as pessoas são incentivadas a produzir cada vez mais dados. Segundo estudo da *International Data Corporation* - IDC (2014), a produção de dados cresce 40% ao ano. Em 2013, o volume de dados produzidos no planeta foi de 4,4 ZB, de acordo com a previsão desse estudo em 2020 chegaremos a 44 ZB[11]. Todo esse universo digital é produzido por pessoas e empresas, as quais realizam todas as suas atividades *online*, e também pelas "coisas". Chamamos de "coisas" os dispositivos inteligentes conectados à internet – como, por exemplo carro, geladeira ou televisão – que automatizam cada vez mais as tarefas dos usuários. Seguindo a mesma tendência do aumento dessa produção, a pesquisa também mostrou que a porcentagem de dados que poderão ser organizados e analisados aumentará de 22% para 37% até 2020. Pode-se concluir que, se os dados irão aumentar cerca de dez vezes de 2013 até 2020, o processamento atingirá índices elevados.

Esse volume de dados gerou o fenômeno conhecido como *Big Data*. Para decifrar e analisar todo o conteúdo produzido atualmente foi desenvolvido um conjunto de soluções tecnológicas capaz de lidar com dados digitais em volume, variedade e velocidade, software de inteligência de negócios – *BI* (sigla em inglês) - composto por algoritmos. Em poucos segundos, os algoritmos analisam dados não-estruturados e decifram comportamentos e tendências dos produtores de dados (PETRY, 2013). Para isso, esse software precisa processar grandes volumes de informação em um curto espaço de tempo, quase instantaneamente, e oferecer a informação em qualquer lugar e dispositivo. Todos esses dados produzidos ficam em nuvens virtuais, que estão hospedadas e protegidas em data centers privados ao redor do mundo.

As duas maiores empresas de mídia digital, *Google* e *Facebook*, utilizam os dados da *Big Data* para incrementar os lucros por intermédio do software de *BI*. Esse tipo de aplicação é capaz de analisar uma grande quantidade de volume de dados e transformá-los em informações estratégicas para a tomada de decisão. Um dos exemplos de *BI* do *Google* são as ferramentas de busca, o *Adwords* e o *Analytics* (JARVIS, 2010).

O *Facebook* também possui ferramenta de *BI* e a disponibiliza para os clientes que compram publicidade. Através dessa ferramenta do *Facebook*, o cliente pode escolher diversas variáveis de públicos para apresentar sua publicidade. Essa ferramenta analisa todos os dados e publicações dos usuários da rede social e, através de algoritmos, apresenta várias informações

[11] "Assim como o universo físico, o universo digital é enorme – em 2020 teremos tantos bits digitais como estrelas no universo. A cada dois anos o volume de dados dobra seu tamanho e até 2020 o universo digital - os dados que criamos e copiamos anualmente – alcançará 44 zettabytes, ou 44 trilhões de gigabytes". Disponível em: <http://brazil.emc.com/leadership/digital-universe/2014iview/executive-summary.htm> Acesso em 02 fev. 2015.

para a tomada de decisão sobre veiculação para esses públicos. Além dessa ferramenta, o *Facebook* criou o *Insights*, que apresenta todos os resultados das postagens e dos anúncios. Nesses dois casos citados, as empresas utilizam as ferramentas de *BI* para analisar os dados de seus usuários e vender informações estratégicas para seus anunciantes (CARTER, 2011).

2.2 A INFORMAÇÃO EM REDE

A origem dessa pesquisa está na minha curiosidade acerca da sociedade em rede, uma sociedade em que a produção, processamento e socialização de certo tipo de conhecimento, e mesmo de valor, tende a ser o que chamamos de imaterial e altamente influenciada pela evolução da tecnologia das comunicações. A despeito da sociedade industrial, cujo regime fordista, taylorista e keynesiano estabelecia o paradigma de produção, processamento e socialização não apenas de produtos mercantis ou industriais, mas inclusive a produção de saberes.

Para resumir, podemos asseverar que devido a essa mudança de paradigmas surgiu o termo "novas mídias". Esse termo é definido como todos os meios de comunicação, representação e conhecimento em que há digitalização de sinal e do seu conteúdo, que possuem dimensões multimídia e interatividade. O nome "nova" subentende que há mídias cronologicamente mais antigas e com diferenças. A novidade não são suas características - convergência digital, comunicação de muitos para muitos, interatividade, globalização e virtualidade – e sim a conjugação em uma mesma base tecnológica. Portanto, as novas mídias são mídias - por darem forma a conteúdos discursivamente e serem mediadores da comunicação - e novas porque incorporam novas dimensões tecnológicas, combinam em uma mesma plataforma a comunicação em massa e a comunicação interpessoal, promovem novas audiências e ferramentas da reconstrução social (CARDOSO, 2007).

A produção de valor dessa sociedade é a informação e quanto mais informação produz mais mercados com liquidez surgem. A informação é abundante, pois produção colaborativa produz e divulga cada vez mais conteúdo tornando-se um universo em expansão e, ao mesmo tempo, a informação valiosa se perde. Pois, nesse universo de conteúdo, a liberdade seria o caos e para evitar o caos e organizar todas as informações as ferramentas cobram o preço da privacidade e decidem o que deve ser visto por cada usuário (CASTELLS, 2003).

Ao final da década de 60 e início da década de 70, o capitalismo assumiu uma nova característica como resposta à intensa reivindicação da diferenciação e de desmassificação denominada de mercantilização da diferença. Essa nova roupagem transformou bens e práticas,

que antes ficavam fora da esfera de mercado (razão pela qual eram considerados autênticos), em produtos com incidência de preços e troca. O objetivo era reduzir a impressão de massificação e propor produtos que tivessem vida mais curta com atualização constante em oposição aos produtos padronizados do *fordismo*. Isso foi usado como estratégia dos empresários para evitar a saturação do mercado e penetrar domínios como lazer, turismo e atividades culturais que até então tinham ficado de fora da grande circulação comercial (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009).

> A possibilidade de mercantilizar as diferenças dá, assim, início a uma nova era da suspeita. Pois, embora fosse relativamente fácil fazer a distinção entre um objeto artesanal e um produto fabricado em massa, entre um trabalhador "massificado" e um artista "livre", como saber se uma coisa, um acontecimento ou um sentimento é manifestação da espontaneidade da vida ou resultado de um processo premeditado que tenha em vista transformar um bem "autêntico" em mercadoria? (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009, p. 449).

Com a tecnologia digital ocorreu o mesmo processo, pois foi possível transformar mercados sem liquidez em mercados com liquidez, em que cada consumidor encontra um produto para comprar que seja diferente e único de acordo com seu gosto. Isso foi o que Chris Anderson (2006) chamou de a "Cauda Longa", este termo se refere ao gráfico de compras online, no topo há os *hits*, que são os campeões de venda, e na base os mercados de nichos da internet. Os *hits* sempre venderam muito, mas atualmente as vendas não são como antes. Isso porque parte desse mercado está indo em busca de novas ofertas que a cauda longa possibilita. Analisando a base dessa cauda estima-se um mercado maior que os hits. Isso só é possível porque o espaço físico, que é caro e possui manutenção dispendiosa, cedeu lugar ao espaço digital, onde o preço de armazenamento cada vez é menor. Nesse espaço é possível que cada produto encontre seu comprador e cada comprador encontre seu produto, mesmo que a demanda seja baixa.

A Mercantilização da Diferença está presente na informação da sociedade em rede, através dos algoritmos. *Softwares* que decidem o que é relevante ou não para o consumidor e quem ou o que se encaixa no perfil de cada usuário, transformando pessoas em estatísticas, categorizando-as em grupos, perfis e estilos. Com a nova tecnologia, é possível medir os padrões de consumo, as inclinações e as preferências de todo um mercado de consumidores em tempo real e, com a mesma rapidez, ajustar-se a tais condições para melhor atender esse público (ANDERSON, 2006).

Este cenário tecnológico só é possível através da produção constante de informações e, para isso, os usuários são incentivados a interagir em sites como *Facebook* e *Google*. "Pela primeira vez uma tecnologia apresenta o mesmo padrão para as comunicações interpessoais e de massa" (CARDOSO, 2007, p.110). Fazendo uma referência à televisão, é como se da mesma forma que o telespectador vê a propaganda de um produto de limpeza na tela, ele também está na televisão falando sobre sua vida pessoal. Isso é a internet, porém cada pessoa tem uma programação nessa televisão de acordo com o histórico de publicação nessa mídia. No lugar de editores de jornal, há os algoritmos, selecionando e dizendo suas preferências e o que você pode querer comprar.

> A criptografia é uma tecnologia ambígua porque, ao mesmo tempo em que pode preservar a confidencialidade, é também a base para tecnologias avançadas de identificação. Ela permite o desenvolvimento de assinaturas digitais certificadas, que, depois que passarem a ser exigidas de maneira generalizada, eliminarão o anonimato na internet, já que se exigirá de todo cachorro que se registre como cachorro para ter acesso a uma vida de cachorro - do contrário terminará com os gatos de sua cibervizinhança (CASTELLS, 2003, p.142).

O marco da economia das novas mídias foi na década de 90 quando surgiu o *Google*. Antes, a internet era um grande universo de informações sobre todo o tipo de coisa, produzida por todos em um caótico meio. Algumas ferramentas de buscas haviam tentado organizar o caos sem sucesso como foi o caso do *Altavista*, *Yahoo* e o *Exite*, os quais focavam suas ferramentas apenas de acordo com a relevância de palavras-chave. O grande problema é que o volume de informações produzidas pela web era muito maior do que a capacidade de pesquisa. Os resultados continuavam sendo irrelevantes. Em 1998 surge o *Google*, uma ferramenta que consistia em algoritmos e reputação. A reputação é a base dessa nova economia, quanto mais conexões um nó possuir maior é o seu valor[12].

> A classificação das páginas (*PageRank*) confia na natureza excepcionalmente democrática da web, usando sua vasta estrutura de links como um indicador do valor da página individual. Essencialmente, o *Google* interpreta um link da página A para a página B como um voto da página A para a página B. Mas o *Google* olha além do volume de votos, ou *links*, que uma página recebe; analisa também a página que dá o voto. Os votos dados por páginas "importantes" pesam mais e ajudam a tornar outras páginas importantes. Usando esses e outros fatores, o Google apresenta seus resultados de busca com base na importância relativa das páginas (JARVIS, 2010, p.85)[13].

---

[12] Reflexão gerada a partir do vídeo "A Verdadeira História da Internet". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MeqxcMEO4Ig>. Acesso em: 10 set. 2012.

[13] Da mesma forma que o Google escolhe o que é relevante para cada usuário de acordo com seu histórico de dados, ele também decide o que não é relevante e não deve aparecer nas buscas. Um exemplo é o caso do site Pirate Bay, o qual foi excluído da lista de buscas instantâneas e nos recursos de autocompletar (AGUARI, 2012).

O próximo passo do *Google* foi utilizar a mesma ideia da ferramenta de busca para vender sua publicidade. Essa inovação foi baseada no seguinte ponto: se um usuário procura alguma informação é porque tem algum interesse envolvido, então por que não colocar links patrocinados com o que ele procura? A partir daí o site começou a financiar sua economia de cliques e links com propagandas que aparecem tanto em portais com grande número de acessos quanto em *blog*s pessoais, a diferença é que essa publicidade é direcionada de acordo com a atividade do usuário na rede. Isso gerou um círculo vicioso: quanto mais ele gerava acessibilidade a esses sites, mais os sites recebiam verba de publicidade, mais conteúdo criavam, mais informações surgiam para o *Google* organizar e, assim, mais rentabilidade para a ferramenta de busca. O objetivo do *Google* é ser cada vez mais acessado, pois o que cada usuário escreve é uma informação sobre ele que pode ser usada para vender publicidade de acordo com o seu perfil (JARVIS, 2010).

No dia 04 de dezembro de 2009, o *Google* divulgou uma importante informação no *blog* corporativo da empresa. A partir daquele momento, 57 "sinalizadores" (local onde o usuário estava conectado, o navegador utilizado, histórico de termos pesquisados) seriam incorporados à ferramenta de busca para tentar adivinhar quem era aquela pessoa e que tipo de *site* gostaria. Mesmo que o usuário não estivesse usando sua conta do *Google*, o site padronizaria os resultados, mostrando as páginas em que o usuário teria mais probabilidade de clicar segundo a previsão do mecanismo. Ou seja, agora os resultados são únicos e específicos para cada usuário de acordo com o que o algoritmo do *Google* sugere ser melhor para ela (PARISER; ALFARO, 2012).

Com o surgimento das redes sociais - *Facebook, Twitter, Linkedin*, entre outras - esses algoritmos e reputações se tornaram cada vez mais aperfeiçoados e contemplados com informações pessoais de seus usuários. O *Facebook* utiliza o algoritmo *EdgeRank*, ele funciona parecido com o *PageRank* do *Google*. O algoritmo leva em conta três fatores: afinidade, relevância e tempo. O primeiro fator analisa o nível de interação entre os usuários. Um usuário "A" que compartilha, curte e comenta as fotos do usuário "B" receberá os *feeds* desse usuário. Não necessariamente o usuário "B" receberá os *feeds* do usuário "A", depende do nível de interesse do *feed* do "A" em relação às interações de "B". O segundo fator de relevância considera os tipos de publicações - fotos e vídeos têm mais relevância que textos - ou se a publicação é de terceiros ou, ainda, se foi realizada na página da rede. O terceiro fator é o tempo - quanto mais recente, maior o destaque da publicação no *feed* da página inicial dos amigos (CARTER, 2011).

Ao mesmo tempo em que aumenta a capacidade de análise de dados, a necessidade de autorrepresentação também cresce incentivada pelas empresas de mídias digitais. "Todos os dias mais de três milhões de imagens são carregadas no *Flickr*, 700 mil novos membros aderem ao *Facebook*, 5 milhões tuítam e 900 mil mensagens em *blogs* são publicadas" (BOTSMAN; ROGERS, 2011, p.03). Com a abundante informação disponível na internet, a atenção se torna um valor alto. Quanto mais atenção um produtor tiver, maior será sua reputação[14]. A reputação é mensurada e quantificada pelos algoritmos e filtros da mídia digital. Um exemplo sobre o valor da reputação são os colaboradores da *Wikipédia, Filmow*[15]e *Blogueiros*. Eles produzem informações sem receber dinheiro por isso, mas o que eles ganham é a reputação em disponibilizar determinado conhecimento sobre um assunto, que pode ser de interesse de outros usuários, esses outros usuários irão ceder atenção e, assim, os produtores ganharão reputação (ANDERSON, 2009).

Com as mídias digitais os indivíduos são como marcas, a autorrepresentação que constroem nas redes gera valor, pois há a mediação das comunicações interpessoais. Isso significa que quanto mais o usuário interage, ou publica, ou acessa mais informação sobre ele as mídias digitais absorvem para tentar identificar seu perfil de consumo.

> Cada comentário em um *blog* representa mais informação para o *Crawler* do *Google* indexar, para ajudá-lo a fornecer melhores resultados nas buscas. Cada clique no *Google Maps* representa mais informações sobre o comportamento do consumidor e cada *e-mail* do *Gmail* é um indicativo de nossa rede humana de conexões, e o *Google* pode usar tudo isso para inventar novos produtos ou só vender melhor os anúncios (ANDERSON, 2009, p.127).

O espaço digital globalizado mudou a formação das autorrepresentações. Segundo Thompson (2009), antes das comunicações mediadas, os indivíduos só tinham acesso a experiências vividas no lugar comum, com o surgimento da imprensa, internet e outras mídias, esses indivíduos puderam ter acesso a diversas trocas simbólicas e experiências que ultrapassam os lugares em que vivem. Isso abriu novas possibilidades para a formação do *self*. O autor também cita que, com o grande fluxo de materiais simbólicos mediados, os usuários criam sistemas de confiança, esse sistema é o que os programadores denominam de reputação, conceito já definido anteriormente. O que ocorre nesse sistema é uma bolha, onde só é visível aquilo que os algoritmos definem que é de interesse do usuário, só aparecem os amigos que eles

[14] Reputação é um termo técnico que quantifica o valor que o usuário/site têm nas mídias digitais, um dos fatores que contabilizam a reputação é a quantidade de amigos no *Facebook*, por exemplo.

[15] *Filmow* é um site que os usuários dão notas e escrevem comentários sobre os filmes que assistiram.

determinam ser os mais próximos e só mostram aquilo que, matematicamente, é provável de ser consumido.

Cada informação coletada é um mercado novo para um determinado produto. Esse mercado digital repleto de ferramentas como *Amazon, Youtube*, *Livmocha*, *Easyroom*, *Craiglist*, entre outros, transformaram a rede em uma economia voltada para a informação, em que há uma série de serviços a um suposto custo monetário zero para seus usuários. O valor cobrado é exatamente a informação. Ao registrar o histórico na internet, esses sites constroem perfis de cada usuário. Ao buscar um filme, aparece sempre o mesmo gênero; ao procurar informações sobre política, as pessoas têm acesso apenas àquelas que confirmam seus pontos de vista. 'O filtro invisível' busca explicar como essas bolhas funcionam, mas também conclama usuários e empresas a lutar por uma web verdadeiramente aberta (PARISER; ALFARO, 2012).

> O teórico inglês Roger Silverstone nos lembra que o consumo pode ser entendido como uma forma de mediação entre as esferas pública e privada, trabalho e lazer. Ao consumirmos bens materiais e imateriais, nós nos constituímos como indivíduos e negociamos nossos próprios significados no jogo comunicativo entre o coletivo e o individual, o global e o local. Nas palavras do autor, "o consumo é uma maneira de mediar e moderar os horrores da padronização" (ROCHA; CASTRO, 2009, p.51).

A economia digital utiliza uma estratégia antiga de marketing denominada subsídio cruzado. Algumas frases características dessa ação são facilmente encontradas no supermercado "Compre um leve dois", "Compre um sabonete e leve de graça um shampoo", na maioria dessas expressões, os produtos querem passar uma imagem de "grátis" para que o consumidor pense que é uma vantagem comprá-los. O jornal "grátis" é pago com publicidade e os leitores pagam com seu tempo, o que rende reputação ao jornal, gerando assim, mais argumentos para captar novas publicidades. Não existe "grátis", de alguma forma o produto deverá ser pago.

Existem alguns tipos de subsídios utilizados nos mercados tradicionais, os primeiros são os produtos pagos subsidiando produtos grátis - vinho caro que subsidia a refeição barata, a pipoca que paga o filme com pouco público no cinema. O segundo é pagar mais tarde subsidiando o grátis agora - o celular grátis vinculado a um contrato de um ano com a operadora. O terceiro são os pagantes subsidiando os não pagantes – homens que pagam para entrar nas boates que mulheres entram de graça. No mercado digital os subsídios se apresentam em três categorias majoritariamente: mercados de três participantes, *freemium* e mercados não monetários (ANDERSON, 2009).

O mercado de três participantes é popular na rede e até nas mídias *off-line*, consiste em um terceiro pagar para participar de um mercado livre entre os dois primeiros participantes. No mercado da *web* o que importa não é só a transação entre bens e moedas, mas, inclui também, a transação de ideias por interesses. Um exemplo são os jornais *online*, em que o anunciante paga ao site, esse utiliza os espaços online para divulgar os produtos do anunciante. Os usuários, por sua vez, têm acesso às notícias, pagando com sua reputação ao site e consumindo os produtos dos anunciantes. (ANDERSON, 2009).

O *freemium* é muito comum nos softwares livres e aplicativos de celular. Estes softwares disponibilizam duas versões: uma que pode ser comparada a amostra grátis - com publicidade, ferramentas limitadas e sem suporte técnico – e outra com todos os serviços disponíveis para pagantes.

> O termo freemium (free + premium) foi cunhado por Jarid Lukin e foi popularizado pelo capitalista de risco Fred Wilson no seu *blog*. Refere-se a modelos de negócio, principalmente os baseados na WEB, que misturam serviços básicos gratuitos (free) com serviços especiais (premium) pagos. O modelo freemium é caracterizado por uma grande base de utilizadores que beneficia de uma grande oferta gratuita e sem compromissos. Estes utilizadores, na sua maior parte, nunca se tornam clientes pagantes, só uma pequena parte, usualmente menos de 10% de todos os utilizadores, pagam a assinatura de serviços especiais. Esta pequena base de utilizadores, subsidia os utilizadores que auferem os serviços gratuitos. Isto é possível por causa do baixo custo marginal de servir utilizadores adicionais que não pagam (PIGNEUR; OSTERWALDER, 2010, p. 96).

Os mercados não monetários são a base da economia digital. A moeda desse mercado é a reputação. "O que importa, na nova era não é o seu dinheiro, mas sua reputação. Se você construir uma reputação de confiabilidade, terá acesso a uma enormidade de produtos quando você precisar deles" (BOTSMAN; ROGERS, 2011, capa). Diante desse universo em expansão de informação de todos os tipos e formas, as trocas simbólicas são contabilizadas e servem como moedas para quantificar a reputação de sites e usuários. A reputação é uma identidade matemática que quantifica o valor de um *site* ou usuário, quanto maior a reputação maior será sua visibilidade, quanto maior sua visibilidade maior será sua audiência e quanto maior a audiência maior seu poder de troca (JARVIS, 2010).

Um exemplo de participantes desses mercados são os colaboradores da *Wikipédia*, *Filmow*[16], usuários do *Facebook*, *Blogueiros*, entre outros. Os usuários produzem informações sem receber dinheiro por isso, mas o que eles ganham é a reputação em disponibilizar

[16] Filmow é um site que os usuários dão notas e escrevem comentários sobre os filmes que assistiram.

determinado conhecimento sobre um assunto, que pode ser de interesse de outros usuários. Esses outros usuários irão ceder atenção e, assim, os produtores ganharão reputação (ANDERSON, 2009).

O *Facebook* utiliza esses mercados não monetários para aprimorar seus serviços através das plataformas da web. As plataformas são mecanismos de adaptação feitos por usuários ou empresas para utilizar serviços de acordo com suas necessidades, um exemplo são os aplicativos. Quando essa rede social inaugurou suas versões espanhola e alemã, não traduziu o site, ao invés disso, criou a plataforma de tradução e transferiu a tarefa aos usuários, os quais a realizaram sem qualquer custo de mão de obra para a empresa (JARVIS, 2010).

O motor que gera essa economia é a reputação, ela é o poder de compra e venda. Mediado por sites como *Google* e *Facebook*, as pessoas produzem todo o tipo de informação para atrair atenção e captar reputação de outros usuários. Essa reputação é uma contabilização da imagem pública. Hoje, todos os usuários da internet têm imagem pública e o que ela vale, em termos monetários, é mensurado pelos filtros. Isso foi o que Muniz Sodré, em seu livro, Antropológica do Espelho (2002), conceituou como midiatização. O autor afirma que vivemos a "nova ordem de poder da imagem" e que as novas tecnologias não são instrumentos de democratização, e sim, de continuação do sistema neoliberal. A informação é produzida por muitos, porém está sob o domínio de poucos. O mercado da informação digital está nas mãos de poucas empresas, as quais pertencem aos tradicionais centros de poder. A economia digital não é inovadora, nem democrática, apenas uma repaginação do que já acontece tradicionalmente.

3 A VIGILÂNCIA NA INTERNET

Esse capítulo é uma análise teórica e de contexto acerca da privacidade nas mídias digitais e da vigilância do governo americano através da coleta de dados dos usuários de tecnologias como redes sociais, ferramentas de busca, aplicativos, entre outros. O estudo faz uma reflexão sobre de que forma são realizadas as análises dos dados produzidos pelos usuários e se essas análises podem ser usadas de maneira prejudicial ao produtor do dado. Também são analisados as políticas de privacidade e os termos de adesão impostos aos usuários, para então discorrer acerca da vigilância na internet.

3.1 AS POLÍTICAS DE PRIVACIDADE E O ESTADO DE VIGILÂNCIA

Ao longo da história a mídia exerceu papel fundamental no controle social. As pesquisas de opiniões e comunicação de massa estão presentes desde Harold Laswell à Escola de Chicago e são fundamentais até hoje na tomada de decisões para campanhas políticas, decisões empresariais e investimentos financeiros (MATTELART; MATTELART, 2001). Nesses exemplos as pesquisas eram respondidas de forma voluntária e consciente pelos usuários. O que acontece hoje são pesquisas de comportamento e opinião a partir da análise de dados produzidos pelos usuários, sem a total consciência desses de que estão sendo analisados e vigiados como se estivessem em um *Big Brother* (CASTTELS,2003)[17].

Através da instalação de *cookies* e outros dispositivos de rastreamento, o usuário é analisado em cada passo, página, clique e, enfim, em todas as ações que faz *online*. O argumento utilizado para isso é a personalização. As empresas justificam tal ato, afirmando que tudo isso é realizado para fornecer a melhor experiência de acordo com o perfil projetado dele pelos algoritmos de forma a mostrar apenas o que é relevante ao usuário (PARISER; ALFARO, 2012).

Ao final da década de 90, as empresas começaram a colocar voluntariamente termos e políticas de privacidade para explicar os *cookies* e quais dados esses dispositivos coletavam. Hoje o termo é um contrato obrigatório para ter acesso ao site ou serviço oferecido. O que

[17]George Orwell é autor do livro 1984. Esta obra descreve uma sociedade vigiada pelas televisões (teletelas) controladas pela polícia do pensamento. O livro também foi inspiração para o nome do Reality Show em que várias pessoas ficam enclausuradas em uma casa com câmeras para o público assistir tudo o que acontece.

caracteriza o contrato de adesão é que é um contrato padronizado para uso em massa e o interessado não tem permissão para alterar as cláusulas. Ou ele aceita aquela imposição ou não tem acesso ao produto ou serviço. Essa situação ocorre porque uma das partes tem o monopólio de fato ou de direito de uma das partes, que elimina a concorrência para realizar o negócio jurídico (SEARLS, 2013).

Na internet o contrato de adesão é mais comumente denominado de termos e condições de adesão. A aceitabilidade desses termos é obrigatória tanto ao criar uma conta em algum site como também ao adquirir e utilizar hardwares, pois, para ter acesso a todas as funcionalidades desses dispositivos, é necessário ter uma conta. Por exemplo, um usuário compra um *Iphone*, porém só pode utilizá-lo se concordar com os termos da *Apple* e de qualquer aplicativo que for instalar (SOUZA, 1997).

A empresa pode alterar os termos a qualquer momento, enquanto o consumidor deve concordar ou não em utilizar o produto ou serviço. Em muitos casos, o cenário ainda é mais agravante, pois a empresa pode alterar os dados e o usuário não precisa clicar em ”aceito”, pois apenas a continuação do uso do serviço caracteriza a aceitação (SEARLS, 2013).

> Podemos modificar estes termos ou quaisquer termos adicionais que sejam aplicáveis a um Serviço para, por exemplo, refletir alterações da lei ou mudanças em nossos Serviços. Você deve consultar os termos regularmente. Postaremos avisos sobre modificações nesses termos nesta página. Publicaremos um aviso de alteração sobre os termos adicionais dentro do Serviço aplicável. As alterações não serão aplicadas retroativamente e entrarão em vigor pelo menos quatorze dias após sua publicação. Entretanto, alterações a respeito de novas funcionalidades de um Serviço ou alterações feitas por razões legais entrarão em vigor imediatamente. Se você não concordar com os termos alterados de um Serviço, deve descontinuar o uso desse Serviço (GOOGLE INC, 2014).

Ao autorizar esses termos, os usuários também concordam com as políticas de privacidade. Essas políticas são contratos unilaterais em que as empresas informam de que maneira os dados dos usuários são coletados e como serão utilizados. Mesmo que esse cliente leia cuidadosamente esse termo de adesão complementar e decida que vale a pena ceder suas informações pessoais nessas condições, as empresas em geral se reservam ao direito de mudar as cláusulas do uso dos dados quando quiserem e sem consultar previamente os clientes. Caso seja de interesse da mesma, poderia tornar todos esses dados pessoais inteiramente públicos de um dia para o outro (PARISER; ALFARO, 2012).

> Nós recebemos dados do computador, do telefone celular ou outros dispositivos que você usa para acessar o *Facebook*, incluindo quando diversos usuários conectam-se através do mesmo dispositivo. Isso pode incluir seu endereço IP e

> outras informações sobre coisas como seu serviço de Internet, localização, o tipo (incluindo identificadores) de navegador que você usa, ou as páginas que você visita. Por exemplo, podemos obter sua localização no GPS ou outras informações de localização para que possamos informar se algum de seus amigos está próximo de você. [...] Recebemos dados sempre que você visita um jogo, aplicativo ou *site* que usa a Plataforma do *Facebook* ou visita um *site* com um recurso do *Facebook* (como um *plug-in* social), às vezes através de *cookies*. Isso pode incluir a data e a hora que você visita o site; o endereço da *Web* ou URL em que você está; informações técnicas sobre o endereço IP, navegador e o sistema operacional usados; e, se estiver conectado ao *Facebook*, sua ID de usuário (FACEBOOK, 2012).

Uma pesquisa sobre privacidade realizada pelo *Internacional Data Corporation* (2014)[18] apresentou informações relevantes sobre como as pessoas percebem a privacidade online. Esse estudo expôs três paradoxos das pessoas em relação ao assunto. O primeiro é o "Queremos Tudo", segundo o levantamento, 91% dos entrevistados valorizam o acesso ao conhecimento que as tecnologias digitais trazem, porém, menos da metade (45%) abririam mão de sua privacidade para ter acesso mais fácil às informações disponibilizadas por essas tecnologias. A maioria (85%) apoia o uso da tecnologia para prevenir atividades terroristas, contudo, apenas 54% deles estaria disposto a ter menos privacidade para se proteger.

O segundo paradoxo desse estudo é "Não fazer nada". A maioria dos entrevistados já sofreram algum tipo de invasão ou perda de seus dados pessoais e, entretanto, continuam com os mesmos hábitos inseguros, como não trocar a senha regularmente. Eles acreditam que a responsabilidade pela privacidade e segurança da internet é do governo que deve criar normas que assegurem o usuário. Esse dilema também mostrou que as pessoas têm pouca confiança nas instituições que visam proteger seus dados. Não pela falta de competência, mas pela ausência de transparência e ética. A opinião predominante (87%) dos entrevistados é que deve haver leis que proíbam a venda de dados dos usuários pelas empresas sem o consentimento desses.

O último paradoxo é o "Compartilhamento social", o qual declara que a grande maioria dos consumidores (84%) não gosta que outras pessoas ou empresas recebam informações sobre eles, a menos que eles decidam compartilhar. Entretanto, 68% dos usuários utilizam as redes sociais como forma de se conectar com os amigos, apesar de acreditarem que a privacidade nas redes sociais será reduzida nos próximos cinco anos.

[18]Esse estudo, patrocinado pela empresa de Emc², foi uma pesquisa de âmbito mundial, realizada através de questionários online com 15.000 pessoas em todos os continentes. A margem de erro para cada país é de 3,1%. Disponível em: <http://brazil.emc.com/collateral/brochure/privacy-index-executive-summary.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2014.

A conclusão dessa pesquisa é que os usuários acreditam que possuem menos na privacidade atualmente do que há um ano atrás e que a expectativa para os próximos cinco anos é bem pior. O Brasil e os Estados Unidos foram os países que tiveram a porcentagem mais alta de falta de confiança (71%). Os alemães foram os mais rígidos no quesito negociação da privacidade. A maioria (77%) informou que não aceita reduzir sua privacidade para ter mais acesso à tecnologia.

O sentimento de que a privacidade está diminuindo ao longo dos anos, não é ilusório, é um fato. Ao analisar as mudanças da política de privacidade do *Google* entre os anos 2000 e 2001, é possível perceber que o usuário anônimo agora sabe menos sobre ele mesmo do que as empresas de mídia digital. A organização sem fins lucrativos *Internet Archive*[19] disponibiliza *snapshots*[20] de vários *sites* ao longo dos anos. Ao acessar as políticas de privacidade do *Google* do dia primeiro de março do ano 2000, através desse *snapshot*[21], encontra-se disponível o seguinte enunciado sobre os *cookies:* "O *Google* usa *cookies* para armazenar as preferências do usuário. Um *cookie* pode nos dizer 'este é o mesmo computador usado para visitar o *Google* dois dias atrás', mas não pode nos dizer 'Esta pessoa é Jose Smith', ou mesmo, 'essa pessoa mora nos EUA'". Sobre com quem o site compartilha os dados dos usuários o arquivo informa o seguinte:

> O Google poderá compartilhar informações sobre você com publicitários, parceiros de negócios, patrocinadores e com outros terceiros. Entretanto, nós só divulgaremos informação agregada sobre nossos usuários, não iremos compartilhar com terceiros informações pessoais de nossos usuários que possam identificá-los sem a permissão expressa deles. Por exemplo, nós podemos divulgar a frequência com que a maioria dos usuários visitam o Google, ou que outras palavras são frequentemente consultadas na consulta da palavra "Linux". No entanto, esteja ciente de que iremos disponibilizar qualquer informação pessoal sobre você caso seja obrigado a fazê-lo, a fim de cumprir com qualquer processo legal válido, como um mandado de busca, intimação, estatuto ou ordem judicial (INTERNET ARCHIEVE, 2000)[22].

[19] Essa organização se dedica a manter um arquivo da internet. Ela oferece um acervo de músicas, livros, filmes, além de bilhões de páginas da internet. Para isso, realiza snapshots desses sites ao longo dos anos. Assim, é possível visualizar como eles eram alguns anos atrás e, inclusive, navegar por eles.

[20] Snapshot é uma técnica que faz um registro de como era um determinado sistema em um período. O ponto de restauração de um computador é um exemplo de snapshot.

[21] Disponível em: < https://web.archive.org/web/20000304165355/http://www.google.com/privacy.html>. Acesso em: 10 fev. 2015.

[22] "Google may share information about you with advertisers, business partners, sponsors, and other third parties. However, we only divulge aggregate information about our users and will not share personally identifiable information with any third party without your express consent. For example, we may disclose how frequently the average Google user visits Google, or which other query words are most often used with the query word "Linux." Please be aware, however, that we will release specific personal information about you if required to do so in order to comply with any valid legal process such as a search warrant, subpoena, statute, or court order" (Traduzido pela autora).

Ao acessar as políticas do dia 09 de novembro de 2001, as alterações são evidentes. Nesse ano, o termo afirmava que os *cookies* identificam o usuário como um sujeito único. Isso significa que antes ele era anônimo e no ano seguinte o site poderia dizer exatamente quem era.

> "Após a sua primeira visita ao Google, o Google envia um "cookie" para o seu computador. Um cookie é um pedaço de dados que o identifica como um usuário único. Google usa cookies para melhorar a qualidade do nosso serviço e compreender melhor nossa base de usuários. Google faz isso armazenando as preferências do usuário em cookies e rastreando as tendências e padrões de como as pessoas pesquisam. A Google não revelará seus cookies para terceiros, exceto conforme exigido por um processo legal válido, como um mandado de busca, intimação, estatuto ou ordem judicial"[23] (GOOGLE *apud* INTERNET ARCHIEVE, 2000)[24].

No site do *Google* existe uma página com os arquivos das políticas de privacidade ao longo dos anos, porém esses documentos só estão disponíveis a partir de 2001.O presidente do conselho administrativo do *Google* Eric Schmidt e o diretor de ideias Jared Cohen no livro *The "New Digital Age: Reshaping the Future of People, Nations and Business"* (2013) fizeram previsões de como será o futuro da internet. Eles acreditam que no futuro o que os usuários fazem *online* irá influenciar o *offline* e todos terão um perfil único online que terá todas as informações e históricos sobre o indivíduo. O *rank* desse perfil irá influenciar aspectos como o sucesso profissional, por exemplo. Segundo os autores, a reputação e a identidade online serão itens valiosos, pois o que é publicado na internet não se apaga, e haverá empresas especializadas em gerenciar a reputação e seguros contra difamação e proteção contra roubo de identidade online. Nesse futuro, os pais terão que falar sobre segurança e privacidade online antes mesmo de temas como educação sexual.

> O *Google* já sabe muita coisa. Mas, no futuro, poderá saber ainda mais. Isso porque as informações que hoje ficam em bancos de dados separados, como sua identidade (RG), registros médicos e policiais e histórico de comunicações, serão unificadas em um único – e gigantesco – arquivo. Com apenas uma busca, será possível localizar todas as informações da vida de uma pessoa. Algumas delas só poderiam ser acessadas com autorização judicial, mas sempre existe a possibilidade (e o receio) de que isso acabe sendo

[23] Upon your first visit to Google, Google sends a "cookie" to your computer. A cookie is a piece of data that identifies you as a unique user. Google uses cookies to improve the quality of our service and to understand our user base more. Google does this by storing user preferences in cookies and by tracking user trends and patterns of how people search. Google will not disclose its cookies to third parties except as required by a valid legal process such as a search warrant, subpoena, statute, or court order" (Traduzido pela autora).

[24]Disponível em: <https://web.archive.org/web/20011109044050/http://www.google.com/privacy.html>. Acesso em: 10 fev. 2015.

> desrespeitado. Um exemplo recente: em maio, vazou na internet um documento no qual o FBI autoriza seus agentes a grampear os e-mails de qualquer pessoa, mesmo sem permissão de um juiz (RODRIGUES, 2013, p. 66)[25].

A falta de transparência e ética na utilização dos dados pelas empresas e governos é um problema que leva a uma reflexão: o que acontece quando os dados dos usuários são utilizados contra eles mesmos (PARISER; ALFARO, 2012)? Um exemplo clássico é a menina que olhou em um site roupas de bebê, ao chegar correspondências em sua residência com ofertas para crianças, seu pai foi até a loja de varejo reclamar. Após algum tempo, retornou ao local para se desculpar, pois sua filha de 16 anos estava grávida (TANCER, 2009). Outro caso famoso aconteceu na Holanda: vários motoristas utilizavam um aplicativo de GPS chamado *Tom Tom*, como forma de evitar trânsito e chegar mais rápido ao seu destino. Entretanto, sem comunicar ninguém, essa empresa vendeu dados às autoridades e elas multaram esses mesmos usuários que cederam suas informações voluntariamente[26].

Um argumento muito comum sobre esse assunto é "Não tenho nada a esconder, então não me importo com a privacidade". A questão é maior do que ter algo a esconder, ela abrange o que o algoritmo acha desse usuário e como esse perfil pode prejudicar a vida pessoal dele, seja por não conseguir um emprego, por ter seu limite de crédito reduzido ou sua tarifa de seguro maior (PARISER; ALFARO, 2012).

Refletir sobre as questões de privacidade leva a um questionamento mais profundo que é a vigilância. Apenas poucas empresas de países hegemônicos[27] detêm o maior volume de dados do mundo. Quando esses governos obrigam (através de normas) ou estimulam essas organizações a cederem os dados de outras nações, informações estratégicas de empresas concorrentes e tratados comerciais, isso se torna uma ameaça à soberania. "A vigilância não constitui um problema apenas para a democracia e para governança, mas também, representa um problema geopolítico" (ASSANGE, 2013, p.20).

---

[25] A reportagem também informa que, no futuro, os governos poderão criar uma lista de pessoas *offlines*, que deverão ser submetidas a regras diferentes, como revistas mais rigorosas nos aeroportos, por supostamente terem algo a esconder

[26]Ver documentário *Terms and Conditions May Apply* (2013).Disponível em: <netiflix.com.br>. Acesso em: 20 dez. 2014.

[27] Essas empresas não necessariamente são de redes sociais, ferramentas de buscas e softwares. Como abordado na introdução, a indústria de hardware e os cabos de fibra ótica que atravessam os Estados Unidos são também meios de obter dados de outros países (ASSANGE, 2013).

3.2 A VIOLAÇÃO DOS DIREITOS DOS CIDADÃOS E DAS SOBERANIAS DAS NAÇÕES PELA *NSA*

Após os atentados de 11 de Setembro, os Estados Unidos aprovaram a lei Ato Patriota. Essa norma foi editada pelo Departamento de Justiça e aprovada pelo congresso americano. O regulamento permite a investigação e a espionagem do governo a suspeitos de terrorismo, sejam eles americanos ou estrangeiros, sem a necessidade de autorização judicial para violação do sigilo telefônico, bancário, de informações publicadas na internet, entre outros. Essa lei foi estendida no governo Obama e está válida até julho de 2015 (EUA, 2015)[28].

Essa nova legislação surgiu no contexto do medo e da indignação do povo causados pelos atendados às torres gêmeas. Suas diretrizes são a vigilância e o monitoramento eletrônico de qualquer cidadão, americano ou estrangeiro, com a justificativa de que as ações terroristas são planejadas de maneira inteligente e organizada. Assim, até que se consiga um mandato para rastreamento de celular, por exemplo, os terroristas já mudaram o número do celular, nome e identificação. Portanto, o governo deve estar à frente para prevenir novos ataques (EUA, 2015).

O Ato Patriota define terrorismo como "ações criminosas que ameaçam a vida com o objetivo de influenciar a política do governo mediante a coerção" (COSTA; WUNDER, 2011, p. 30). Porém, como essa definição é ampla, o que se percebe é uma tentativa de limitar os direitos civis, com consequências tão abrangentes que poderia ser utilizado contra qualquer forma política de oposição ao governo americano. Isso fere não somente os direitos civis, mas também os direitos humanos, na circunstância de terem sido autorizadas detenções de cidadãos sem acusação prévia ou julgamento legalmente determinado. Entendemos que esse Ato, portanto, não visa a proteção dos cidadãos, mas objetiva uma afronta contra as liberdades individuais. É, assim, uma tentativa de assumir o controle interno e externo com a justificativa de guerra ao terror (COSTA; WUNDER, 2011).

Junto com o Ato Patriota, a *Nacional Security Agency (NSA)*, que hoje se configura como a maior agência de inteligência do mundo, ganhou cada vez mais poderes. Essa agência foi fundada em 4 de novembro de 1952, no contexto da Guerra Fria, e é responsável por analisar os dados oriundos de dispositivos tecnológicos com o objetivo de prevenir ameaças aos Estados Unidos (CANALTECH, 2014)[29]. A finalidade da *NSA* é coletar e armazenar cada vez mais dados. Isso inclui chamadas telefônicas, meta-dados, e-mails, mensagens de texto, enfim, todo

[28] EUA. DEPARTAMENT OF JUSTICE. . **The USA PATRIOT Act:** Preserving Life and Liberty. 2015. Disponível em: <http://www.justice.gov/archive/ll/highlights.htm>. Acesso em: 12 jan. 2015.
[29] CANALTECH (Ed.). **O que é a NSA?** 2014. Disponível em: <http://canaltech.com.br/o-que-e/espionagem/O-que-e-a-NSA/>. Acesso em: 5 fev. 2015.

tipo de dado que é produzido no mundo. Assange (2013) explica que a estratégia de vigilância e interceptação de dados é mais eficiente do que os sistemas de armas convencionais, pois o custo de um armazenamento de grande escala é mais barato e mais funcional do que uma aeronave militar, por exemplo[30].

O armazenamento em massa e ao longo do tempo, permite que o governo colete todos os dados e analise na hora que quiser. Assim, é fácil saber qualquer informação sobre qualquer pessoa, empresa ou país em qualquer momento. O jornalista americano Grenwald, a quem Snowden entregou todos os documentos que comprovavam a espionagem da *NSA*, acredita que essa estratégia é uma forma de o governo americano eliminar a privacidade eletrônica no mundo inteiro. No seu livro *Sem lugar para se esconder* (2014, p.96), ele afirma que a finalidade desse Estado de vigilância é "coletar, armazenar, monitorar e analisar todas as comunicações eletrônicas de todas as pessoas ao redor do mundo".

Para coletar todos esses dados, a *NSA* utiliza várias estratégias. A metodologia da coleta pode ser dividida em três categorias de programas. O primeiro é por meio de captação de dados, através de invasão à infraestrutura, como por exemplo: a interceptação direta dos cabos de fibra óptica (inclusive os marítimos) usados para transmitir comunicações internacionais e a cooperação com fornecedores de infraestrutura como a Dell e empresas que têm acesso a roteadores de larga escala no mundo (GRENWALD, 2014).

> Não é segredo algum que, na Internet, todos os caminhos que vão e vêm da América Latina passam pelos Estados Unidos. A infraestrutura da internet direciona a maior parte do tráfego que entra e sai da América do Sul por linhas de fibra óptica que cruzam fisicamente as fronteiras dos Estados Unidos. O governo norte-americano tem violado[...] as próprias leis para mobilizar essas linhas e espionar seus cidadãos. E não há leis contra espionar cidadãos estrangeiros. Todos os dias centenas de bilhões de mensagens vindas de todo o continente latino americano são devoradas por órgãos de espionagem norte americanos e armazenadas para sempre em depósitos do tamanho de cidades. Dessa forma, os fatos geográficos referentes à infraestrutura da internet têm consequências para a independência e soberania da América Latina (ASSANGE, 2013).

O segundo método de conseguir dados é através da parceria com as maiores empresas de internet e telecomunicações, as quais dão total acesso aos seus servidores. Entre essas

[30] No livro, o autor compara o preço de uma aeronave militar que custa em média 100 milhões de dólares e um sistema de armazenamento com capacidade de 50 Pb, o que daria parra armazenar todas as telecomunicações da Alemanha em um ano, que custa 30 milhões de Euros. Nesse valor já está incluso toda a infraestrutura e manutenção.

companhias estão: F*acebook, Yahoo!, AOL, Google, PalTalk, Skype, Youtube, Apple* e *Microsoft.* Essa parceria faz parte do programa PRISM. Isso significa que todos os dados de todos os clientes dessas empresas estão à disposição do governo americano (CANALTECH, 2014)[31].

Por último, a *NSA* consegue muitas informações através de parcerias estratégicas com países estrangeiros, essa união é intitulada de "Aliança dos cinco olhos". Ela é composta pelos países: Reino Unido, Canadá, Austrália e Nova Zelândia. Entre esses países o Reino Unido e o Canadá são os que possuem relações mais estreitas com a agência. Inclusive, foi com ajuda do Canadá que o programa OLYMPIA, espionou o Ministério de Minas e Energia do Brasil. Além desses países, a agência mantém parceria com a Unidade Nacional de Inteligência de Sinais Israelenses, com quem compartilha diversos dados. No grupo dos países que sofrem espionagem estão não só países considerados adversários dos americanos (como: Rússia, China, Irã, Venezuela e Síria), como também aliados, entre os quais: Brasil, México, Argentina, Indonésia, Quênia e África do Sul (GRENWALD, 2014).

Toda essa coleta de dados com objetivo de combate ao terrorismo é facilmente questionada ao analisar os documentos que Snowden vazou sobre a espionagem de caráter puramente econômico como foi o caso do ocorrido no Brasil. A *NSA* tinha como alvos de espionagem a Petrobrás, o sistema bancário SWIFT, a petrolífera russa Gazprim e a empresa aérea também russa Aeroflot. Essa conjuntura permite a reflexão sobre que tipo de vantagens políticas e econômicas esses países obtêm com essa invasão (GRENWALD, 2014).

> Ao contrário de proteção e segurança, podemos entender a vigilância como prática de uma sociedade – nacional ou global - de controle que prima pela manutenção de uma dada ordem política, social e econômica, ainda que, para isso, necessite violar direitos civis conquistados ao longo de séculos de lutas do "terceiro estado" contra os avoengos direitos aristocráticos de nascimento. Desse modo, é a proteção do capital (e não da vida ou do indivíduo) que aparece como prioridade e finalidade última da vigilância e da ideologia a ela correlata (COSTA; WUNDER, 2011, p. 30).

Durante a Guerra Fria o grande temor dos Estados Unidos eram os comunistas. A corrida armamentista, o incentivo a ditaduras em países latino americanos e ausência de privacidade eram atitudes que diminuíram os direitos individuais em nome do bem maior, a nação americana. Era uma luta entre o bem e o mal. Esse mal, era algo fictício e ao mesmo tempo presente no inconsciente da população. Sua denominação era tão ampla que poderia se encaixar

[31] CANALTECH (Ed.). **O que é a NSA?** 2014. Disponível em: <http://canaltech.com.br/o-que-e/espionagem/O-que-e-a-NSA/>. Acesso em: 5 fev. 2015.

muito bem ao eliminar pessoas dissidentes das ideias do governo, mas que não eram criminosos. Essa guerra entre o bem o mal agora assume uma nova reconfiguração, os comunistas são os terroristas. A guerra ao terror submente os cidadãos ao estado de vigilância, um sistema panóptico, em que qualquer reação suspeita poderia ser denominada de terrorismo.

4 ANÁLISE DA CIRCULAÇÃO MIDIÁTICA DO CASO SNOWDEN: TEMATIZAÇÃO, DIVULGAÇÃO DE DADOS E DESVIOS

Esse capítulo irá abordar as estratégias utilizadas na análise de conteúdo referente ao estudo de caso: circulação midiática brasileira do vazamento de dados da *NSA* por Edward Snowden. Para isso, serão elencadas as três etapas da análise de conteúdo de acordo com Oliveira (2008), Bardin (2006) e Meireles e Cedón (2010), sendo elas: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferências e interpretação.

Esse trabalho analisou 256 notícias publicadas na internet por sites, *blogs* e portais de notícias brasileiros, no período entre 1 de junho a 31 de julho de 2013. Os procedimentos adotados nessa pesquisa, principalmente os relacionados à terceira etapa da análise de conteúdo, estão embasados no modelo de estudo de caso em paradigma indiciário proposto por Braga (2008).

4.1 ANÁLISE DE CONTEÚDO E INTERPRETAÇÃO ANALÍTICA DO CASO SNOWDEN

Para que seja possível analisar o estudo de caso – a circulação midiática brasileira do vazamento de dados da *NSA* por Edward Snowden - é necessário compreender alguns aspectos que devem ser avaliados para que seja possível alcançar os objetivos do estudo. O primeiro questionamento que se faz indispensável é: como a mídia informativa tratou o caso? Nesse caso é imprescindível avaliar a prática da mídia, suas lógicas, de acordo com a lógica de corporações que detém o poder da audiência digital. O segundo questionamento é como é o papel da mídia enquanto mediadora em assuntos de interesses sociais, que não são discutidos por serem técnicos? A partir desses questionamentos será possível refletir sobre quais são as abordagens desse fato na perspectiva da sociedade. Então, deve-se analisar quais foram as leis, discussões e assuntos que o caso gerou.

Para responder a tais questionamentos, utilizaremos a metodologia estudo de caso e paradigma indiciário proposto por Braga (2008). Essa metodologia busca um modelo explicativo do caso, através da análise dos indícios e suas articulações inseridas dentro de uma lógica interna (sua estrutura) como também externa (contextos). Esse modelo possui as seguintes características primordiais:

> (...) o estudo de casos singulares; a busca de indícios que remetem a fenômenos não imediatamente evidentes; a distinção entre indícios essenciais e acidentais; o tensionamento mútuo entre teoria e objeto; o trabalho de articulação entre indícios selecionados; e a derivação de inferências (BRAGA, 2008, p. 06).

O objetivo desse paradigma não é coletar e descrever os indícios, mas selecionar, organizar e fazer inferências. O propósito não é acumular informações e dados, mas distinguir quais indícios, mesmo aqueles aparentemente negligenciáveis podem explicar uma realidade complexa sobre o fenômeno. "Faz parte, então, dos estudos de caso, o trabalho de (a) levantar indícios; (b) decidir de sua relevância para o objeto e para a pergunta da pesquisa; e (c) articular conjuntos de indícios derivando, daí, inferências sobre o fenômeno" (BRAGA, 2008, p.9).

> A construção de modelo, em um estudo de caso, corresponde a uma «descrição reconstrutiva» do objeto ou situação, baseada não na soma superficial do maior número de detalhes, mas sim, em perspectiva oposta a esta, em um número reduzido de indícios relevantes (pistas, sintomas) que – articulados pelo pesquisador – aproximam o olhar sobre as lógicas processuais básicas que fazem o objeto «funcionar», tanto em sua organização interna (articulação entre as partes); como nas relações com contextos e outras situações com que este entra relevantemente em relação, na perspectiva do pesquisador (BRAGA, 2008, p.11).

Segundo McCombs e Shaw (1972), há uma relação direta e causal entre os conteúdos publicados pela mídia e a percepção pública de que esses temas são importantes em suas vidas. Segundo esses autores, esses temas são os responsáveis pelo modo como as pessoas organizam e estruturam o mundo ao seu redor. Benton e Frazier (1976) concordam com a ideia dos precursores, com uma ampliação no sentido de que a ênfase da mídia por um determinado evento influencia o público a considerá-lo importante. Portanto, a seleção de fenômenos pelos veículos de comunicação, entre diversos outros, é o que ganha destaque na vida das pessoas em relação aos que não são abordados. Mais à frente, Erbring, Goldenberg e Miller (1980), utilizaram a expressão imagem-espelho como definição desse conceito. Nesse caso, ele estabelece uma correspondência entre a frequência com que um conjunto de temas aparece na cobertura midiática e a proporção em que esta influencia o público (FORMIGA, 2006)[32].

A partir de indícios – tais como: termos frequentes utilizados pela mídia sobre o caso e critérios de seleção e incidência da notícia – poderá ser avaliado como o acontecimento foi divulgado pelos veículos de comunicação. Para que seja possível a organização e sistematização do estudo de caso, utilizamos a estratégia de análise de conteúdo de acordo com Oliveira (2008), Meireles e Cedón (2010) e Bardin (2006).

[32] Fábio de Oliveira Formiga é autor da dissertação *A Evolução da Hipótese de Agenda-Setting*, nesse trabalho ele analisa toda a trajetória desse modelo, desde 1972.

> A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos objetivos e sistemáticos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens (BARDIN *apud* OLIVEIRA, 2008, p.570).

Esse processo permite analisar textos, vídeos, áudios, enfim, variedade de dados brutos, através de um método sistemático e objetivo que possibilita o trato científico na produção de conhecimento. O modelo decompõe o material a ser analisado em unidades, que podem ser ideias, temas ou categorias, de acordo com os objetivos e problemáticas do objeto de estudo. Desta forma, é possível verificar quesitos como, contextualizando com a dissertação proposta, qual a frequência com que o termo espionagem no Brasil foi citado no conjunto de notícias analisado. A partir daí, pode-se fazer inferências a respeito de que tipo de relações e lógicas esse material apresenta (FREITAS; CUNHA; MOSCAROLA, 1996).

Entretanto apenas o estudo de caso com análise de conteúdo pode não trazer a percepção clara da complexidade do fenômeno interacional. Isso ocorre porque ao concentrar as preocupações em padrões e elementos comuns de um acontecimento, apenas é possível determinar regularidades abrangentes. Portanto, justifica-se a utilização do paradigma indiciário na análise da coleta (BRAGA, 2008).

4.2 PROCEDIMENTOS DA ANÁLISE DE CONTEÚDO

Para que seja possível uma utilização eficaz desse procedimento é necessário compreender alguns conceitos-chave. O primeiro é o da objetividade, a qual se refere à possibilidade de a análise ser verificada e reproduzida por outro pesquisador, para isso todo o procedimento deve ser claro e preciso. Já a sistematicidade é relacionada com a credibilidade da pesquisa, significa que todas as categorias serão consideradas, até mesmo, as que provem argumentos contrários à ideia inicial do autor. O conteúdo manifesto é a garantia de que o pesquisador apenas usará aquilo que foi manifestado no trabalho e não o que julga saber do objeto sem provas científicas (OLIVEIRA, 2008).

Sabemos que toda pesquisa é influenciada pelos modos de ver o mundo daqueles que a conduzem, assim como também sofrem interferência do tipo de tempo, recurso e meios usados para a obtenção e análise dos dados. O estudo de metodologias e o tensionamento teórico visam assegurar que se possa chegar a um resultado mais abrangente que este ponto de vista singular, e que o estudo se mostre complexo mesmo com as limitações existentes em uma pesquisa.

A primeira etapa da análise de conteúdo segundo Bardin (2009, *apud* Oliveira, 2008) é a pré-análise. Nesse estágio é delineado o *corpus*, a fundamentação teórica, objetivos do objeto de estudo e a identificação dos parâmetros que serão utilizados na interpretação. Esse é o momento que o pesquisador deve fazer uma leitura superficial de todo o material levantado de modo não orientado para que se possa perceber quais elementos chamam mais atenção. Essa leitura permitirá o levantamento das hipóteses do objeto.

Na etapa da pré-análise, realizamos a coleta da amostra da pesquisa. Para isso, reunimos 256 notícias de sites, *blogs* e portais de notícias que se referiram ao acontecimento estudado. O recorte da amostra selecionado foram notícias publicadas entre os meses junho e julho de 2013. Esse recorte temporal foi escolhido por ser o primeiro momento do acontecimento e também por ser o período em que foram realizadas as divulgações do programa de espionagem PRISM e o primeiro escândalo relacionado à espionagem americana ao Brasil. Com objetivo de selecionar apenas as publicações que estavam de acordo com esse recorte do objeto, utilizamos a ferramenta de busca *Google Notícias*. Essa ferramenta permite a seleção das notícias por período de tempo e idioma. A pesquisa foi realizada utilizando a palavra-chave 'Edward Snowden, após essa etapa, refinamos as notícias que eram brasileiras ou escritas no Brasil, pois a ferramenta de busca trouxe alguns resultados de sites portugueses. Assim, chegamos ao total de 256 notícias coletadas.

Adjacente à coleta foi realizada a pesquisa exploratória com abordagem qualitativa (OLIVEIRA,2005), através do levantamento teórico a partir de três eixos: Tecnologia da Informação e as relações de poder no contexto internacional, Circulação do caso Snowden no Brasil e, por fim, práticas sociais consequentes do acontecimento.

Após a leitura flutuante da coleta da amostra e a pesquisa teórica acerca do tema, realizamos a sistematização da coleta da pesquisa. No modelo apresentado no artigo *Aplicação prática dos processos de análise de conteúdo e de análise de citações em artigos relacionados às redes neurais artificiais*, de Meireles e Cedón (2010), as autoras iniciaram o procedimento de análise de conteúdo, por intermédio da organização dos quatro artigos sobre o tema em uma tabela, numerando cada material. A Tabela 1 exemplifica o modelo das autoras.

Tabela 1 - Numeração dos artigos

Número do Artigo	Título do artigo
1	Categorização Automática de Documentos: Estudo de Caso
2	O Uso de Técnicas de Aprendizado de Máquina na Categorização de Documentos
3	Reconhecimento e Recuperação de Imagens utilizando Redes Neurais Artificiais do Tipo MLP
4	Um mecanismo de recuperação de informação na *web* baseado em Redes Neurais

Fonte: MEIRELES, M.; CENDÓN, B. Aplicação prática dos processos de análise de conteúdo e de análise de citações em artigos relacionados às redes neurais artificiais. **Inf. Inf.,** Londrina, v. 15, n. 2, p.77-93, jul. 2010.[33]

Com objetivo de sistematizar ainda mais a análise dos dados da pesquisa proposta nesta dissertação, foram adicionadas algumas colunas à tabela. Essa ação foi necessária para a identificação das forças que atuaram na circulação do evento, a qual somente foi possível através da coleta de dados detalhados sobre o contexto em que a notícia foi produzida e o seu espalhamento. Para tanto, a tabela foi criada com as seguintes colunas: número da notícia, data, veículo, título, *link*, Agência, *Twitter*, *Facebook*, Comentários, *Google +*, *Linkedin* e visualizações. A tabela 2[34] apresenta a visualização da estrutura da coleta da tabela identificação das notícias relacionadas ao caso Snowden.

[33] Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/viewFile/4884/6993>. Acesso em: 08 fev. 2015.
[34] Disponível em: <http://1dvr.ms/1XJvRWa>. Acesso em: 05 fev. 2015.

Tabela 2 - Classificação das notícias relacionadas ao caso Snowden

Nº da Notí	Data	Veículo	Título	Link	Agência	Twitter	Facebook	Comentári	Google +	Linkedin	Visualizaçõ
10	13/06/2013	TECMundo	PRISM: entenda toda a polêmica sobre como os EUA controlam você	http://www.tecmundo.com.br/privacidade/40816-prism-entenda-toda-a-polemica-sobre-como-os-eua-controlam-voce.htm		196	3,8 mil	467	79		105.045
11	12/06/2013	Info	NSA Diz que programa de vigilância evitaram ataques	http://info.abril.com.br/noticias/seguranca/nsa-diz-que-programas-de-vigilancia-evitaram-ataques-12062013-54.shl	por EFE	31	23	0			
12	12/06/2013	G1	Programas de vigilância frustraram atentados nos EUA, diz chefe da NSA	http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/06/chefe-da-nsa-programas-de-vigilancia-frustraram-dezenas-de-	AFP	4	5	0			
13	10/06/2013	Exame	Snowden é simpatizante de republicano libertário	http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/snowden-e-simpatizante-	Saul Loeb/AFP	sem info	sem info	0	sem info	sem info	300

Fonte: Elaborado pela autora.

É importante destacar o motivo da inclusão da coluna *link.* Para que fossem filtradas apenas as notícias do período de recorte do objeto, entre 1 de junho e 31 de julho de 2013, foi necessário utilizar a ferramenta *Google Notícias*. Essa ferramenta, porém, apresenta algumas variáveis como o algoritmo da personalização presente na maioria dos produtos do *Google*. Esse algoritmo analisa tudo o que o usuário faz, escreve, produz na internet e partir desses dados, ele cria um perfil matemático desse usuário, assim ele é capaz de mostrar apenas o que é relevante para cada pessoa (PARISIER;ALFARO, 2012).

O problema disso é que duas pessoas que selecionarem as mesmas opções na ferramenta podem ter resultados diferentes. Isso poderia ser um obstáculo à utilização da técnica de análise de conteúdo. Pois, um de seus princípios é a objetividade, ou seja, a análise deve ser produzida de forma que possa ser verificada e reproduzida por outro pesquisador, por isso, todo o procedimento deve ser claro e preciso (OLIVEIRA, 2008). Para resolver esse impasse, foi necessário adicionar uma coluna na tabela identificação das notícias relacionadas ao caso Snowden com os *links* de cada notícia coletada. Assim, todas as matérias selecionadas foram organizadas com as informações de sua origem, de maneira que qualquer pesquisador pode refazer e chegar às conclusões dessa pesquisa.

O segundo passo para a construção da análise de conteúdo foi a classificação das unidades de registro e unidades de contexto ou temáticas. A primeira é definida como a unidade

de recorte do material para que se possa classificar em um tema, cujos critérios podem ser uma palavra, uma frase, parte de um parágrafo ou minuto de áudio. A unidade de contexto ou unidade temática é o contexto em que a unidade de registro se encontra. Esse segmento é o conjunto de várias unidades de registro. Essa categorização é importante para verificar similaridades entre os dados brutos como, por exemplo: frequência e canal de veiculação, entre outros, os quais permitem uma análise de maneira meticulosa do objeto de pesquisa. "Análise categorial do texto: a partir dos temas determinados e da sua quantificação, devem ser definidas as dimensões nas quais os temas aparecem, agrupando-os segundo critérios teóricos ou empíricos e as hipóteses de análise" (OLIVEIRA, 2008).

Após a coleta dos dados e da organização dos mesmos na primeira tabela, foi necessário classificá-los de acordo com as unidades temáticas de seus conteúdos. A tabela 2 contém os temas centrais e os subtemas da cobertura midiática do caso Snowden. O objetivo da segunda tabela é verificar a frequência com que os temas e subtemas aparecem na divulgação da mídia.

No estudo de Meireles e Cedón (2010) foi possível chegar a um modelo de sistematização da temática dos materiais de análises. Como resultado, as autoras chegaram em algumas categorias (unidades temáticas) e sub-categorias (unidades de referência). Após definidas essas unidades, elas identificaram a frequência das subcategorias e categorias no *corpus* do objeto. Esse modelo está representado abaixo na tabela 3.

Tabela 3 - Categorias e sub-categorias

Categorias	Característica funcional			Arquitetura		Algoritmo de aprendizado	
Artigos	Categoriza-ção de documentos	Reconheci-mento de imagens	Análise de similari-dade	MLP	SOM	*Back Propaga-tion*	*Cascade Correla-tion*
1	x	---	---	x	x	---	---
2	x	---	---	x	---	x	x
3	---	x	---	x	---	---	x
4	---	---	x	x		x	---
Totais	2	1	1	4	1	2	2

Fonte: MEIRELES, M.; CENDÓN, B. Aplicação prática dos processos de análise de conteúdo e de análise de citações em artigos relacionados às redes neurais artificiais. **Inf. Inf.** Londrina, v. 15, n. 2, p.77-93, jul. 2010.[35]

[35]Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/viewFile/4884/6993>. Acesso em: 08 fev. 2015.

Esta dissertação utilizou o modelo de tabela proposto pelas autoras citadas, porém com a denominação de Oliveira (2008) em unidades temáticas e unidades de referência. A tabela 4 mostra o procedimento.[36]

Tabela 4 - Unidades temáticas

Temas	Perfil Edward Snowden				
Subtemas Notícias	Revelação identidade de Snowden	The Guardian e Washington Post	Histórico Profissional	Percurso	Pedido de Asilo
1	1	1	1		
2	1	1	1		1
3	1		1	1	
4	1	1	1	1	
5		1	1	1	1
6				1	1
7				1	1
8	1	1	1	1	
9	1	1	1	1	

Fonte: Elaborado pela autora[37].

4.3 ANÁLISE DAS UNIDADES TEMÁTICAS

A análise foi dividida em cinco temas centrais: Perfil, Espionagem Americana, Vigilância, Direitos Humanos, Legislação e outros. A definição dos temas foi realizada levando em consideração a pesquisa exploratória sobre o caso, a frequência com que os temas ocorreram na coleta e a importância dos mesmos para a análise dos resultados. “As categorias empíricas devem ter alguns atributos que definem a sua qualidade, em termos de expressão dos significados contidos no texto” (OLIVEIRA, 2008).

Para tanto, consideramos que uma notícia contém uma unidade temática ou de referência ao abordar algum aspecto relacionado à unidade. Por exemplo, uma notícia sobre a espionagem americana no Brasil pode conter as unidades de referência Marco Civil, pois muito foi discutido sobre a necessidade de uma legislação que trate de tais assuntos, como também pode conter uma unidade de referência relacionada à divulgação do caso Edward Snowden. Portanto, uma mesma notícia pode conter mais de um tema ou unidades de referência. O que nos interessa não é contar palavras ou expressões, mas compreender a ocorrência de tais temas na circulação midiática do acontecimento através das inferências dos indícios (BRAGA,2008).

[36] O “1” significa que o artigo possui a unidade referencial.
[37] Disponível em: <http://1dvr.ms/1XJvRWa>. Acesso em: 05 fev. 2015.

O tema perfil é constituído por notícias que contenham assuntos relacionados à pessoa Edward Snowden e aos detalhes da revelação do evento. Ele apresenta as seguintes unidades de referência: Revelação da Identidade de Edward Snowden, *The Guardian* e *The Washington Post*, Histórico Profissional, Percurso e Pedido de Asilo. A característica desse tema é que é voltado à assuntos que não o tema central do escândalo.

O tema espionagem americana contém notícias que falam dos programas de espionagem americana e dos assuntos relacionados ao vazamento de informações da NSA. Esse tema está divido da seguinte forma: PRISM, coleta de registros telefônicos pelos Estados Unidos, vigilância dos cidadãos, vazamento afeta a segurança nacional, espionagem americana no Brasil, espionagem americana em outros países, espionagem dos aliados dos Estados Unidos em outros países. A característica desse tema é o fato em si. Nesse estágio é divulgado a notícia pelo fato e não pelas discussões e repercussões que o fato gera. É a notícia objetiva de um evento ocorrido.

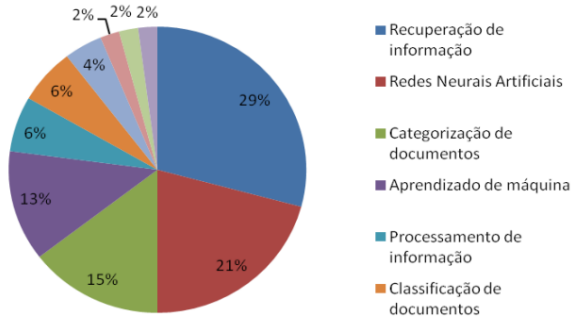
Vigilância, Direitos Humanos e Legislação contêm notícias que tratam das discussões geradas pelo evento. Esse tema é composto pelos seguintes pelas unidades de referência: 11 de setembro, proteção aos atentados terroristas, liberdade, privacidade, Ato Patriota e Marco Civil da Internet. A característica desse tema é justamente a reflexão sobre como o evento afeta à sociedade e às pessoas.

O tema "outros" é voltado às reações não esperadas das pessoas sobre o evento. Ele é dividido em dois subtemas: relacionamentos e utilização comercial do escândalo. A sua característica é que apesar de sair do tema central da discussão para abordar assuntos superficiais como a profissão da namorada de Snowden ou um *designer* que refez a apresentação da NSA, apresenta as formas de apropriação do significado do acontecimento para gerar audiência ou lucro.

4.4 ÍNDICES E INFERÊNCIAS DA ANÁLISE DE CONTEÚDO

A partir dessas classificações em torno do material levantado, foi realizado o tratamento dos resultados. Esse é o último estágio da análise de conteúdo. No caso apresentado, a sistematização da pesquisa através das tabelas mencionadas anteriormente, proporcionaram às autoras a possibilidade de inferir os dados em diversas perspectivas. Um dos parâmetros foi o gráfico em pizza com a porcentagem de frequência dos temas no *corpus* de estudo.

Gráfico 1 - Referências agrupadas por temáticas



Fonte: MEIRELES, M.; CENDÓN, B. Aplicação prática dos processos de análise de conteúdo e de análise de citações em artigos relacionados às redes neurais artificiais. **Inf. Inf.,** Londrina, v. 15, n. 2, p.77-93, jul. 2010.

A análise de conteúdo permite a reorganização intencional das mensagens de forma diferente do discurso original, de maneira que é possível segmentá-lo e verificar, através de alguns parâmetros estabelecidos, quais são as lógicas que este objeto apresenta em planos ainda não aparentes ao "olho nu" (OLIVEIRA, 2008).

As inferências da análise de conteúdo serão delineadas pelo estudo de caso e paradigma indiciário (BRAGA, 2008). Para tanto, partiremos de uma percepção mais abrangente para então chegar aos casos singulares. O conhecimento mais amplo gerado por pesquisas indiciárias não se baseia pela tipicidade ou pela frequência de um caso único, mas pela descoberta da possibilidade de um fenômeno ocorrer, mesmo que de ocorrência única ou mínima. Diante disso, é necessário pesquisar e teorizar quais as condições sociais dessa possibilidade. Desse modo, será possível fazer proposições teóricas gerais, completando a teoria do caso, e, conjuntamente, compreender as regras internas e as lógicas de contextualização do fenômeno. Entretanto, o pesquisador deve ser cauteloso no sentindo de que essas proposições amplas não buscam afirmar o que se descobriu para um caso único como regra para todos os casos de um conjunto. O que interessa nesse caso é fazer inferências genéricas sobre o mundo em que tal caso pode ocorrer. O propósito ao realizar às inferências sobre o estudo de caso através da análise de conteúdo é permitir ao pesquisador a percepção sobre quais lógicas interacionais são pertinentes para o funcionamento do fenômeno e como essas lógicas se conectam com outros processos sociais que caracterizam o mesmo (BRAGA, 2008).

Partindo desses procedimentos, foi possível buscar as respostas para os questionamentos iniciais sendo eles: como a mídia informativa tratou o caso? Como é o papel da mídia enquanto mediadora em assuntos de interesses sociais, que não são discutidos por serem técnicos? Quais as leis, discussões e assuntos que o caso gerou? O próximo capítulo apresentará as inferências

relacionadas à tabela 2, as quais buscam responder sobre como ocorreu a circulação midiática do caso.

5 A CIRCULAÇÃO DO CASO SNOWDEN

Esse capítulo trata das inferências relacionadas à sistematização da análise de conteúdo na tabela 2. Nessa etapa, foram analisados os *sites, blogs* e portais de notícias brasileiros encontrados na amostra da pesquisa, a qual se constitui por 256 notícias publicadas na internet no período entre 1 de junho a 31 de julho de 2013. Para isso, analisamos os veículos na perspectiva dos estudos relacionados à Circulação (BRAGA, 2012; NETO, 2010) e à Interação no jornalismo pós-massivo (PRIMO, 2000; LEMOS, 2007).

5.1 O PERFIL DA MÍDIA INFORMATIVA ALCANÇADA NA COLETA

Ao todo, foram coletadas 256 notícias de 48 canais de mídia informativa. Todas essas notícias foram registradas e organizadas em duas tabelas. Os resultados da primeira tabela viabilizaram a análise sobre os canais que apareceram na divulgação do evento, as agências de notícias mais utilizadas na cobertura do assunto e a circulação de cada notícia nas redes sociais.

A partir da análise dos resultados desse primeiro registo foi possível constatar que a cobertura do evento foi realizada por uma variedade de canais. Dentro desse volume de canais, estão não só grandes veículos jornalísticos e sites da grande mídia, como também *blogs* e *sites* de pequeno porte, mais voltados a um interesse específico, como tecnologia da informação.

Os *Blogs* são "páginas com atualizações frequentes em ordem cronológica inversa" (ZAGO, 2008; p.3). Eles geralmente possuem uma temática definida e as publicações revelam características pessoais dos autores. Quando as primeiras ferramentas de *blogs*[38] surgiram ampliaram as possibilidades de qualquer pessoa ter um espaço online para dizer o que pensa. A partir daí alguns usuários começaram a utilizar como se fossem diários e outros, ao contrário, utilizavam como forma de discutir temas de interesse. No segundo caso era comum o anexo de links ao texto. Esses links direcionavam o acesso a conteúdos relacionados ao tema, o que facilitava a localização da informação, já que não existia a pesquisa do *Google* (ZAGO,2008).

Os *blogs* com características de diário migraram para *Fotologs*, Y*outube* e posteriormente para as mídias sociais, onde encontraram maiores possibilidades de interação com as redes de amigos (NEVES, 2010). Os *blogs* hoje são espaços de diálogo sobre assuntos específicos que atraem audiência segmentada. Por isso, esse tipo de site não deve ser analisado

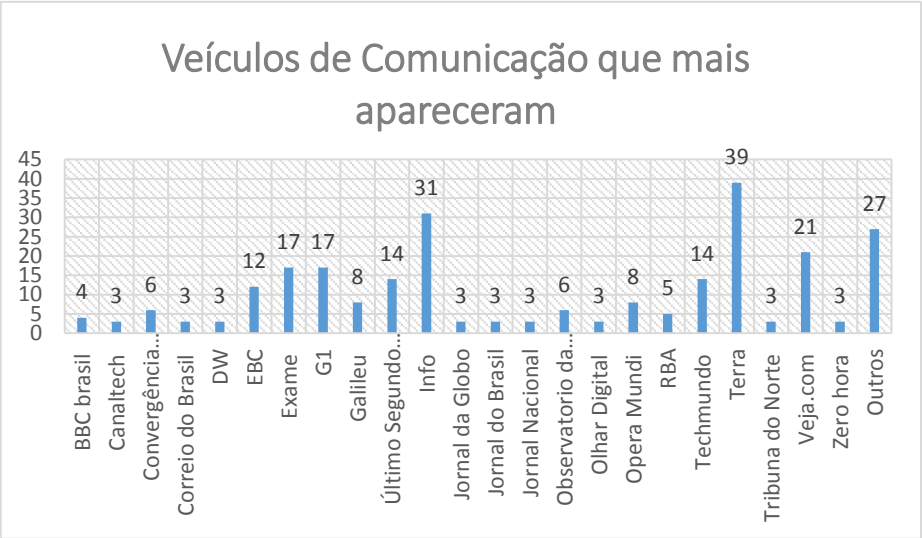
[38] As ferramentas de *Blogs* ofereceram a possibilidade de qualquer pessoa publicar páginas na internet, o que antes era restrito apenas aos usuários que tinham conhecimentos em programação HTML. Uma das primeiras ferramentas que surgiram foram os *Blogguers*.

a partir de uma perspectiva massiva como um jornal impresso ou um portal de notícias, pois a audiência dos *blogs* é composta por grupos voltados a nichos específicos que encontram um lugar que possam interagir e trocar ideias sobre temas que possuem interesse mútuo. Apesar de não ser voltado à massa, o estudo dos *blogs* possui grande importância no cenário midiático, já que a interconexão entre esses grupos de nichos gera significativos efeitos em rede. Isso ocorre porque, juntos, os grupos de nichos dispersos competem com os grandes portais que funcionam como grande centro distribuidor de mensagens. Portanto, assim como os sites especializados, os blogs se caracterizam como mídias de função pós-massiva que se fortalecem nas bordas, enquanto os de função massiva focam-se no centro (PRIMO, 2000; LEMOS, 2007).

Segundo André Lemos (2007), as mídias de função pós-massiva emergiram com a globalização das redes telemáticas e o aumento da circulação de informações no mundo. Essas mídias não possuem fluxo centralizado, sua emissão é aberta, sem controle, mas conversacional. Elas podem ser pequenas, médias ou até grandes empresas que funcionam sem concessão do Estado. A pesquisa utiliza o conceito de mídia com função pós-massiva, não como uma superação à mídia de função massiva, mas como um ambiente difuso e potencializador de discussões em grupos de interesses específicos (PRIMO, 2000).

Muitas vezes a própria mídia de função massiva utiliza meios pós-massivos para criar engajamento com seu público como é o caso dos blogs de jornalistas políticos ou comentaristas financeiros. Conforme veremos nesse tópico, ambas mídias (massiva e pós-massivas) existem em um ciclo, no qual as notícias são produzidas pelos veículos de notícias tradicionais das mídias massivas e reconfiguradas pelas mídias pós-massivas de acordo com suas temáticas, com o objetivo de atrair engajamento e discussão sobre o assunto com seu público (RUBLESCKI, 2011). O gráfico abaixo apresenta os canais que mais apareceram na pesquisa.

Gráfico 2 – Veículos que mais apareceram na pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora

O portal Terra é o canal que possui o maior número de ocorrências na coleta com 39 notícias. As origens desse portal ocorreram em 1987, quando a empresa gaúcha Nutec Informática S/A foi fundada. A empresa atuava com automação comercial no mercado de TI e tinha filiais em São Paulo e nos EUA. Após contato com universidades americanas, os sócios perceberam que a internet era uma grande oportunidade comercial. Em 1995, eles criaram a nova empresa: a Nutecnet, voltada para web. Logo após, lançaram seu primeiro produto, um sistema de correio eletrônico (TERRA, 1998)[39].

No final de 1996, a Nutecnet se uniu ao grupo de mídia RBS e juntos criaram um dos primeiros canais interativos da web, o portal[40] e provedor de internet Zaz. O portal tinha o *slogan*: Zaz – O seu canal na internet. Entre os produtos, possuía uma ferramenta de busca, aplicativo de envio de cartões com mensagens para usuários, *chat*, serviço de compras e até um serviço de relacionamento denominado Alma Gêmeas. O Zaz se tornou referência de mercado em menos de um ano. Em 1999, o portal foi comprado pelo grupo espanhol Telefônica, que pretendia iniciar suas operações na América Latina. Após ser vendido, o Zaz se transformou na empresa Terra Networks.

---

[39] TERRA. **Portal Terra e como tudo começou**. 1998. Disponível em: <http://tecnologia.terra.com.br/internet10anos/interna/0,,OI542329-EI5029,00.html>. Acesso em: 02 jul. 2015.

[40] A diferença entre o portal e um site comum é: o site é um espaço na web com informações organizadas de forma hierárquica. O objetivo do site é prover rápido acesso à informação através da navegabilidade. O portal é um site, porém nem todo site pode ser denominado portal. Para ser chamado como tal é necessário que seu conteúdo seja produzido para um determinado público e que todo o site seja de forma a incentivar a interatividade e as ações do usuário, para isso ele utiliza ferramentas como fóruns, chats, enquetes, entre outros.

Atualmente a Terra Networks é uma companhia multinacional presente em vários países, entre os quais: Brasil, Uruguai, Chile, Colômbia, Espanha, Estados Unidos, México e Peru. No Brasil, o site ocupa a 4ª posição no ranking dos portais brasileiros, ficando atrás apenas de Uol, Globo e R7[41].

Apesar de ter sido o site com maior número de notícias na coleta, o portal Terra não disponibiliza nenhum tipo de informação sobre o compartilhamento e a interação de suas notícias com os usuários. Ele possui os botões de mídias sociais para que o usuário compartilhe as notícias, porém não informa quantos compartilhamentos ou curtidas esse conteúdo obteve. Em todas as 39 notícias, nenhuma possui comentários na página do Terra.

O segundo canal que mais apareceu na coleta foi o *site* da revista Info com 31 notícias. A Info foi uma revista impressa mensal brasileira especializada em tecnologia da informação, voltada para temas como inovação, empreendedorismo digital e tendências. Desde o início do ano de 2015[42], ela existe apenas na versão online. Isso significa que durante o período selecionado das notícias da coleta (junho a julho de 2013) a revista ainda era veiculada no formato impresso[43]. A Info faz parte do grupo Abril e teve origem em 1986, como um encarte da revista Exame. O *site* da Info produz em média 50 notícias por dia, seu público é composto majoritariamente por homens (95%), na idade entre 20 e 34 anos, pertencentes à classe média[44].

O *site* da revista é interativo e cheio de possibilidades de compartilhamento, além disso, possui a informação sobre a interação dos usuários em relação ao conteúdo visível, no topo da página. A notícia mais compartilhada no *Facebook* e *Twitter* da revista foi: "Brasil sabia da espionagem desde 2001, diz jornal" [45], referente à matéria da Folha de São Paulo, a qual afirma que o Brasil tinha conhecimento sobre a espionagem americana, muito antes do vazamento dos documentos da NSA por Edward Snowden. Essa notícia obteve 48 *tweets*, 159 interações[46] no *Facebook*, 4 comentários e 28 compartilhamentos no *Google +*.

---

[41]Informação do site Meio e Mensagem. Disponível em: <http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/noticias/2013/03/11/R7-passa-terra-no-ranking-dos-portais.htm> Acesso em: 14 de Jul. 2015.

[42]Informação do site da Associação Brasileira de Imprensa. Disponível em: <http://www.abi.org.br/editora-abril-anuncia-fim-da-versao-impressa-da-revista-info/> Acesso em: 14 de Jul. 2015.

[43]Informação do site da Revista Info. Disponível em: <http://info.abril.com.br/sobre/info.shl > Acesso em: 14 de Jul. 2015.

[44]Informação do site do Grupo Abril. Disponível em: <http://www.publiabril.com.br/marcas/info/internet/informacoes-gerais acesso em 15/07/2015>. Acesso em: 14 de Jul. 2015.

45 Informação do site da Info. Disponível em: <http://info.abril.com.br/noticias/seguranca/2013/07/brasil-sabia-sobre-espionagem-dos-eua-desde-2001-diz-jornal.shtml>. Acesso em: 05 de mai. 2015.

[46] Interações no *Facebook* são comentários e curtidas.

O *site* da revista Veja ocupa a terceira posição da lista dos canais que mais apareceram na coleta, com 21 notícias. Assim como a Info, a Veja também faz parte do grupo Abril e é uma das revistas mais tradicionais do país. Ela surgiu em 1968, em plena ditadura militar, e foi criada pelos jornalistas Victor Civita e Mino Carta. É um periódico semanal, com tiragem de superior a um milhão de exemplares. A Veja é uma revista de informações gerais que aborda temas como da política, economia, internacional, até artes e cultura. Sua audiência é composta por 12 milhões de pessoas, somando-se todas as audiências de seus canais, as quais se configuram da seguinte forma: 9,3 milhões na versão impressa, 150 mil na versão digital, 36 mil no aplicativo Veja Notícias e 2,5 milhões de visitantes únicos no site, por semana[47].

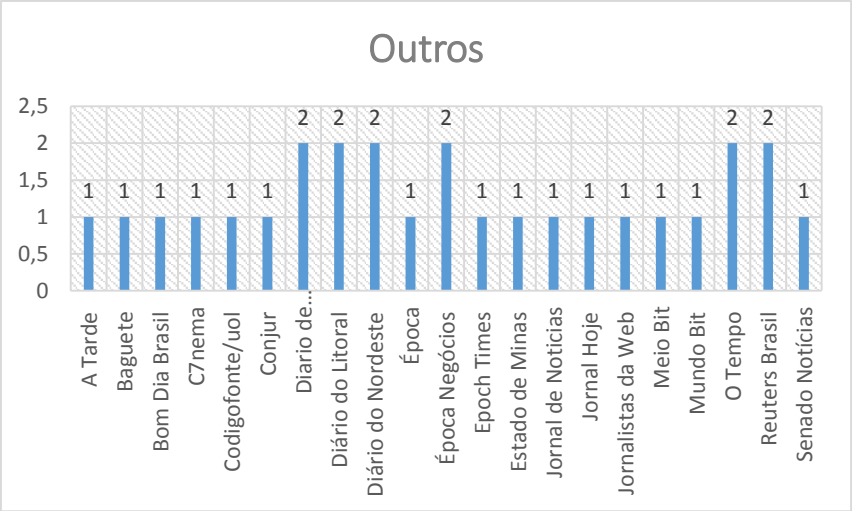
O público da revista Veja é em sua maioria feminino (55%), entretanto, a diferença percentual entre leitores e leitoras é bem pequena, já que 45% de seu público é masculino. A maior parte desses leitores possui idade acima de 50 anos (31%), são de classe média (51%) e moram na região Sudeste (58%).

Assim como o portal Terra, o site da revista Veja não disponibiliza o número de interações do público com as notícias da Revista. A página possui os botões de compartilhamento, mas não mostra quantas pessoas compartilharam o conteúdo nas redes sociais. Nenhuma das 21 notícias da Veja obteve comentários.

A coluna "Outros" ocupa a quarta posição do gráfico 2. Diferente dos canais citados anteriormente, essa coluna é a somatória dos canais que possuíram entre 1 e 2 notícias na coleta. Incluso nessa categoria estão apenas três veículos de grande porte – *Bom Dia Brasil* e *Época* da Globo e a *Reuters Brasil* – o restante é composto por jornais regionais e *blogs* especializados. O gráfico 2, apresenta os canais que estão na categoria "Outros".

Gráfico 3 - Veículos que apareceram menos de 3 vezes na coleta

[47]Informação do site do grupo Abril. Disponível em: < http://www.publiabril.com.br/marcas/veja/revista/informacoes-gerais>. Acesso em: 05 de mai. 2015.

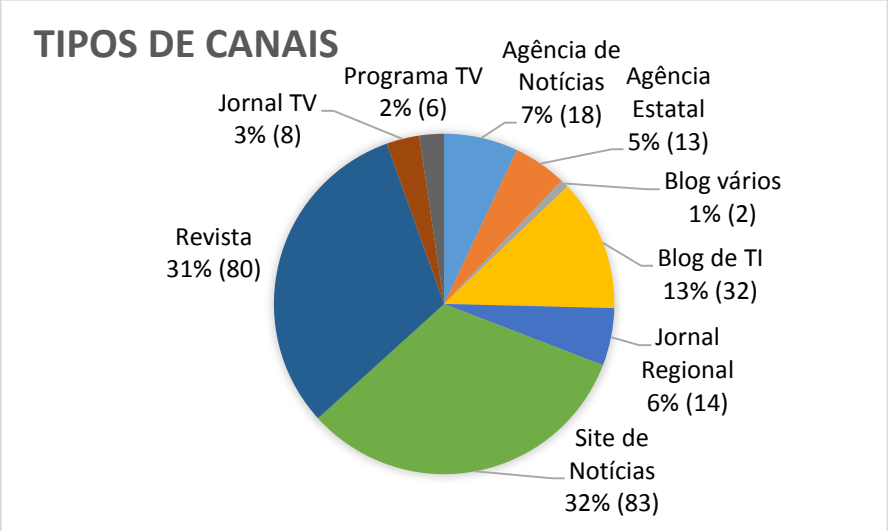


Fonte: Elaborado pela autora.

A partir desses dados é possível perceber que os dois canais que mais apareceram na coleta são unicamente digitais. Sendo o Terra mais voltado a assuntos gerais e o Info especificamente de Tecnologia da Informação. A revista Info e a Veja, são considerados categorias de canais de revista, já que a primeira, apesar de ser exclusivamente digital, começou como revista e no período de recorte do objeto (junho e julho de 2013) ainda era impressa. Além disso, os três canais citados anteriormente pertencem a grandes corporações de mídia.

A categoria site de notícias é a mais presente na coleta. Os sites que contribuíram para esse resultado foram Terra, G1 e último segundo do IG. A categoria site de revistas ocupam a segunda posição de volume de notícias na coleta. As outras categorias de canais estão presentes no gráfico abaixo:

Gráfico 4 – Tipos de canais por número de notícias na coleta



Fonte: Elaborado pela autora.

Juntos, os sites de notícias e de revistas respondem por 63% do volume total de notícias encontrado na coleta. Contudo, apesar de possuírem o maior volume de publicações, não significa que esses veículos conquistaram maior audiência, ou que foram bem-sucedidos na comunicação com o usuário. Isso ocorre porque analisar a notícia apenas na lógica da distribuição e emissão não responde à problemática do estudo, nem consegue explicar a circulação do evento, a qual está inserida em um ambiente complexo e dinâmico que é a internet.

5.2 A MUDANÇA NA RELAÇÃO COM OS PÚBLICOS: A INTERAÇÃO NO JORNALISMO

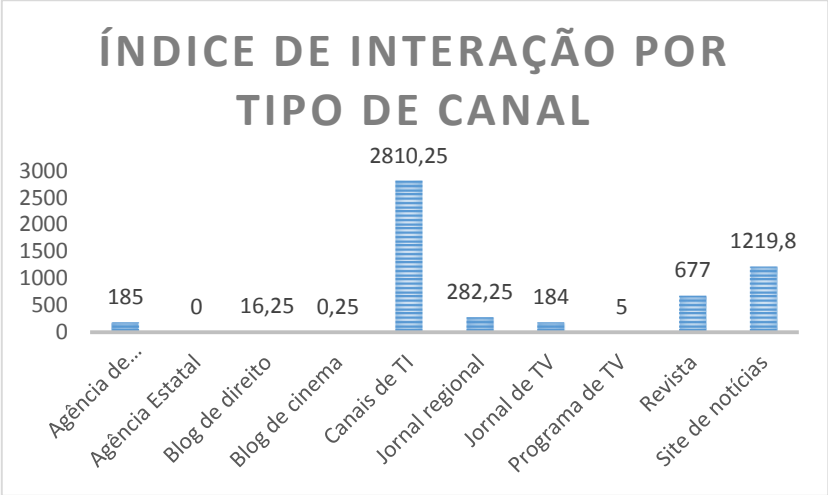
No contexto digital, a notícia não é o produto final do jornalismo, ela é um fluxo que continua a circular mesmo tempos depois de sua publicação. Portanto, a notícia não morre ou fica imutável, pelo contrário, ela se transforma de acordo com as interações que podem ser dos usuários e seus dispositivos ou dos algoritmos das ferramentas de busca. Diferente das mídias tradicionais, o alcance e a distribuição de uma mídia digital não é controlado pelo número da tiragem ou dos pontos de vendas físicos, mas sim pelo conteúdo, circulação em redes sociais, *SEO* e interface disponibilizada através do sistema de publicação da notícia (BERTOCCHI, 2014).

Diante disso, a lógica de estudo de emissão ou recepção perde sentido, pois a relação não é mais passiva é interativa, ou seja, acontece entre esses atores em um movimento transversal em que uma hora um é produtor e outra hora é receptor. Por isso, é preciso investigar "como os interagentes envolvidos negociam suas posições de produção e recepção e como elas se alternam (as condições de interação)" (PRIMO, 2007, p.27).

Primo (2000) classifica a interação em dois aspectos: reativa e mútua. A primeira é uma interação linear, limitada por reações de resposta a estímulos. Já a mútua é caracterizada por relações interdependentes e processos de negociação em que cada interagente participa da construção inventiva da interação, dessa forma eles se afetam mutuamente. Portanto, em relações mútuas os envolvidos são transformados mutualmente no processo e a relação criada entre eles é recriada a cada interação. É impossível prever o que acontecerá nas reações mútuas, diferente das interações reativas que são limitadas por certas determinações e se a mesma ação fosse tomada uma segunda vez o efeito seria o mesmo.

Com objetivo de analisar as interações na amostra de pesquisa sobre a divulgação do caso do Vazamento de dados da *NSA* por Edward Snowden, foi criado o índice de interação da notícia. Esse índice busca compreender quais notícias apresentaram maior interação e como isso se relaciona com o contexto do caso. O objetivo é investigar as relações de interação mútuas entre os canais e os usuários. O índice é calculado através da média simples do número de interações do *Twitter*, *Facebook*, Comentários e *Google* +. Portanto, para chegar ao resultado, é necessário somar todos os valores e dividi-los por 4. A partir desse índice, foi possível calcular, por tipo de veículo, qual obteve o maior espalhamento da notícia sobre a cobertura do fato.

Gráfico 5 – Índice de interação por canal



Fonte: Elaborado pela autora.

É perceptível a perda de volume dos canais e sites de notícias e revista ao comparar os gráficos 2 e 4. O autor norueguês Deuze (2003), aborda o jornalismo digital a partir de três características fundamentais da web: interatividade, multimidialidade e hipertextualidade. A partir desses três âmbitos, ele classifica os tipos de jornalismo de acordo com a forma com que os canais interagem com os usuários e a quantidade de conectividade das notícias entre si (no caso de Edward Snowden, ao acessar uma notícia era possível clicar em várias outras relacionadas ao fato através de *hiperlinks* na página da mesma). Dentro dessa conjuntura, ele classificou o jornalismo digital nos seguintes tipos: sites de notícias tradicionais, sites de indexação e categorização; sites de crítica da mídia e compartilhamento e discussão.

Ele verificou que em sua grande parte, os sites de notícias tradicionais possuem apenas conteúdo editorial, são altamente moderados, muitas vezes sem nenhum tipo de possibilidade de interação com o usuário. Na maioria dos casos são sites de jornais, revistas ou portais que

nasceram no início da internet e produzem conteúdos próprios ou a partir de materiais de agências internacionais. Essas empresas trouxeram para a Internet a credibilidade que tinham construído off-line e por isso, muitas vezes, são copiados e replicados por *blogs* e redes sociais, assim como também podem utilizar as redes sociais como pauta de suas matérias.

Na pesquisa, os canais que mais se assemelham a essa categoria são os sites das revistas Exame e Veja, o portal Terra, alguns jornais regionais como Tribuna do Norte e Zero Hora e as agências de notícias: Reuters Brasil, BBC Brasil, DW e a estatal EBC. Dentre esses canais, as agências de notícias são as mais fechadas, possuem apenas a opção de compartilhar o conteúdo, não disponibiliza as informações sobre o número de compartilhamentos e também não disponibiliza espaço para comentários. Já os outros canais, possuem esse espaço de comentários, porém não há interações sobre o assunto nem informações sobre o compartilhamento do conteúdo.

Os sites de indexação e categorização são mídias como o *Google Notícia*, por exemplo, que disponibilizam uma série de links sobre um determinado assunto. Esse tipo de veículo não ocorreu na pesquisa já que a ferramenta utilizada para a seleção das notícias foi o site referido anteriormente. Esse tipo de mídia era frequente no início da internet, quando as ferramentas de buscas não conseguiam entregar resultados qualificados, por isso, muitas vezes as pessoas recorriam a blogs que disponibilizavam links sobre determinado assunto de forma que o usuário pudesse encontrar a informação de maneira mais efetiva. Os sites de indexação não oferecem conteúdo original, apenas agregam links de acordo com um tema, linha editorial ou palavras-chave (DEUZE, 2003; RUBLESCKI, 2011).

O site do programa Observatório da Imprensa, foi o único encontrado na coleta que se enquadra na classificação de canais de crítica da mídia. "O Observatório da Imprensa (www.tvbrasil.ebc.com.br/observatório) é um programa semanal da TV Brasil que está no ar há dezessete anos. O programa analisa de forma crítica o desempenho da mídia a partir de assuntos que estão em destaque na imprensa"[48]. Ele é ao vivo e anualmente produz edições especiais gravados no Brasil ou Exterior. O Observatório da Imprensa é produzido pelo órgão federal Empresa Brasileira de Comunicações (EBC) e oferece vídeos, comentários e entrevistas a universidades de Jornalismo e pesquisadores, além de os disponibilizar nas redes sociais e no seu site para o público em geral.

O Observatório da Imprensa não obteve o maior número de notícias na coleta, tampouco alcançou elevado índice de interação, entretanto o conteúdo disponibilizado abordou a forma

[48]Informação disponível em <http://tvbrasil.ebc.com.br/observatorio>. Acesso em: 23 de jul. 2015.

como a mídia divulgou o fato, o que nenhum outro canal fez. A notícia "Clima nos EUA parece de filmes de espionagem"[49] faz elogios ao jornal The Guardian por trazer tal caso à tona: "Palmas também para o excelente trabalho da chamada 'velha imprensa', que muitos dizem que vai desaparecer. É exatamente por escândalos como o dos grampos nos EUA que ela não pode virar pó" (ANVERSA, 2013). Já a publicação "Por que os jornalistas ignoram o caso Snowden?" [50] questiona o desinteresse e o desconhecimento dos jornalistas sobre o caso, por acharem que o assunto é técnico demais e que o público não entenderia tal fato.

Outro aspecto encontrado nas publicações do Observatório da Imprensa é que muitas não são de autoria própria, são notícias de outros veículos de imprensa e até textos de grupos de *Facebook* sobre jornalismo, os quais muitas vezes são editados com acréscimos de conteúdos produzidos pelo Observatório da Imprensa e publicados com os devidos créditos. É interessante notar que muitas das notícias que o site publica são de veículos de mídia tradicional, ou seja, mesmo que os sites tradicionais sejam altamente moderados, ao terem conteúdos incorporados pelo Observatório da Imprensa, essas publicações passam a incorporar a lógica da interação da mídia crítica e não mais da tradicional. Isso significa que, mesmo pertencendo à mídia tradicional, ela agora se reconfigura e se abre a outros tipos de interações em um outro contexto.

> Muitos desses sites (sites de crítica da mídia) existem como jornalismo online de modo que eles coletam, anotam e comentam sobre fontes de notícia em toda a web, focando explicitamente nas questões e nos ângulos que eles acreditam que os jornalistas 'mainstream' não cobriram (ou não cobriram bem o suficiente). Como a maioria desses sites também permitem que as pessoas possam realizar *upload* e contribuir com suas próprias histórias em um ambiente aberto de publicação, eles podem ser caracterizados em suas ações como mais ou menos metasites participativos (DEUZE, 2003, p.210).[51]

O último modelo de jornalismo segundo a classificação de Deuze (2003) é o de compartilhamento e discussão. Nesse modelo, o foco está no conteúdo e compartilhamento. Desse modo, os *sites* dessa categoria utilizam a infraestrutura da internet para contar histórias e trocar ideias, entre outros, de maneira que seja criada uma discussão sobre o assunto. Esses *sites* são voltados a um tema específico, como por exemplo *blog* de TI, cinema, artes. Dentro

---

[49] Disponível em <http://observatoriodaimprensa.com.br/caderno-da-cidadania/ed750-clima-nos-eua-parece-de-filmes-de-espionagem/>. Acesso em 24 de jul. 2015.

[50] Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/_ed757_por_que_os_jornalistas_ignoram_o_caso_snowden/>. Acesso em 24 de jul. 2015.

[51] Many of these sites (sites de crítica da mídia) exist as online journalisms in that they collect, annotate and comment upon sources of news all over the web, focusing explicitly on issues and angles that they feel the 'mainstream' journalists have not covered (well or sufficiently). As most of these sites also tend to allow individuals to upload and contribute their own stories in an open publishing environment, they can be seen to act as more or less 'participatory' metasites (tradução da autora).

dessa categoria, o canal TECmundo se destaca. A tabela 5 apresenta as dez notícias com maior índice de interação. Entre essas dez, cinco são do *blog* de TI TECMundo, outras são de *sites* de notícias tradicionais G1 e Último segundo do IG e uma é de um jornal regional – Diário de Pernambuco.

Tabela 5 – Notícias com mais interações dos usuários

Veículo	Título	Twitter	Facebook	Comentários	Google +	índice de interação
TECMundo	PRISM: entenda toda a polêmica sobre como os EUA controlam você	196	3800	467	79	1135,5
TECMundo	Espionagem americana no Brasil: o que é preciso saber?	91	1800	233	24	537
TECMundo	Software da NSA pode coletar praticamente qualquer coisa online	60	909	119	19	276,75
Diário de Pernambuco	Snowden promete novas revelações sobre vigilância eletrônica americana	0	0	0	943	235,75
TECMundo	O caso Edward Snowden e a vigilância de dados no Brasil	38	708	64	9	204,75
TECMundo	Brasil sabia de espionagem dos EUA desde 2001	81	579	80	7	186,75
Último Segundo - IG	Denúncia de espionagem na internet coloca em xeque futuro de empresas	0	581	0	28	152,25
G1	Parlamento Europeu exige que EUA esclareçam se espionou a EU	30	416	0	0	111,5
Último Segundo - IG	Leis obrigam empresas da internet a abrir dados de usuários ao governo dos EUA	74	305	17	29	106,25
Último Segundo - IG	Para Chomsky, empresas da web superam governos em coleta de dados de cidadãos	38	360	5	16	104,75

Fonte: Elaborado pela autora.

A publicação com maior índice de interação "PRISM: entenda a polêmica e sobre como os EUA controlam você" utiliza a técnica *storytelling* para abordar o fato, algo que os sites tradicionais não fizeram. Essa técnica narra o acontecimento como se fosse uma história, de

modo a recriar personagens e cenas que estimulam sensações no leitor. O objetivo é que o consumidor da notícia ou texto se identifique com o relato (CUNHA; MANTELLO, 2014). Essa técnica é perceptível na publicação, afinal, está escrita em primeira pessoa, em várias ocasiões o autor chama o leitor de "você" e apresenta o evento contando os fatos de maneira a narrar uma história (KARASINSKI, 2013)[52].

A única notícia do TECMundo que utilizou a técnica de *Storytelling* foi a que obteve o maior índice de compartilhamento. Essa notícia foi publicada no momento em que o evento ocorreu e suas características apresentavam aspectos didáticos para explicar o fenômeno. Todas as publicações do site apresentam uma linha de raciocínio estruturada através de perguntas ou tópicos, um resumo dos principais acontecimentos, quem são os envolvidos, a contextualização do caso e, em alguns casos, explica como determinado assunto pode influenciar a vida do leitor.

O TECMundo é um site voltado especificamente para Tecnologia da Informação e pode ser considerado uma mídia de função pós-massiva, pois é um ambiente que fornece informações sobre temas relacionados à Tecnologia da Informação e ao mesmo tempo um canal de interação entre usuários. Esse site, então, é um ambiente de discussão, já que propicia através de fóruns e comentários o debate de assuntos relacionados à temática proposta, e jornalístico, pois "viabiliza macrointerlocuções sociais que movimentam a atualidade, no contínuo refazer do presente" (CHAPARRO, 2013, p.11).

Apesar de não fazer parte da mídia tradicional, o TECMundo não é um site independente. Ele é um produto de mídia do grupo NZN, o qual é voltado para conteúdo digital e possui em seu portfólio marcas[53]como: Baixeaki[54], Superdownloads, Megacurioso, Rexposta, entre outros. Uma das características desse grupo é possuir sites voltados a um tema específico e não há canais gerais, como é comumente visto em produtos de mídia tradicional. Esse grupo está voltado à cauda longa, pois oferece conteúdo específico a um mercado de nicho, o qual se torna mais engajado ao receber informação desmassificada (ANDERSON,2006).

A tabela de índice de interação apresenta um outro aspecto interessante: entre as dez notícias com maior interação está o jornal regional Diário de Pernambuco. Apenas duas notícias desse canal apareceram na coleta e, mesmo com a baixa frequência, a notícia "Snowden promete novas revelações sobre a vigilância eletrônica americana" esteve entre as mais

---

[52] Disponível em: <http://www.tecmundo.com.br/privacidade/40816-prism-entenda-toda-a-polemica-sobre-como-os-eua-controlam-voce.htm>. Acesso em: 20 jul. 2015.

[53] Informação retirada do site da empresa <http://www.gruponzn.com/nossas-marcas> Acesso em: 01 jul. 2015.

[54] Na página "Quem Somos" do site TECMundo há a informação de que o TECMundo e o Baixeaki são o mesmo site, porém na página do grupo NZN são marcas distintas. Disponível em: <http://www.tecmundo.com.br/institucional/284-sobre-o-baixaki.htm> Acesso em: 01 jul. 2015.

interagidas. Isso faz refletir sobre as relações do usuário com o jornal regional. Afinal, diferente dos anos passados, quando a informação era distribuída dos grandes jornais para os locais, de maneira a difundir onde os jornais das capitais não alcançavam (MACHADO, 2008), a internet possibilitou o acesso à informação direta da fonte.

Entretanto, o que se observa é que o localismo é uma necessidade buscada para enfrentar a complexidade cultural da Globalização. Uma necessidade baseada no desejo da identificação de pertencer a uma comunidade, a qual mesmo sendo relacionada ao lugar (território), não existe apenas de maneira física, mas também enquanto grupo simbólico. Isso significa que mesmo que o sentimento de pertencer a um grupo esteja relacionado à cidade natal ou ao bairro, à rua ou ao ambiente, em que essas pessoas se encontram para discutir os assuntos desses endereços, não é utilizado apenas o local físico para isso, mas também a internet. Portanto, o sentimento de pertencimento está relacionado ao grupo simbólico do local, como é o caso dos grupos de discussões dos sites especializados e mídias sociais (ALGERI, 2011).

5.3 O FLUXO DA INFORMAÇÃO

O jornalismo está passando por grandes transformações / tensionamentos que causam rupturas na maneira em que a informação é distribuída e publicada. Se antes a distribuição e a publicação das notícias eram restritas a um tradicional grupo de empresas jornalísticas, com o advento das tecnologias digitais esse poder se dispersou entre diversos canais e até mesmo entre o público (ANDERSON, BELL, SHIRKY, 2014; KLEIN, 2015).

Klein (2015) observa que pensar a circulação jornalística no âmbito da distribuição ou disseminação de conteúdo é insuficiente no contexto dos públicos em rede. Isso ocorre porque as tecnologias digitais possibilitam a inserção de indicadores nas notícias sobre volume de cliques, interações e visualizações da publicação. Além disso, as lógicas da circulação midiática são também influenciadas por sites indexadores e de redes sociais que analisam não só a quantidade de informação relevante produzida pelo canal, como também as interações entre os usuários (BERTOCCHI, 2014).

Isso atingiu diretamente o modelo de negócio das instituições jornalísticas, as quais eram focadas na divulgação massiva de informações, ou seja, no conceito de um para muitos, pois eram as únicas fontes de informação de uma grande audiência. Diante dessa nova conjuntura, o jornalismo tradicional se depara com o desafio de atingir grandes públicos, em uma lógica de compartilhamento de interação. Há um imenso volume de informações na internet e as pessoas interagem com essas informações de maneira diferente, a grande

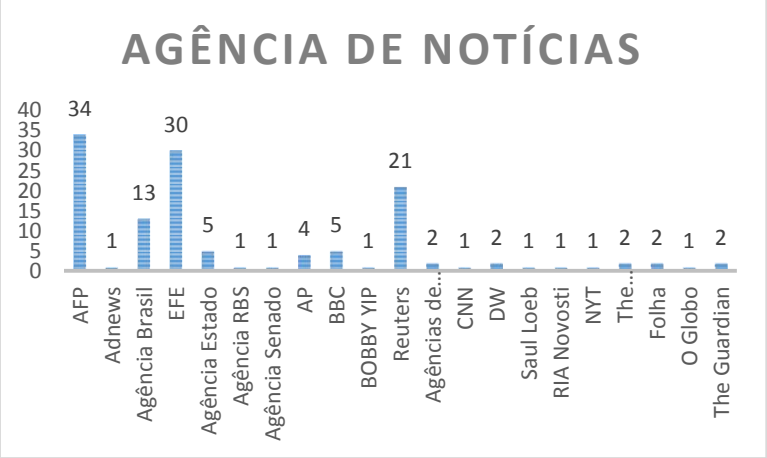
dificuldade do jornalismo tradicional nesse ambiente é a de se aproximar das pessoas de maneira a engajá-las em seu conteúdo (KLEIN, 2015).

O que se percebe ao analisar a cobertura da mídia por Edward Snowden é que o jornalismo tradicional continua a ser a fonte primordial de informação sobre o caso. Entretanto, não consegue criar engajamento e interação com o público. Diante disso, é possível esclarecer que, apesar da crise da instituição jornalística em não mais controlar a informação e a difusão da notícia, os veículos de mídia tradicionais ainda ocupam grande importância no fluxo da informação no ambiente digital. O próprio caso Snowden é um exemplo da importância dessa instituição, afinal, foi através do The Guardian que o escândalo da *NSA* veio à tona.

> O Jornalismo expõe corrupção, chama atenção para injustiça, detém os políticos e as empresas responsabilizando-os por suas promessas e culpas. Ele informa os cidadãos e os consumidores, ajuda a organizar a opinião pública, explica questões complexas e esclarece divergências essenciais. O Jornalismo desempenha um papel insubstituível nas políticas democráticas e na economia de mercado (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2014).[55]

Com os resultados da coleta foi possível perceber que, no caso estudado, o modelo de fluxo da informação ainda segue algumas lógicas do jornalismo tradicional. Das matérias produzidas (256), metade foram escritas com conteúdo de agências de notícias (128). Além disso, algumas matérias foram produzidas com conteúdo de várias agências. Portanto, no total, as agências estiveram presentes 131 vezes no material coletado. As agências de notícias identificadas no material foram:

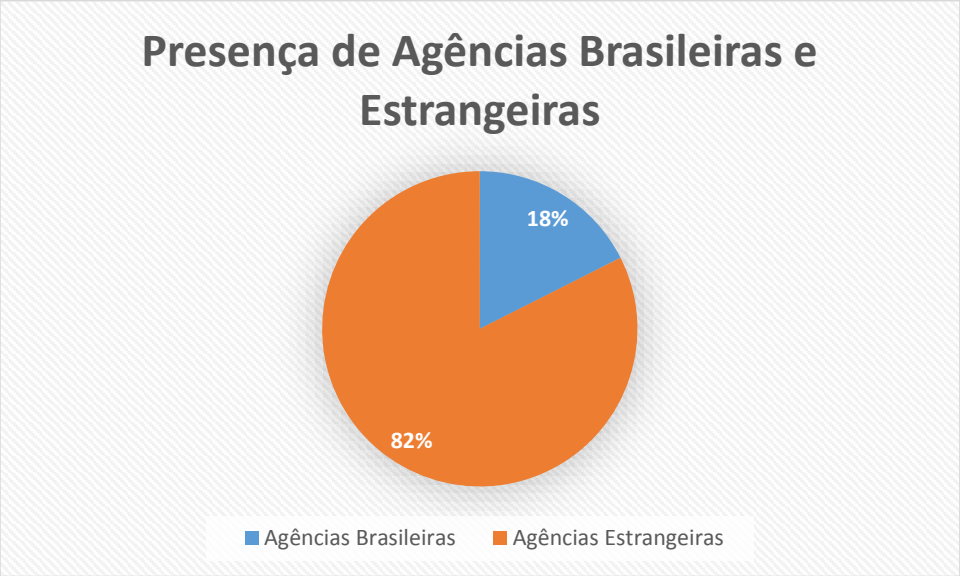
Gráfico 6 – Agências de Notícias



[55] Journalism exposes corruption, draws attention to injustice, holds politicians and businesses accountable for their promises and duties. It informs citizens and consumers, helps organize public opinion, explains complex issues and clarifies essential disagreements. Journalism plays an irreplaceable role in both democratic politics and market economies (tradução da autora).

Devido ao tema ser relacionado ao âmbito internacional, a presença das agências de notícias estrangeiras é superior à cobertura por parte das agências brasileiras. A cobertura inicial da mídia informativa brasileira utilizava basicamente as agências de notícias internacionais como fonte sobre o caso, não havia acesso à fonte original Edward Snowden. Após a volta de Gleen Greenwald ao Brasil, quando escreveu sobre a espionagem americana no Brasil para o programa de TV *Fantástico* e o Jornal *O Globo*, é que a mídia brasileira teve maior acesso às informações originais do caso. No entanto, no período de recorte do caso, nenhuma mídia informativa brasileira conseguiu depoimento do delator, apenas de intermediários.

Gráfico 7 – Nacionalidade das agências de notícias



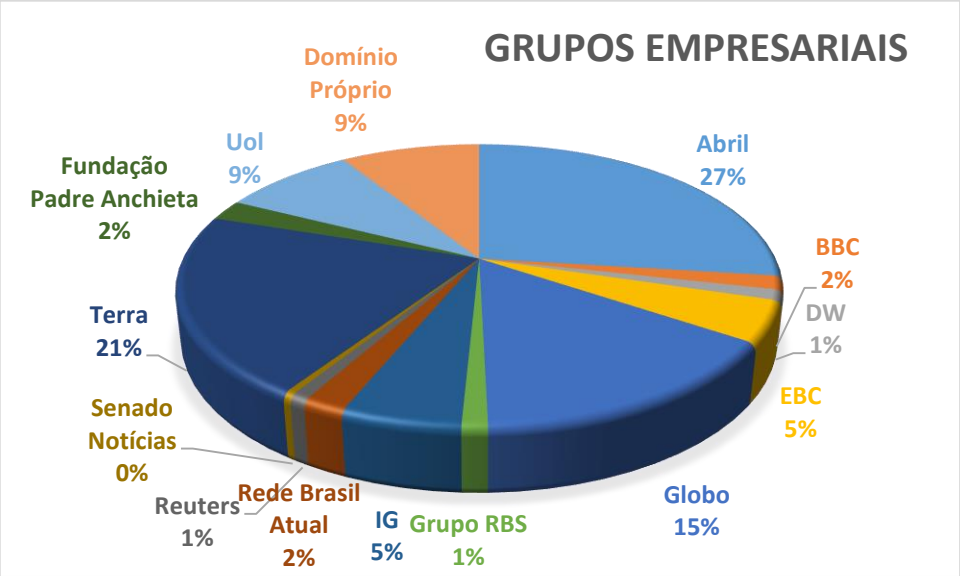
Fonte: Elaborado pela autora.

Outro aspecto relacionado às agências de notícias revelado pela pesquisa é que os veículos que produziram informações com conteúdo dessas empresas são sites de jornalismo tradicional e pertencem a grandes corporações. Isso ocorre porque para utilizar conteúdo dessas empresas é necessário pagar. Entretanto, alguns *blogs* e *sites* como Convergência Digital, TECMundo e CanalTech não apresentaram nenhum conteúdo produzido por agência de notícias. Analisando a logística do caso e a falta de acesso de Snowden aos jornalistas, pois estava fugindo dos Estados Unidos, seria impossível esses canais terem o acesso à própria fonte, o que também supõe que as informações utilizadas para as publicações passaram de alguma forma por mediações nesse caminho, seja de assessores de Snowden, de informações divulgadas

pelo The Guardian, ou através da reformulação da informação publicada nos sites de jornalismo tradicionais.

Essa cobertura é realizada de maneira plural, apresentando os mais diversos aspectos que podem ou contribuir para discussão dos temas através de diversos focos. Entretanto, mesmo com a pluralidade de fontes, a origem geralmente está ligada a grandes grupos empresariais e agências de notícias internacionais. O Gráfico 8 mostra a presença dos grupos empresariais de mídia na cobertura do acontecimento. É possível perceber que os grupos de mídias tradicionais Abril e Globo estão entre os que apresentam o maior volume de notícias sobre o assunto na amostra, sendo Abril com 27% das notícias e Globo 15%. O grupo Terra também ficou entre os grupos mais presentes na pesquisa, ele obteve a segunda maior frequência na coleta com 21% do total de notícias.

Gráfico 8 – Presença dos grupos empresariais na coleta



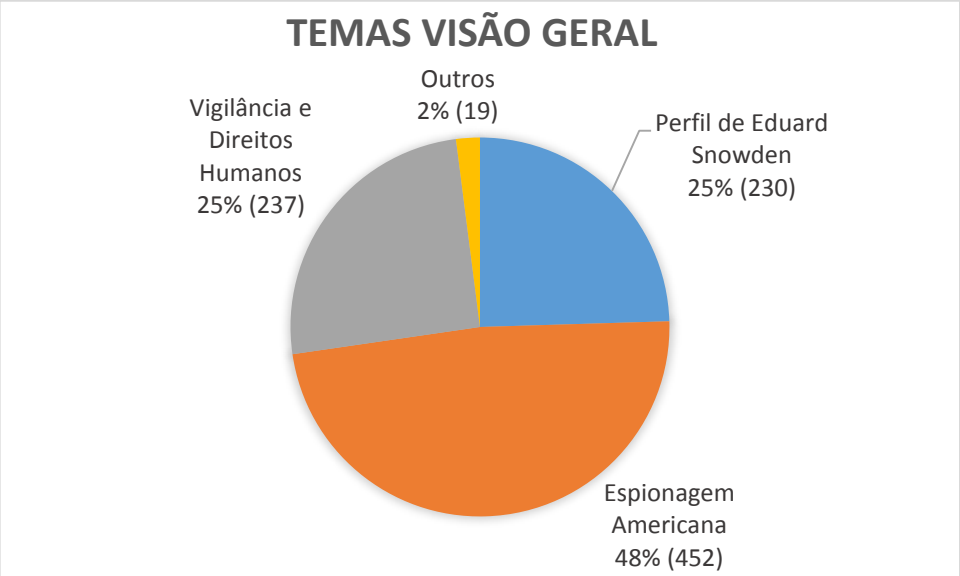
Fonte: Elaborado pela autora.

A partir dessa análise é possível identificar que no caso estudado a informação chega, na maioria das vezes, através das agências de notícias até os sites de jornalismo tradicional dominados em sua maioria por grupos de comunicação. Esses sites possibilitam a circulação inicial da notícia. Essa notícia é copiada e reconfigurada de acordo com os interesses da cauda longa e repassados de várias formas por outros canais de mídia informativa e sites de discussão. Assim, o evento é narrado de diversas perspectivas por outras mídias ou pessoas, através do compartilhamento e espalhamento. Isso ocorre de maneira que a história é recontada em um fluxo infinito (RUBLESCKI, 2011).

6 A TEMATIZAÇÃO DO CASO PELA MÍDIA BRASILEIRA

Esse capítulo apresenta a análise do caso através das inferências dos temas e unidades de referência encontrados na coleta da pesquisa. Após a organização das notícias na tabela 2, foi realizada a segunda etapa da pesquisa que consistiu na classificação das publicações em unidades temáticas e de referência. Com a classificação de todas as 256 notícias coletadas ficou evidente que cada publicação contém um ou mais temas, assim como, unidades de referência. Os quatro temas centrais foram criados de acordo com a pesquisa exploratória, a frequência com que apareceram na coleta e a importância dos mesmos na análise dos resultados. O gráfico 9 apresenta os quatros temas e a frequência de cada um no objeto de pesquisa.

Gráfico 9 – Temas presentes na coleta



Fonte: Elaborado pela autora.

É possível perceber que o tema “Perfil” possui uma grande quantidade de publicações que abordam as causas do acontecimento e os motivos que levaram tais revelações a eclodir. Além disso, também se destacam notícias sobre acontecimentos similares no passado. Por serem as primeiras notícias sobre o evento, os veículos tentam entender e explicar tal fato. No segundo tema “Espionagem Americana”, as notícias abordam sobre o “presente acontecimental”, em que os sujeitos afetados pelo acontecimento sofrem experiências coletivas que os fazem questionar o passado, de maneira que causam ruptura nas suas relações com governos e empresas. O tema “Vigilância e Direitos Humanos” traz notícias com foco na

resposta e ações dos sujeitos afetados pelo acontecimento, de maneira que esses começam a pensar em um futuro após o evento (FRANÇA; ALMEIDA, 2008).

6.1 EDWARD SNOWDEN – FONTE OU NOTÍCIA?

"Não quero que a história seja sobre mim. Quero que seja sobre o que o governo americano está fazendo" (GREENWALD, 2013). Essas foram as palavras que Snowden disse ao ser questionado por Glen sobre quem era ele e quais os motivos que o levaram a revelar os escândalos da espionagem americana. Entretanto, o que se percebe ao analisar a cobertura do caso é que nesse momento o ex-agente sai do âmbito de fonte e se torna a notícia. Isso ocorreu não só pelo fato de se assumir como responsável pelo maior vazamento de dados da *NSA*, como também por todo o percurso que realizou até chegar na Rússia, o que envolveu a caça dos Estados Unidos ao ex-agente e alguns desentendimentos diplomáticos envolvendo Estados Unidos, América Latina e Europa.

Segundo Chaparro (1994) a noticiabilidade de um acontecimento jornalístico está na capacidade de desorganizar, organizar ou tornar o mundo mais compreensível. De acordo com o autor existem dois tipos de acontecimentos: os não planejados (como acidentes de avião, desastres naturais) e os planejados (produzidos e controlados por pessoas ou instituições). A maioria dos eventos que são publicados pelo jornalismo são planejados por pessoas ou instituições que "decidiram promovê-los, sabiam como fazê-lo e tinham competência e credibilidade para isso" (CHAPARRO, 1994, p.04). As notícias são resultado de um processo de interação entre jornalistas e fontes, onde as fontes apresentam a realidade de acordo com o que é de interesse delas em tornar público e o jornalista reapresenta essa realidade de forma que o interesse público seja contemplado e não apenas o da fonte. Essa interação é um jogo de confiança e desconfiança (MAZZARINO, 2007).

Ao relacionar esses conceitos com a relação entre os jornalistas Laura Poitras e Glen Greenwald com Edward Snowden nota-se que a fonte tinha objetivos claros e planejou meticulosamente a divulgação das informações de forma a tornar o tema público de maneira constante e durante um longo período. Tanto o documentário Citizenfour (2014) produzido pela jornalista, quanto o livro "Sem Lugar para se Esconder" (2013) escrito por Glen mostram o cuidado que o delator tinha em não ser descoberto antes da divulgação do fato pelos jornalistas, para isso todos os e-mails e comunicações eram criptografados e os celulares desligados com a bateria retirada. Todos os passos e os riscos foram calculados pela fonte, inclusive a escolha

dos jornalistas. Ambos afirmaram que uma das preocupações do delator era de que o caso fosse publicado e depois esquecido.

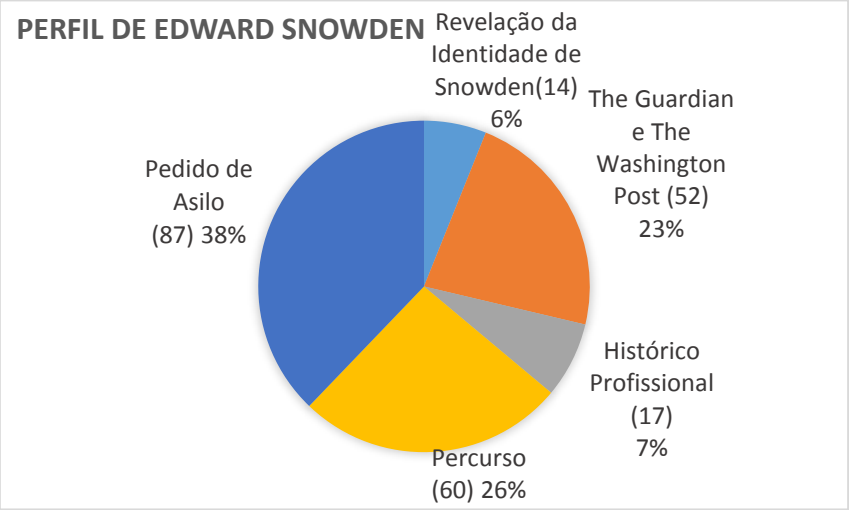
Entretanto, apesar de todo o processo ser planejado meticulosamente por Snowden, a escrita do texto e o que seria revelado não o foi. Ele entregou todos os documentos aos jornalistas e deixou que eles escolhessem o que seria divulgado e o texto que melhor transcreveria todos aqueles fatos. Ao ser questionado, sobre o motivo pelo qual não divulgou os documentos em uma plataforma online como o Wikileaks fez, Edward disse que a razão por ter escolhido os jornalistas como forma de divulgação foi o desejo de que o interesse público fosse garantido além de suas próprias intenções.

> "Edward Snowden: Eu não quero ser a pessoa que toma as decisões sobre o que deve ou não ser público. É por isso que em vez de publicá-los por minha conta ou expô-los abertamente, eu estou executando através de jornalistas. São minhas preferências e minhas coisas porque claramente eu tenho algumas posições fortemente defendidas, ao removê-las da equação o interesse público será representado de forma mais responsável" (CITIZENFOUR, 2014).

Além disso, a revelação de sua identidade foi pensada e publicada por ambos os jornalistas. Eles definiram como, quando e onde seria a publicação de maneira a controlar como seria a exposição da identidade da fonte. Apesar de esse também ser um desejo de Snowden desde o princípio, sua intenção era a de se revelar na primeira notícia, o que foi contestado por Greenwald que o convenceu a adiar sua aparição de maneira a possibilitar a publicação das primeiras notícias sem a personalização da fonte (GREENWALD; 2013).

O tema perfil foi encontrado em 230 publicações, ou seja, ¼ de todas as notícias coletadas abordam assuntos relacionados ao Edward Snowden. Esse tema está presente principalmente nas primeiras notícias sobre o caso, desde o momento em que Snowden revelou sua identidade até conseguir asilo na Rússia. A característica dessa temática é que ela aborda a contextualização e os assuntos relacionados ao ex-agente da CIA. Ela está dividida nas seguintes unidades de referência: revelação da identidade de Snowden, The Guardian e The Washington Post, histórico profissional, percurso e pedido de asilo. O gráfico abaixo apresenta a frequência com que as unidades de referência aparecem na amostra em relação à temática.

Gráfico 10 – Unidades de referência da temática Perfil



Fonte: Elaborado pela autora.

Antes de revelar sua identidade, o ex-analista divulgou dois escândalos relacionados à vigilância dos cidadãos pela *NSA*. A primeira revelação foi a coleta dos registros telefônicos da Verizon pelo governo americano publicada no jornal The Guardian e a segunda foi o programa de espionagem PRISM que foi publicada pelo The Washington Post. Seu objetivo era que os temas fossem discutidos amplamente pela mídia sem competir espaços com matérias sobre a sua personalidade.

> **Snowden:**Eu sinto que os meios de comunicação modernos têm um grande enfoque nas personalidades. Eu me preocupo em que quanto mais nos preocupamos com esses assuntos (sobre quem é Snowden), mais eles usarão como distração e eu não quero que isso aconteça. Eu não sou a história aqui (CITIZENFOUR, 2014).

Entretanto, ao assumir a responsabilidade pelo vazamento dos dois casos, Snowden virou o protagonista de diversas notícias. A unidade de referência relacionada à revelação de sua identidade aparece pouco na amostra pesquisada, apenas em 14 notícias. Essa unidade geralmente vem acompanhada da unidade de referência histórico profissional que está presente em 17 publicações. No contexto dessas unidades, a mídia descreveu quem é o Edward Snowden e porquê ele divulgou os documentos secretos da *NSA*. Além disso, também o comparou com

outros delatores do governo americano, tentou enquadrá-lo como herói ou vilão, explorou seu passado e sua vida pessoal.

> Poderia ser um criminoso, terrorista, traficante de drogas ou político corrupto, mas não. O homem mais procurado do mundo é um ex-funcionário da Agência Nacional de Segurança (NSA) dos Estados Unidos. Barba e cabelos loiros, rosto sereno e bondoso, Edward Snowden saiu do anonimato direto para a lista dos "mais procurados" do governo (REVISTA GALILEU, 2013)[56].

A notícia "Traidor ou herói, delator dos EUA abre debate sobre limites da guerra ao terror"[57] do *site* Último Segundo publicada no dia 14 de junho de 2013, apresenta as visões do professor de Ciência Política da universidade Católica Stonehill, localizada em Washington, chamado Kirk A. Buckman. Esse professor afirma que Snowden não é herói nem traidor e falhou em divulgar as informações de forma ilegal. Além disso, disse que Snowden não será lembrando como ícone da Guerra ao Terror, mas como alguém que iniciou um debate importante. Ele também afirma que comparar Snowden à Ellsberg[58] é uma atitude frágil, já que Ellsberg delatou documentos secretos em um contexto de da guerra do Vietnã, a qual era impopular e já durava mais de dez anos. Ao contrário da opinião de Buckman, na publicação do G1, Oliver Stone afirma que Edward Snowden é um herói[59] e na notícia da Info "Snowden é herói, diz cofundador da Apple[60]", ou seja, essas publicações mostram a opinião de personalidades a favor da atitude do ex-agente da CIA.

Outras notícias, como a publicada pela Exame[61], no dia 10 de junho de 2013, e a da Info[62], divulgada no dia 28 de junho de 2013, o associam a "libertário". A primeira pelo fato de ter doado 250 dólares a um político republicano libertário e a segunda por suas opiniões políticas em salas de bate-papo. Já a publicação do canal Epoch Times levanta a hipótese de

---

[56] Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI339647-17770,00-O+HOMEM+MAIS+PROCURADO+DO+MUNDO.html> Acesso em: 12 jun.2015.

[57] Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/2013-06-14/traidor-ou-heroi-delator-dos-eua-abre-debate-sobre-limites-da-guerra-ao-terror.html>. Acesso em: 12 maio 2013.

[58] Daniel Ellsberg é um ex-analista militar norte-americano, empregado pela RAND Corporation e depois funcionário do Pentágono, que provocou uma grande controvérsia política nos Estados Unidos em 1971, quando forneceu ao New York Times e a outros jornais, os chamados Pentagon Papers, documentos secretos do Pentágono, contendo detalhes sobre o processo decisório do governo dos Estados Unidos em relação à Guerra do Vietnã.

[59] Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2013/06/cineasta-oliver-stone-afirma-que-edward-snowden-e-um-heroi.html> Acesso em: 01 jun. 2015.

[60]Disponível em: <http://info.abril.com.br/noticias/seguranca/2013/06/snowden-e-heroi-diz-co-fundador-da-apple.shtml> Acesso em: 01 jun. 2015.

[61] Disponível em: <http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/snowden-e-simpatizante-de-republicano-libertario> Acesso em: 01 jun. 2015.

[62]Disponível em: <http://info.abril.com.br/noticias/seguranca/2013/06/edward-snowden-o-libertario-que-revelou-os-segredos-dos-eua.shtml> Acesso em: 01 jun. 2015.

Edward Snowden ser espião em favor da China[63]. Apesar de toda essa caracterização de herói ou traidor nas publicações citadas, a maior parte das notícias que estão nessas unidades de referência se limitam a abordar seu histórico profissional, motivos para revelar os documentos Secretos e o comparam com outros delatores[64].

A unidade de referência "The Guardian e The Washington Post" está relacionada às publicações encontradas na amostra que citam o papel dos veículos e dos jornalistas para a divulgação do escândalo. Essa unidade está presente em 52 notícias, o que corresponde a 23% das publicações relacionadas ao perfil de Edward Snowden (ver gráfico 9).

Ao abordar a cobertura da mídia em relação a grandes acontecimentos[65] Eloísa Klein (2012) destaca situações que abarcam a tematização da cobertura jornalística pela própria mídia como a confusão entre o repórter como produtor da notícia e como personagem da própria notícia: seja por se colocar como fonte, testemunha e até como participante. Diante disso, o repórter é visto não como um mero expectador, mas como alguém que tem uma história para contar, a qual viu e presenciou os fatos. "Edward: Laura, você se pergunta, por que eu escolhi você? Eu não escolhi. Você escolheu. A vigilância que você vivencia significa que você foi selecionada. (...) Essa é uma história que poucos, mas você pode contar" (CITIZENFOUR, 2014).

Ao voltar para o Brasil, local em que mora, Glen Greenwald revelou mais documentos da *NSA.* Esses documentos informavam que o país era o mais espionado pelos americanos, atrás apenas do próprio Estados Unidos. Em uma matéria escrita pelo jornalista ao jornal O Globo, ele revelou vários detalhes sobre como o governo estrangeiro tinha acesso aos dados dos brasileiros.

Apesar de Glen Greenwald (2013) relatar que vários veículos da imprensa americana, como New York Times e Daily News, tentarem desclassificá-lo como jornalista usando termos como blogueiro ou através da utilização de fatos de sua vida pessoal, de maneira a descredibilizar o jornalista, no resultado da coleta isso não ocorreu. O que se verificou ao analisar a amostra da pesquisa é que os canais apenas deram os créditos sobre o furo da notícia, citaram sua atuação na publicação da matéria sobre a espionagem da *NSA* no Brasil e

---

[63] Disponível em <https://www.epochtimes.com.br/por-que-as-acusacoes-de-snowden-beneficiam-a-china/#.VcPAS_lVikr> Acesso em: 02 jun. 2015.

[64] Para mais informações ver: <http://veja.abril.com.br/noticia/mundo/ex-tecnico-da-cia-se-responsabiliza-por-vazamentos-sobre-espionagem-nos-eua>;<http://revistaepoca.globo.com/Mundo/noticia/2013/06/quem-e-edward-snowden-o-ex-agente-que-vazou-documentos-de-espionagem-dos-eua.html>; Acesso em: 12 jun.2015.

[65] No trabalho citado, Klein (2012) analisa a cobertura do caso Isabella Nardoni e dos conflitos entre policiais e grupos ligados ao tráfico no Rio de Janeiro em 2010.

divulgaram o fato de ser sido chamado para depor no Senado sobre o que recebeu de Snowden relacionado à espionagem nas terras brasileiras.

Nenhuma das publicações da coleta falava sobre a atuação de Laura Poitras, apenas das revelações do Washington Post sobre o PRISM e de um trecho da entrevista do Snowden gravado por ela, conteúdos que a jornalista escreveu e produziu. Entre as notícias coletadas destaca-se a do *site* TECMundo "O caso Edward Snowden e a vigilância de dados no Brasil"[66], a qual insere o jornalista no âmbito de fonte.

> Em reportagem ao jornal O Globo e em entrevista ao Fantástico, o jornalista americano Glen Greenwald, que primeiro noticiou o caso NSA pelo The Guardian, relatou as razões do monitoramento norte-americano nas comunicações brasileiras (...). Nas novas revelações feitas por Greenwald, que aos poucos analisa e divulga os documentos repassados a ele por Snowden, o Brasil aparece como um dos países mais vigiados do mundo. Segundo o jornalista, a razão disso pode ser a coleta de dados que trafega através do Brasil, já que toda a rede de comunicação está interligada. (HAAS, 2013).

As notícias "Jornalista que revelou espionagem americana falará ao Senado na terça"[67] e a "Jornalista norte-americano cancela ida ao Senado, informa comissão" [68] abordam sobre a convocação do Senado para o jornalista Glenn Greenwald depor na Comissão de Relações Exteriores sobre os documentos que ele revelou relacionados à espionagem americana no Brasil.

As unidades de referência "Percurso" e "Pedido de Asilo" são as que mais estão presentes no tema perfil. A primeira com 60 e a segunda com 87 notícias na amostra coletada. As publicações que envolvem a unidade "Percurso" estão relacionadas com toda a operação que Edward Snowden teve que elaborar para sair de Hong Kong e ir até a Rússia. Já as publicações circunscritas em "Pedido de Asilo" estão relacionadas às solicitações de Snowden, do Wikileaks e da própria população para que os países dessem asilo político ao delator.

Com a sistematização de todas as notícias sobre o caso, principalmente as que envolvem a unidade de referência "Percurso", é possível perceber que algo saiu do controle e do planejamento de Edward Snowden, após a divulgação de seu nome. Isso se deve ao fato de ele ter se escondido em Hong Kong e solicitado assistência do Wikileaks para ajudá-lo a sair da

---

[66] Disponível em: <http://www.tecmundo.com.br/seguranca/41721-o-caso-edward-snowden-e-a-vigilancia-de-dados-no-brasil.htm>. Acesso em: 02 jun. 2015.
[67] Disponível em: <http://tribunadonorte.com.br/noticia/jornalista-que-revelou-espionagem-americana-falara-ao-senado-na-terca/255659>. Acesso em: 02 maio. 2015.
[68] Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/07/jornalista-norte-americano-cancela-ida-ao-senado-informa-comissao.html>. Acesso em: 05 jun. 2015.

Ásia. O que não ficou claro na cobertura do evento foi o motivo pelo qual o ex-agente da *NSA* teve que sair da China e ir para a Rússia. "(...) onde está Edward Snowden? Os repórteres no aeroporto de Moscou descreveram a cena como saída do filme 'Prenda-me Se For Capaz', com Leonardo di Caprio e Tom Hanks, no qual há perseguições cômicas em terminais aéreos" (PONTUAL, 2013).[69]

> Perguntado sobre sua escolha por Hong Kong como local para revelar as informações, Snowden disse que "as pessoas que acham que eu cometi um erro ao escolher Hong Kong como local interpretaram mal minhas intenções. Eu não estou aqui para me esconder da Justiça, eu estou aqui para revelar a criminalidade." De acordo com o jornal, ele afirmou que teve várias oportunidades para fugir de Hong Kong, mas que "prefiro ficar e lutar com o governo dos Estados Unidos nos tribunais, porque eu tenho fé no cumprimento da lei em Hong Kong". "Minha intenção é pedir aos tribunais e ao povo de Hong Kong que decidam meu destino", afirmou ele. Snowden disse que planeja ficar na cidade até que peçam que ele "vá embora", disse o jornal. (INFO, 2013)[70]

No primeiro momento de sua fuga – quando os Estados Unidos acusaram formalmente Edward Snowden de espionagem, solicitaram sua extradição e cancelaram seu passaporte – alguns canais abordaram sobre as relações entre Estados Unidos e China, outros sobre o desaparecimento de Snowden e também sobre as promessas de retaliações do governo americano para quem ajudasse o delator. Além disso, também estão presentes conteúdos sobre a ajuda do Wikileaks na fuga do ex-agente da CIA.

Sobre o aspecto da relação entre Estados Unidos e China, a notícia do site Info revela que a China acusou o país americano de hipocrisia no caso Snowden. De acordo com a publicação, o porta-voz do Ministério da Defesa Chinês disse que a postura de dois pesos e duas medidas não é coerente com a paz e a segurança do ciberespaço (INFO, 2013)[71].

Já o canal Epoch Times disse que Snowden comprometeu a Segurança Nacional Americana ao revelar documentos *Top Secret* em território Chinês. Segundo o site, as revelações ocorreram quando o presidente americano estava indo se encontrar com o líder Chinês Xi Jinping. O objetivo da reunião era discutir os furtos constantes de segredos corporativos norte-americanos por órgãos oficiais chineses. A notícia ainda afirma que o país asiático é um regime autoritário que reprime e vigia sua população e limita a liberdade de expressão, já os Estados Unidos utilizam os dados coletados apenas para prevenção ao

[69]Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2013/06/paradeiro-de-edward-snowden-preocupa-governo-dos-eua.html>. Acesso em: 04 jul. 2015.
[70]Disponível em: <http://info.abril.com.br/noticias/seguranca/nao-fujo-da-justica-diz-edward-snowden-12062013-28.shl>. Acesso em: 19 jul. 2015.
[71]Disponível em: <http://info.abril.com.br/noticias/seguranca/2013/06/china-acusa-eua-de-hipocrisia-no-caso-snowden.shtml>. Acesso em: 19 jul. 2015.

terrorismo (WICKENKAMP, 2013). A revista Veja também fez críticas sobre as intenções dos países que se propuseram a ajudar Edward Snowden.

> Diplomatas de Rússia, Cuba, Venezuela e Equador vão se reunir na segunda-feira para discutir a situação do ex-técnico da CIA Edward Snowden, que pediu asilo político para Quito, informou nesta sexta-feira a Câmara Cívica russa. Um porta-voz desse órgão consultivo adjunto ao Kremlin disse que o objetivo da mesa-redonda é avaliar consequências da eventual concessão de asilo ao fugitivo. A grande ironia é que, oficialmente, os quatro países - velhos conhecidos pelo desrespeito aos direitos humanos e à liberdade de expressão - dizem querer garantir a segurança de Snowden por questões humanitárias (VEJA,2013)[72].

Outra notícia da revista Veja sobre a acusação de espionagem dos Estados Unidos em relação a Snowden afirma que era esperada a acusação a ele já que a administração de Obama tem sido implacável com vazadores e com jornalistas que "publicam informações secretas e contra cidadãos, mesmo os que não são suspeitos de nenhum crime, ao ter acesso a registros telefônicos, e também a e-mails, perfis em redes sociais, entre outras formas de comunicação on-line". A mesma matéria também questiona se Snowden estaria a serviço de Pequim, mas informa o posicionamento negativo de Edward a respeito dessa acusação (VEJA, 2013)[73].

O que se percebe na análise da cobertura da mídia brasileira sobre a unidade de referência "Percurso" é que pelo fato dos eventos que caracterizam esse tópico[74] estarem relacionados a países contrários aos interesses americanos – como China, Rússia e países com governo de esquerda na América Latina como Venezuela, Bolívia, Brasil e Equador –, eles acabam sendo usados como forma de discutir o patriotismo de Snowden. Além disso, suas motivações foram questionadas pelo fato de ser defensor das liberdades individuais na internet e ser apoiado por países que limitam tais direitos para sua população.

> O governo de Rafael Correa, reeleito em fevereiro, não perde a oportunidade de espezinhar os americanos. Tanto que concedeu asilo ao hacker australiano Julian Assange, que há um ano está asilado na embaixada do Equador em Londres. O próprio Assange "aconselhou" Snowden a buscar abrigo na América Latina, região que, em sua opinião, tem "uma longa tradição" na concessão de asilo. (...) Independente das motivações de Snowden, suas revelações incitaram uma discussão relevante para as liberdades individuais nos Estados Unidos. Já o objetivo de Assange, que considerou Snowden um "herói", é legitimar a invasão eletrônica de sistemas e o roubo de informações de seus inimigos. Movido por um profundo antiamericanismo, ele

[72]Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/mundo/diplomatas-da-russia-cuba-equador-e-venezuela-farao-reuniao-sobre-snowden/>. Acesso em: 02 jun. 2015

[73]Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/mundo/estados-unidos-acusam-ex-tecnico-da-cia-de-espionagem/>. Acesso em: 13 jun. 2015.

[74] Os eventos são: saída de Hong Kong, residência no aeroporto de Moscou e caso envolvendo o avião de Evo Morales

> demonstra afinidades com Rafael Correa, e também com o grupo xiita Hezbollah, do Líbano, e Vladimir Putin, da Rússia (VEJA, 2013)[75].

Outro aspecto relacionado à unidade de referência é o relacionamento do ex-agente da CIA com o Wikileaks de Assange. Muitos veículos apresentam perspectivas negativas sobre as intenções do refugiado australiano em relação ao caso. A notícia do site DW "Fuga de Edward Snowden traz Wikileaks de volta às manchetes" afirma que a ajuda de Assange ao Snowden foi uma forma de o Wikileaks voltar à mídia.

> As doações (para o Wikileaks) também diminuíram drasticamente, depois que operadoras de cartões de crédito e serviços de pagamento online boicotaram a plataforma. O Wikileaks ameaçava cair na obscuridade – até a semana passada. (...) Então, o Wikileaks anunciou em seu site que Edward Snowden, o ex-consultor da CIA que denunciou o programa de vigilância de dados Prism, pedira ajuda à plataforma para encontrar asilo político.[76] (DEUTSCHE WELLE, 2013)

O caso do avião do presidente boliviano Evo Morales é o que mais se destaca na unidade de referência "Pedido de Asilo". Esse caso agravou o desgaste da relação dos Estados Unidos na América Latina. Além dos EUA pressionarem esses países a recusar ao pedido de asilo do delator com ameaças comerciais, eles se recusaram a pedir desculpas ao presidente boliviano (BBC, 2013). A notícia da revista Info "Caso Snowden ajuda a entender relações geopolíticas da atualidade" busca explicar o porquê de Snowden ter causado esse tensionamento diplomático[77].

> E se a Guerra Fria marcou o século XX, o crescimento econômico e militar da China, além da ascensão dos governos bolivarianos na América Latina são fenômenos característicos das primeiras décadas do século XXI. Enquanto a China mantém uma relação diplomática tensa com os Estados Unidos, alguns países latino-americanos, liderados por Venezuela, Bolívia, Equador e Nicarágua formam um bloco que busca se contrapor diretamente à influência americana no continente (TANJI, 2013).

Sobre esse âmbito, os veículos brasileiros se limitaram a abordar os acontecimentos, apenas o *site* Opera Mundi produziu conteúdo opinativo sobre a situação. O *site* classificou o caso do avião do presidente bolivariano como "pirataria aérea" e questionou quais seriam as consequências se um chefe de estado Europeu fosse proibido de aterrissar na América Latina.

---

[75]Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/mundo/equador-diz-que-analisara-possivel-pedido-de-asilo-de-ex-tecnico-da-cia>. Acesso em: 02 fev. 2015.
[76]Disponível em: <http://www.dw.com/pt/fuga-de-edward-snowden-traz-wikileaks-de-volta-às-manchetes/a-16914698>. Acesso em: 12 jul. 2015
[77]Disponível em: <http://info.abril.com.br/noticias/seguranca/2013/07/caso-snowden-ajuda-a-entender-relacoes-geopoliticas-da-atualidade.shtml>. Acesso em: 02 jul. 2015.

“Imagine a aeronave do presidente da França sendo forçada a descer na América Latina por suspeita de que esteja levando um refugiado político para algum lugar seguro” (PILGER, 2013). O G1 apenas relatou o fato sem classificar o ato contra Evo Morales como contrário às normas internacionais de relações entre chefes de estados[78].

Outro aspecto que obteve destaque foi a recusa do Brasil em conceder asilo à Snowden. A notícia “Patriota diz que Brasil não concederá asilo a Snowden” do site da Empresa Brasileira de Comunicações (EBC) informa que o Ministro das Relações Exteriores disse objetivamente que não dará asilo ao Snowden e, entretanto, não diz o motivo pela recusa. Já o site Senado Notícias apresenta a opinião do Senador Requião a favor do asilo, com o objetivo de obter informações sobre a espionagem americana (GIRALDI, 2013).

> Na opinião do senador, Snowden será lembrado como herói, ao contrário do presidente dos Estados Unidos, Barack Obama. (...) - É uma vergonha que alguns países latinos já tenham oferecido asilo e o Brasil ainda não. Presidente e Itamarati estão nos enrolando – disse o senador (SENADO NOTÍCIAS, 2013)[79].

Além dos sites de notícias estatais, apenas a Exame falou sobre a recusa do asilo na amostra pesquisada. A notícia “Brasil rejeita pedido de asilo de Edward Snowden” citou brevemente a fala do chanceler Patriota e também não explicou o motivo da recusa (EXAME, 2013)[80].

É possível concluir a partir da amostra pesquisada que as publicações com o tema “Perfil” possibilitaram segurança a Snowden. Pois, ao se assumir como o responsável pela divulgação da espionagem americana, ganhou não só visibilidade como também aliados. Além disso, esse tema também possibilitou o levantamento de discussões sobre a diplomacia americana na América Latina e as relações de reciprocidade entre esses países.

Apesar das preocupações iniciais de Snowden sobre a revelação de sua identidade, as histórias relacionadas a ele complementaram a discussão sobre o fato, o qual continuou a ser tratado pela mídia por mais tempo. Isso ocorre porque as grandes coberturas abrem eixos paralelos sempre, apenas para manterem a cobertura em andamento, angariando leitores por

---

[78] Para acessar as notícias do G1:
<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/07/evo-morales-aceita-desculpas-de-paises-europeus.html>;
<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/07/paises-latinos-condenam-retencao-de-evo-morales-diz-bolivia.html>;
<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/07/bolivia-quer-saber-origem-de-boato-de-que-snowden-estaria-em-aviao.html> Acesso em: 02 jul. 2015.

[79] Disponível em: <http://www12.senado.gov.br/noticias/materias/2013/07/08/requiao-le-e-mail-de-mangabeira-unger-em-apoio-a-reforma-politica>. Acesso em: 12 jul. 2015.

[80] Disponível em: <http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/brasil-nao-vai-responder-pedido-de-asilo-de-snowden>. Acesso em: 03 jul. 2015.

outros tipos de perspectivas. Há então um paradoxo: a extensão da cobertura é uma possibilidade de tratar do tema por mais tempo, mas, igualmente, a extensão de cobertura provoca uma dispersão de ângulos de abordagem, o que muitas vezes é essencial para uma possível ancoragem central, que traz sentido à abordagem dos fatos envolvidos na cobertura.

6.2 A ESPIONAGEM AMERICANA A GOVERNOS E CIDADÃOS

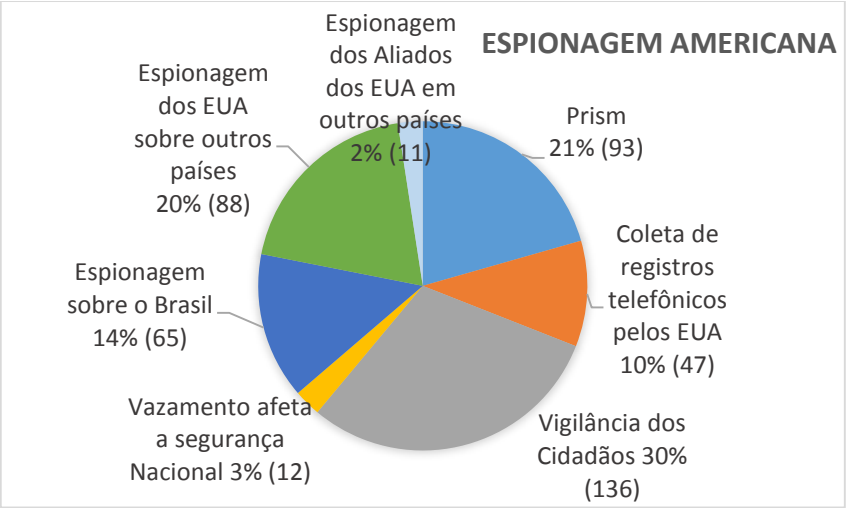
Escrito em 1948 por Eric Athur Blair sob pseudômino de Geoge Orwell, o livro 1984 descreve uma sociedade completamente dominada pelo Estado, onde até os pensamentos são controlados pelo partido. Apesar de ter sido escrito há alguns anos e falar sobre uma sociedade fictícia, o trecho citado poderia descrever a espionagem americana atual, de acordo com os documentos revelados por Edward Sowden.

> (...) A teletela recebia e transmitia simultaneamente. Qualquer barulho que Winston fizesse, mais alto que um cochicho, seria captado pelo aparelho; além do mais, enquanto permanecesse no campo de visão da placa metálica, poderia ser visto também. Naturalmente, não havia jeito de determinar se, num dado momento, o cidadão estava sendo vigiado ou não. Impossível saber com que frequência, ou que periodicidade, a Polícia do Pensamento ligava para casa deste ou daquele indivíduo. Era concebível mesmo, que observasse todo mundo ao mesmo tempo. A realidade é que podia ligar determinada linha no momento que desejasse. Tinha que se viver – e vivia-se por hábito transformado em instinto – na suposição de que cada som era ouvido e cada movimento examinado, salvo quando feito no escuro. (ORWELL,1984; p.08)

Assuntos como controle, vigilância de cidadãos e espionagem internacional sempre existiram em filmes, livros e até na mídia. A falta de privacidade, assim como as questões de governança e legislação da web como o Marco Civil já eram discutidos na sociedade antes das revelações de Snowden. Entretanto, ainda não tinham tamanho espaço midiático como o conquistado após a revelação dos documentos secretos da *NSA.* A grande repercussão do acontecimento foi causada pelo fato de que foi o maior vazamento da agência secreta americana, envolveu escândalos relacionados às empresas de tecnologia como *Google, Facebook, Apple, Microsoft*, entre outros. Além disso, os documentos revelados mostraram que o governo americano não só espionou países aliados e não-aliados, como também, os cidadãos do mundo inteiro.

Essa temática está relacionada aos fatos do acontecimento em si, ela também é a mais presente na amostra de pesquisa. O assunto Espionagem Americana está em 48% das notícias coletadas. O gráfico 11 apresente a frequência das unidades de referência na pesquisa.

Gráfico 11 – Unidades de referência sobre Espionagem Americana



Fonte: Elaborado pela autora.

Como mostrado no gráfico 11, a grande discussão nessa temática foi a exposição da coleta de dados dos cidadãos realizada pelo governo americano. Dentro desse âmbito estão as três unidades de referência "coleta de registro telefônico pelos EUA", "vigilância dos cidadãos" e "PRISM". Já as unidades de referência "espionagem dos aliados dos EUA em outros países", "espionagem dos EUA sobre outros países" e "Espionagem sobre o Brasil" estão relacionadas aos programas de espionagem americano em outros governos. E por último, a unidade de referência "vazamento afeta a segurança nacional" aborda sobre a resposta da defesa civil americana de que a coleta de dados evitou ataques e que o vazamento dos documentos secretos por Snowden expôs a segurança nacional.

6.2.1 Coleta de dados dos cidadãos

A partir da sistematização da análise foi possível verificar que, apesar do escândalo a respeito da coleta dos registros de ligações que a *NSA* faz através da Verizon ter sido o primeiro, o PRISM foi o mais comentado. O que rendeu não só entrevistas com fontes especializadas como também matérias com dicas de como proteger a privacidade na web. Essa temática também envolveu alguns questionamentos sobre se os atentados terroristas realmente foram prevenidos pela coleta de dados da NSA ou se isso foi apenas um pretexto para espionar as

pessoas. Ademais, o PRISM também revelou uma disputa acerca de quem é a culpa da invasão da privacidade do Governo ou das empresas de tecnologia.

A revelação de que o governo americano monitora tudo o que os usuários das maiores empresas de tecnologia fazem foi um grande escândalo. Após tal exposição, rapidamente essas empresas convocaram suas assessorias de imprensa e informaram que não sabiam sobre esse programa de espionagem. Logo em seguida, exigiram do governo americano mais transparência a respeito das solicitações de acesso às informações dos usuários.

Sobre esse assunto, a publicação do canal Meio Bit (2013)[81] coloca as empresas de tecnologia como vítimas do caso, pois o mesmo afetou até mesmo as empresas que não estavam envolvidas diretamente no escândalo, afinal tal fato diminuiu a confiança na *cloud computing.*

> Em tempos de *Cloud Computing* pode-se dizer que toda empresa de tecnologia se tornou uma vítima da delação de Edward Snowden, ao afirmar que a Agência Nacional de Segurança dos EUA monitorava informações com colaboração da Microsoft, Facebook, Yahoo e outros.A acusação não só coloca as empresas citadas na berlinda, como demonstra uma vulnerabilidade na estrutura em si. Se meus dados estão online em um Datacenter, quem impede que o Governo chegue e fuce meus bancos de dados? O efeito-cascata destrói a credibilidade também das empresas associadas a esses fornecedores, em uma bola de neve sem-fim (CARDOSO, 2013).

O canal Olhar Digital (2013), citou uma pesquisa realizada pela *Cloud Security Alliance*, a qual informou que "56% dos consultados se dizem menos propensos a utilizar os serviços de uma empresa dos Estados Unidos após o caso Snowden". Esse tipo de publicação está relacionada às possíveis consequências ao mercado de TI no âmbito empresarial e não do usuário.

A publicação "Denúncia de espionagem na internet coloca em xeque futuro de empresas"[82] do portal IG, também coloca as empresas como vítimas já que são obrigadas a ceder os dados ao governo pois são submetidas à legislação americana que deve ser cumprida. Segundo o site, o que deve mudar não é a forma de coleta de dados dos usuários pelas empresas, nem a legislação americana, mas sim o comportamento do usuário que deverá ter mais cuidado antes de se expor nas redes sociais (TOZETTO; PACHECO, 2013). Já na notícia do site Último Segundo (2013), que faz parte do portal IG, "Para Chomsky, empresas da web superam governos em coleta de dados de cidadãos" [83] não compartilha a mesma ideia da publicação

[81]Disponível em: <http://meiobit.com/128369/prism-snowden-e-controle-de-danos/>. Acesso em: 02 jul. 2015
[82]Disponível em: <http://economia.ig.com.br/2013-07-14/denuncia-de-espionagem-na-internet-coloca-em-xeque-futuro-de-empresas.html>. Acesso em: 12 abr. 2015.
[83]Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/bbc/2013-07-11/para-chomsky-empresas-da-web-superam-governos-em-coleta-de-dados-de-cidadaos.html>. Acesso em: 02 abr. 2015.

citada anteriormente. Segundo o linguista Chomsky as grandes corporações da internet possuem mais poder do que governos no rastreamento e na coleta de dados dos cidadãos, e por isso as autoridades dos EUA pediram sua cooperação para realização do programa de monitoramento.

As outras notícias sobre ao assunto realizaram questionamentos a respeito da falta de transparência das empresas de internet e sobre a situação do presidente Obama por causa do ocorrido. A publicação da revista Exame "Credibilidade de gigantes de tecnologia pode estar ameaçada"[84], entrevistou Heloisa Bedicks, superintendente geral do Instituto Brasileiro de Governança Corporativa (IBGC), a qual afirmou que por essas informações terem sido solicitadas por questões de defesa civil, a imagem delas não é tão desgastada quanto a de Obama, já que foi ele que solicitou e tem o poder sobre o Estado. Além disso, na mesma publicação a opinião de Rosa Alegria, vice-presidente do Núcleo de Estudos do Futuro da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), diz o contrário, pois afirma que o *Facebook* não inspira confiança e que o fato gera uma discussão sobre a necessidade de transparência a respeito de como os dados dos usuários são usados por essas empresas.

Algumas publicações como "Os cinco escândalos que rondam Obama"[85] da BBC Brasil e "Com discurso sobre economia, Obama tenta desviar foco de acusações"[86] do site da revista Veja, revelam a posição do presidente em relação ao caso e suas estratégias para diminuir o desgaste de sua imagem perante as acusações de seu governo, o que inclui o caso Snowden.

> Com um segundo mandato assolado por denúncias contra seu governo, Barack Obama fez nesta quarta-feira o primeiro de uma série de discursos sobre a economia americana, em uma tentativa de mudar o foco do debate político no país. Nos últimos meses, a Casa Branca tem sido obrigada a atuar na defensiva, enquanto a popularidade do governo despenca. Uma pesquisa publicada pelo Wall Street Journal indicou 45% de aprovação a Obama, o menor índice desde o final de 2011 (VEJA, 2013).

A partir do exame das notícias pertinentes ao assunto, é possível verificar que muito se discutiu sobre o posicionamento das grandes corporações de tecnologia e o do governo americano a respeito da responsabilidade sobre a invasão à privacidade dos usuários. Entretanto, apesar da grande movimentação na mídia, nenhum dos dois âmbitos tratou sobre mudanças que protejam os cidadãos. A disputa midiática trouxe apenas a ânsia dessas empresas

---

[84] Disponível em: <http://exame.abril.com.br/negocios/noticias/denuncias-de-espionagem-podem-abalar-empresas-de-tecnologia>. Acesso em: 02 mar. 2015.
[85] Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/06/130612_escandalos_obama_gm>. Acesso em: 02 mar. 2015.
[86] Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/mundo/com-discurso-sobre-economia-obama-tenta-desviar-foco-de-acusacoes/>. Acesso em: 03 abr. 2015.

em preservar a própria imagem. Afinal, em nenhum momento elas questionaram as ações de vigilância do governo, nem o governo as questionou sobre os dados coletados dos usuários e as políticas de privacidade e os termos de adesão.

> As companhias pedem transparência à *NSA* (Agência de Segurança Nacional, na sigla em inglês) sobre a utilização dos dados obtidos e o funcionamento do PRISM, o sistema de vigilância responsável por isso. Uma carta aberta foi redigida pelas empresas e enviada ao presidente Barack Obama e outros 15 legisladores de peso no Congresso norte-americano. O principal pedido é a possibilidade de informar a seus consumidores quantas vezes o governo solicita acesso a informações e que tipo de dados estão sendo acessados por ele. As companhias afirmam que não exigem o fim da espionagem, pois sabem que esse tipo de ação é essencial para a segurança nacional. Ainda assim, todas acreditam que a transparência é fundamental (DEMARTINI, 2013).

Com o objetivo de fornecer soluções a esse problema várias publicações ofereciam dicas de como o usuário pode se proteger na internet, através de sugestões de aplicativos que visam garantir a privacidade na rede. A notícia "Como proteger a sua privacidade no *Facebook*" (ZERO HORA, 2013)[87] afirma que o *Facebook* é o símbolo da falta de privacidade na web e dá indicações simples de como aumentar a privacidade na rede social. Já a matéria da EBC "Conheça cinco ferramentas que aumentam a privacidade de conversas na web"[88] e a do portal IG "Medo da espionagem na internet? Veja como se proteger"[89], indicam aplicações mais seguras que evitam ser identificados na web. Elas são: o navegador Tor, que trafega na *deep web*; o sistema de mensagens instantânea Pidgin, que criptografa todas as mensagens e não armazena os dados delas; A extensão para navegador *HTTPS Everywhere*, que evita que as informações dos usuários sejam enviadas a terceiros não desejados; e, por último, o *TOSBack*, que avisa aos usuários sobre alterações nos termos de uso que não são notificadas pelas empresas como *Facebook* e *Google*.

A notícia do site Meio Bit "PRISM, Snowden e controle de danos"[90] questiona sobre a falta de concretude em relação aos atentados terroristas impedidos com tais ações, ao dizer que esse argumento é inútil já que atos não manifestados, não tem o mesmo efeito emocional do que um ato ocorrido. A publicação também acredita que o desafio atual das agências é coletar

---

[87] Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/tecnologia/noticia/2013/07/como-proteger-a-sua-privacidade-no-facebook-4209697.html>. Acesso em: 03 abr. 2015.
[88] Disponível em: <http://www.ebc.com.br/tecnologia/2013/07/privacidade-e-seguranca-online-saiba-dicas-para-fugir-da-espionagem-na-rede>. Acesso em: 12 fev. 2013.
[89] Disponível em: <http://tecnologia.ig.com.br/2013-07-12/medo-da-espionagem-na-internet-veja-como-se-proteger.html>. Acesso em: 01 mar. 2015.
[90] Disponível em: <http://meiobit.com/128369/prism-snowden-e-controle-de-danos/>. Acesso em: 02 jul. 2015

dados sem ser notado e que tudo foi levado ao fracasso quando Snowden revelou os documentos secretos.

O que se percebe, então, é que mesmo o acontecimento midiático ter tomado tamanha repercussão e ter gerado um certo tensionamento entre esses âmbitos, as empresas e o governo americano conseguiram manter uma postura midiática defensiva que visava o não comprometimento de suas imagens e a manutenção da confiança dos usuários em virtude do fato.

> Em uma audiência do Comitê de Apropriações do Senado, Alexander afirmou que as equipes de inteligência dos EUA "estão fazendo exatamente o correto" para proteger os cidadãos de possíveis ameaças à sua segurança. Questionado pelo senador democrata Patrick Leahy, Alexander assegurou que sua agência está "tentando ser transparente, proteger as liberdades civis e a privacidade, mas também a segurança do país" (INFO, 2013).

Essa estratégia foi aceita pela maioria dos veículos ao tratar as grandes corporações de tecnologia como vítima do governo americano e pelos americanos que continuaram acreditando que o rastreamento de telefones e e-mails dos cidadãos são uma forma aceitável de combater o terrorismo (INFO, 2013)[91]. Tal crença foi largamente utilizada como justificativa à coleta de dados pelo governo americano.

6.2.2 Espionagem internacional

As denúncias de Snowden sobre a espionagem americana não se limitaram à vigilância dos cidadãos, os documentos também revelaram que os Estados Unidos espionaram governos aliados e rivais, com ajuda de aliados internacionais através dos programas Tempora e *Fairview*e do software de análise de *Big DataX-Keyscore*.

Os primeiros escândalos de espionagem internacional surgiram com a divulgação de que os americanos invadiram não só a rede de informática como também colocaram escutas telefônicas nas representações diplomáticas da União Europeia em Washington (VEJA, 2013). Essa revelação acusou também que Frankfurt, capital financeira da Alemanha, era o alvo mais vigiado da União Europeia. Isso causou mais problemas diplomáticos para o Governo Obama. A presidente da Alemanha, Angela Merkel, exigiu explicações e afirmou que o monitoramento

[91] Keith Alexander é o diretor-geral da Agência Nacional de Segurança dos Estados Unidos – *NSA.*

na internet deve ter limites (G1, 2013). As primeiras notícias relacionadas a esse fato, se limitaram a repetir o conteúdo das agências internacionais e nada aprofundaram sobre o tema[92]. Entretanto, logo após a indignação dos países europeus sobre a espionagem, novas notícias divulgaram que os americanos trabalhavam em conjunto com a Alemanha e que o país sabia do envolvimento, exceto os líderes políticos.

> **Snowden** -Outras agências não nos perguntam onde conseguimos as informações e nós também não perguntamos a elas. Desse jeito elas podem proteger seus políticos mais importantes da repercussão, caso se esclareça o quanto as privacidades das pessoas são abusadas pelo mundo (OPERA MUNDI; 2013)[93]

O acesso aos documentos sobre a espionagem dos americanos na Europa foi entregue à revista alemã pela documentarista Laura Poitras, entretanto, ela só foi citada em uma notícia relacionada ao assunto (TERRA, 2013)[94]. A referência remetia à sua afirmação de que a Alemanha trabalha em conjunto com os americanos na espionagem internacional. A situação do país europeu ficou ainda mais embaraçada, quando a revista alemã *Der Spiegel* expôs que o país não só trabalhava em conjunto como também tinha acesso ao software *X-Keyscore*.

> Assim afirma neste sábado a publicação alemã Der Spiegel ao adiantar o conteúdo de sua edição de domingo, que indica que tanto o BND, o serviço de espionagem alemão, como o Escritório Federal para a Proteção da Constituição (BfV), a inteligência interior, contam com o programa "*XKeyscore*" (TERRA, 2013).

Acerca dessa questão, os canais brasileiros abordaram de maneira contida e superficial, apenas repetindo conteúdo de agências, apenas o site brasileiro da agência alemã DW, apresentou publicações mais críticas à Alemanha e sua participação na espionagem americana. A notícia "Serviço secreto alemão é acusado de cooperar com a NSA"[95] e "Em entrevista,

---

[92]Sobre o assunto ver:
<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/06/parlamento-europeu-exige-que-eua-esclarecam-se-espionou-a-ue.html> Acesso em: 12 Abr. 2015.
<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/06/monitoramento-da-internet-deve-ter-limites-adequados-diz-merkel-a-obama.html> Acesso em: 12 Abr. 2015.
<http://info.abril.com.br/noticias/seguranca/2013/06/espionagem-deve-ter-limites-diz-merkel-a-obama.shtml> Acesso em: 12 Abr. 2015.
<http://veja.abril.com.br/noticia/mundo/ue-pede-explicacoes-aos-estados-unidos-sobre-denuncias-de-espionagem/> Acesso em: 12 Abr. 2015.

[93] Disponível em: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/29872/snowden+revela+que+alemanha+sabia+dos+programas+de+espionagem+dos+eua.shtml>. Acesso em: 04 abr. 2015.

[94] TERRA. **Alemanha utiliza software de espionagem da NSA, diz publicação**. 2013. Disponível em: <http://tecnologia.terra.com.br/hardware-e-software/,0024e7c8562ff310VgnCLD2000000dc6eb0aRCRD.html>. Acesso em: 04 maio 2015.

[95] Disponível em: <http://www.dw.com/pt/servi%C3%A7o-secreto-alem%C3%A3o-%C3%A9-acusado-de-cooperar-com-a-nsa/a-16965242>. Acesso em: 06 mai. 2015.

Merkel evita tema espionagem e é criticada pela oposição"[96], apresentam as declarações do governo alemão sobre as acusações. No primeiro caso, a publicação mostrava a defesa do Departamento Federal de Proteção à Constituição alemão de que a cooperação com os órgãos de defesa americanos evitava ataques terroristas à Alemanha e que tal aliança não infringiu nenhuma legislação. A segunda apresentou a reação dos jornalistas à falta de resposta da presidente alemã sobre a cooperação com a espionagem americana em coletiva de imprensa.

Não foi apenas a Alemanha que saiu prejudicada com as revelações de Snowden, o Reino Unido também ficou em maus lençóis e teve que dar explicações sobre o acesso às informações coletadas do PRISM, sobre o programa Tempora e sobre a espionagem dos líderes globais que participaram do G20.

O grande questionamento da mídia relacionado às acusações era se houve ou não infração à legislação do Reino Unido. De acordo com a norma jurídica da região é proibido monitorar dados sigilosos dos cidadãos sem mandato judicial, sendo assim, não é permitido monitorar mesmo que os dados não tenham sido coletados pelos órgãos de defesa do Reino Unido. Portanto, ao receber dados do PRISM de cidadãos sem o consentimento legal, o governo realizou atos criminosos (IG, 2013)[97]. Outro aspecto criticado pela mídia é pelo fato de que se nem o próprio Reino Unido pode investigar seus cidadãos, por que liberar para países estrangeiros?

Ainda sobre o Reino Unido, a análise da amostra também permitiu visualizar que apesar de o programa Tempora ter capacidade de coleta superior ao Prism, ele foi pouco divulgado. Apenas uma notícia do total da amostra aborda sobre ele.

> O Tempora possui grampos em todas as vias de fibra óptica transoceânicas que chegam ao seu país. Dessa forma, o governo britânico consegue uma lista infindável de metadados interceptando o conteúdo que passa pelos cabos monitorados. Dessa forma, o Tempora não teria os impedimentos do PRISM norte-americano, que precisaria lidar com empresas como a Google, Apple, Microsoft, entre várias outras, que poderiam oferecer resistência à política de espionagem (MÜLLER, 2013).

Outro escândalo relacionado ao Reino Unido foi a espionagem dos delegados do G20 durante as reuniões de abril e setembro de 2009, os alvos mais afetados pela prática foram os delegados da África do Sul e o ministro das finanças da Turquia. Entretanto, nenhuma das publicações informou os motivos de tanto interesse por esses dois países a ponto de serem

---

[96] Disponível em: <http://www.dw.com/pt/em-entrevista-merkel-evita-tema-espionagem-e-é-criticada-pela-oposição/a-16963304> . Acesso em: 06 maio 2015.

97 Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/2013-06-10/reino-unido-nega-que-uso-de-sistema-de-espionagem-dos-eua-era-ilegal.html>. Acesso em: 15 abr. 2015.

vigiados. Apenas uma notícia do portal Terra, informou o objetivo geral da espionagem que era garantir que as negociações de interesse do Reino Unido saíssem de acordo com suas vontades. Diante de tal fato, pode se questionar que tipo de vantagens esses países possuem em negociações internacionais por possuírem acesso às informações estratégicas de membros de governos contrários aos seus.

> Um documento informativo enviado ao diretor do GCHQ, Iain Lobban, com data de janeiro de 2009, estabelece as prioridades do governo para a reunião do G20 de abril do mesmo ano. "A intenção do GCHQ é assegurar que a inteligência relevante para os resultados desejados pelo governo de Sua Majestade para sua presidência do G20 chegue no momento adequado e de forma que permita fazer um uso completo dela", destacava o texto (TERRA, 2013)[98].

O Brasil também foi afetado pelas revelações de Snowden. Segundo o ex-agente da CIA, o país foi o mais vigiado, ficando apenas atrás do próprio Estados Unidos. A notícia divulgada pelo jornal O Globo contou com a participação de Glen Greenwald e expôs documentos que apresentavam o programa FAIRVIEW e o software XKEYSCORE. Também foi revelado que os Estados Unidos tinham agentes da NSA e da CIA em uma base montada em Brasília. De acordo com as notícias da coleta, os motivos para o interesse americano no Brasil são puramente econômicos, o que envolve as relações com China, petróleo e pré-sal.

> Greenwald diz que os interesses dos Estados Unidos nas informações brasileiras são comerciais. O Brasil é rico em recursos naturais e isso gera muito dinheiro — pelas reservas de petróleo marinhas e do pré-sal, por exemplo. Ter acesso às informações antes que outros países pode favorecer (e muito) os investidores norte-americanos. Além disso, com esses dados a competição internacional também pode ser vencida mais facilmente (HAMANN, 2013).

Entretanto, nenhuma das notícias coletadas na amostra observou que o Brasil é um local em que transitam informações do mundo inteiro, inclusive de países que evitam as redes americanas como China, Irã e Rússia. Através da coleta de dados de grandes roteadores, os americanos conseguiram interceptar não só dados brasileiros como também de países inimigos. Tal fato, só foi divulgado após o período de recorte do objeto de pesquisa (CIRIACO, 2013).

[98]Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/mundo/europa/reino-unido-interceptou-conversas-durante-reuniao-do-g20-diz-snowden,07704ea094f4f310VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html>. Acesso em: 12 abr. 2015.

Imagem 1 – Apresentação *NSA* sobre coleta de dados do *Fairview* e PRISM

Fonte: CIRIACO, 2013. Porque os EUA Espionam o Brasil. **TECMundo**. Disponível em: <http://www.tecmundo.com.br/espionagem/45400-por-que-os-eua-espionam-o-brasil-.htm> acesso em: 30 ago. 2015.

Outro aspecto importante é que apesar de a notícia sobre a espionagem americana ter sido divulgada pelo jornal O Globo, a ferramenta de pesquisa não disponibilizou a notícia (GREENWALD, Glenn; KAZ, Roberto; CASADO, José; 2013). Ela foi introduzida manualmente por sua importância ao contexto da pesquisa. Além disso, o grande foco das publicações sobre o assunto eram o posicionamento da presidente Dilma Rousseff, em relação ao acontecimento, e do legislativo brasileiro, que apoiou a presidente no seu ato de repulsa à espionagem americana. Nenhuma das notícias abordaram as possíveis perdas comerciais e desvantagens causadas pela espionagem, nem sobre impacto disso aos cidadãos brasileiros, por exemplo. As notícias se limitaram às questões diplomáticas e aos assuntos de tecnologia que não são visíveis ao usuário como infraestrutura de redes e software de análise de Big Data.

> (...) Do inglês, “backbone” significa “espinha dorsal” e é o termo utilizado para identificar a rede principal pela qual os dados de todos os usuários da internet passam.

> Os *backbones* são responsáveis não só por enviar e receber dados entre as cidades brasileiras, mas também para outros países. E é nesses grandes "nós de distribuição" que eles se encontram. Para entender melhor: imagine os *backbones* grandes estradas com diversas saídas – estas saídas seriam as redes menores. Essas grandes estradas atravessam o continente e se encontram em algumas centrais estrategicamente distribuídas nos Estados Unidos e na Europa. Essas centrais ou "nós" representariam rotatórias, onde a informação definiria então o caminho a ser tomado. "Quase tudo passa pelos EUA por uma questão de interesse de tráfego (OLHAR DIGITAL, 2013)[99].

Esse tipo de abordagem direciona os rumos das discussões do acontecimento para uma perspectiva política, em que o que está em jogo é o poder da diplomacia brasileira ao tensionar e criticar as ações do governo americano. É possível perceber que tais exposições estabelecem uma descontinuidade, pois uma relação amistosa entre países entrou em atrito, além de emergir como urgência. Afinal, quando a propagação de discussões sobre esses fatos se intensifica, o assunto ganha destaque (HENN; HÖEHR; BERWANGER, 2012). Isso ocasiona uma diminuição das atenções sobre a espionagem dos usuários e o foco nas relações governamentais.

Dessa maneira, essa nova perspectiva sobre o fato pode ser concebida tanto como uma reconfiguração do acontecimento, o que permite que ele seja tratado com destaque por mais tempo, como também como uma dissipação dos temas relacionados à espionagem civil. É cabível acrescentar que tal dissipação não necessariamente eliminou esses assuntos da pauta, pois eles continuaram sendo citados na maioria das publicações sobre a espionagem americana no Brasil através de *links* de contexto. Portanto, a partir desses dados pode-se afirmar que a reconfiguração do acontecimento dissipou os assuntos sobre espionagem civil, ao mesmo tempo em que permitiu que eles não morressem, afinal ela os invocava através da citação breve com links de contexto em suas publicações.

6.3 REFLEXÕES ACERCA DA VIGILÂNCIA, LEGISLAÇÃO E DIREITOS CIVIS

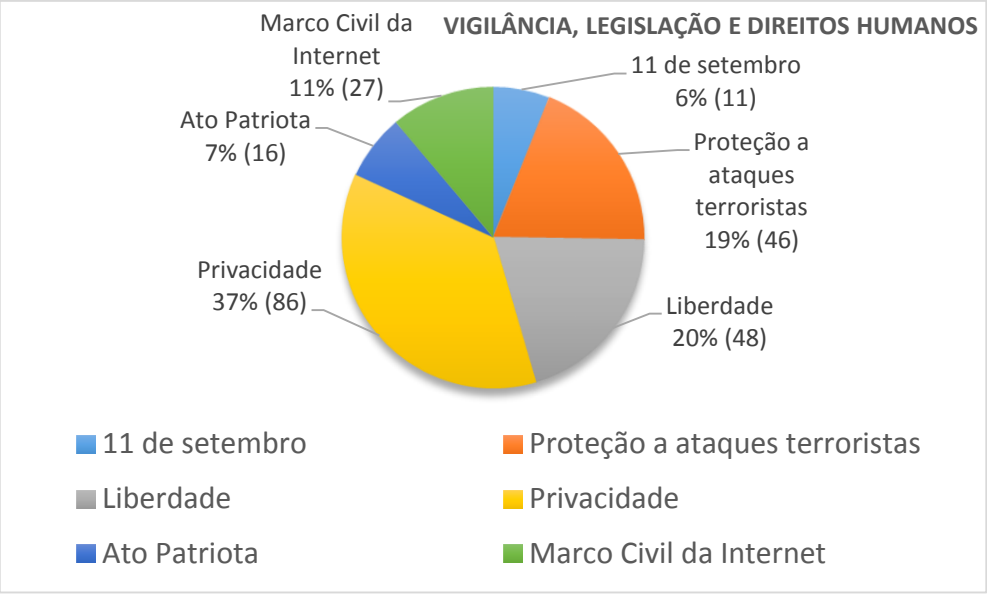
O acontecimento interrompe a normalidade, causa experiências públicas e estimula as pessoas a pensarem em como era a vida antes desse acontecimento, o que causou ele, o impacto do acontecimento no presente acontecimental e ainda como será a vida após o acontecimento (FRANÇA; ALMEIDA, 2008). O tema Vigilância, Legislação e Direitos Civis trata das reflexões sobre como resolver o problema da invasão à privacidade. Assim como os outros temas, ele passa por questões de relações entre governos, já que se discute sobre quem domina

[99] Disponível em: <http://olhardigital.uol.com.br/pro/noticia/caso-snowden-gera-desconfianca-sobre-empresas-de-cloud-computing-dos-eua/36223>. Acesso em: 02 mar. 2015.

a internet, cyberwar e hackativismo, além de questões civis já que trata da vigilância, privacidade e liberdade.

Através da síntese da pesquisa foi possível identificar que as unidades de referência remetem tanto aos direitos civis como também as necessidades de uma regulamentação a respeito dos dados.

Gráfico 12 – Unidades de referência sobre o tema Vigilância, Legislação e Direitos Humanos



Fonte: Elaborado pela autora

Diferente do tema Espionagem Americana, o qual dispunha de grande quantidade de termos técnicos sobre tecnologia da informação, as questões relacionadas à Privacidade e Liberdade apontam, em sua maioria, ao âmbito jurídico. A respeito disso, as publicações abordaram tanto o fato da necessidade de proteção à Privacidade e Liberdade dos cidadãos do mundo, como também a necessidade de uma legislação nacional relacionada aos dados dos brasileiros e à manutenção da segurança e soberania do país. Também foi discutido sobre o domínio da rede e do tráfego dos dados ao redor do mundo.

Sobre a questão de uma legislação nacional que prevenisse a invasão à soberania nacional, a privacidade dos cidadãos e a liberdade de expressão, a maioria das notícias focou nos assuntos relacionados ao Marco Civil da Internet. A questão mais discutida sobre isso foi o fato de a normativa prever a obrigatoriedade dos dados dos brasileiros serem armazenados no Brasil. Várias notícias, como a do portal Terra "Após espionagem Dilma quer que dados sejam

armazenados no Brasil" [100], apenas citavam que o governo iria obrigar as empresas de tecnologia a instalar data centers no Brasil, porém não explicava o porquê e nem como isso seria.

Já a publicação do site da revista Galileu[101], apresentou o motivo da exigência brasileira e citou algumas possíveis consequências como a retirada de empresas como *Google* e *Facebook* do Brasil, por serem obrigados a manterem servidores no território brasileiro. Além de ser equivocada tal afirmação[102], também não mostrou o porquê isso seria um problema para essas empresas (DIAS, 2013).

A grande falha desses apontamentos é que eles ignoram o fato de que mesmo se essas empresas colocassem data center no Brasil, isso não impediria a espionagem e a coleta de dados dos cidadãos pelos EUA. Isso ocorre porque o sistema utilizado é o de nuvem, nesse tipo de tecnologia não há como saber em qual máquina o dado está, pois, todo o gerenciamento do data center é virtualizado e realizado pelos algoritmos de maneira a garantir a eficiência da rede (TAURION, 2009). Além disso, se um brasileiro conversa com um americano esse dado viajará na rede por esses dois países, não há como o Brasil impedir o tráfego do dado.

A partir da análise das notícias da amostra, foi possível perceber que, em sua maioria, os jornalistas não dominam os termos técnicos que lançam em seus textos, o que leva a uma superficialidade sobre a questão do armazenamento de dados no Brasil. Entretanto, criticam tal posição da normativa proposta pelo governo sem argumentos que levem o leitor ao entendimento de tal fato. O que a maioria das publicações relacionadas a esses assuntos fazem é citar termos técnicos sem explicação, transformando esse assunto em uma repetição sem sentido[103].

---

[100]Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/brasil/apos-espionagem-dilma-quer-que-dados-sejam-armazenados-no-pais,ba4cb627c10cf310VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html>. Acesso em: 30 ago. 2015.

[101] Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI340068-17770,00-GOVERNO+QUER+ARMAZENAMENTO+DOS+DADOS+EM+TERRITORIO+NACIONAL.html>. Acesso em: 30 ago. 2015.

102 Essas empresas possuem servidores no Brasil, pois são equipamentos básicos de infraestrutura de tecnologia da informação.

103Ver mais sobre o assunto em:
<http://noticias.terra.com.br/brasil/apos-espionagem-dilma-quer-que-dados-sejam-armazenados-no-pais,ba4cb627c10cf310VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html> Acesso em 20. Ago. 2015.
<http://tecnologia.ig.com.br/especial/2013-07-11/marco-civil-obrigara-google-e-facebook-a-manter-dados-no-brasil.html> Acesso em 20. Ago. 2015.
<http://www.baguete.com.br/noticias/09/07/2013/dilma-dados-nao-devem-sair-do-brasil> Acesso em 20. Ago. 2015.
<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/dilma-quer-que-onu-discuta-monitoramento-feito-pelos-eua/> Acesso em 20. Ago. 2015.
<http://www.ebc.com.br/noticias/internacional/2013/07/apos-denuncias-de-espionagem-governo-pedira-agilidade-na-votacao-do> Acesso em 20. Ago. 2015.

Entre as exceções a esse quadro está a notícia da revista Época "Ninguém controla a internet", a qual entrevista o membro do Comitê Gestor da Internet no Brasil Demi Getschko[104]. Uma das perguntas da Revista questionava sobre a intenção de o Marco Civil obrigar o armazenamento de dados brasileiros em território nacional, ao que Demi responde com uma crítica sobre a falta de explicação da pergunta em relação ao modo como seria esse armazenamento.

> EXAME - O governo está tentando incluir no Marco Civil da Internet um dispositivo que obriga as empresas que atuam na Internet a guardar os dados de conexão em território nacional. Qual a opinião do senhor sobre isso? Isso ajudaria a nos proteger de espionagem de outros países?
>
> **Getschko** - Não sei bem o que isso significa. Se é para guardar os registros de acesso, isso já é feito, porque certamente os provedores de acesso trabalham no país. Registros de "transações" são guardados ou não, a critério do servidor. Se eu, eventualmente, compro um livro de um sítio na Alemanha, não teria muito sentido que esse sítio tivesse que guardar essa informação no Brasil. Finalmente, registros de navegação nem deveriam ser guardados, como bem fala o Marco Civil ao proteger a privacidade. Ou seja, para opinar quanto a isso é necessário entender qual o objetivo e o que se está querendo de fato fazer, e examinar a viabilidade disso em termos de uma rede internacional como a Internet (EXAME, 2013)[105].

A mesma matéria também pergunta sobre quais seriam as soluções para evitar a espionagem americana, Getschko responde que isso pode ser feito através da não exposição excessiva de dados críticos, utilização de criptografia e de equipamentos de rede que confiáveis. A publicação do site RBA, "Medidas do governo aumentam infraestrutura, mas não impede espionagem" [106], discorda em partes com a opinião do entrevistado da revista Exame. Segundo a notícia, investir em infraestrutura pode dificultar o acesso estrangeiro às comunicações brasileiras, entretanto não elimina essa possibilidade. Isso porque os *hardwares*, as empresas de *telecom* e as de internet como rede sociais, são todas de empresas estrangeiras, as quais, mesmo que tenham filiais no Brasil, obedecem às normas dos americanos. De acordo com a publicação, as únicas medidas tomadas pelo governo brasileiro que podem surtir efeito contra a espionagem são as de diplomacia que advogam por uma governança neutra da internet.

> As declarações do chanceler sugerem que o Itamaraty está disposto a comprar uma briga bastante grande com os Estados Unidos e seus aliados ao advogar por uma governança compartilhada da internet, que se concentra na maior potência do planeta,

104 "Demi Getschko ocupa vaga no conselho do CGI destinada a membros com "notório saber" na área da Internet, para repercutir as denúncias de espionagem dos EUA e a tese defendida pelo Brasil de que é preciso estabelecer mecanismos multilaterais de governança na Internet" (ÉPOCA, 2013).

[105]Disponível em: <http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/ninguem-controla-a-internet-diz-demi-getschko-do-cgi-br>. Acesso em: 30 ago. 2015.

[106]Disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br/saude/2013/07/medidas-do-governo-aumentam-infraestrutura-de-comunicacoes-mas-nao-podem-conter-espionagem-4880.html>. Acesso em: 30 ago. 2015.

> onde nasceu e se desenvolveu, e obedece prioritariamente à legislação norte-americana sobre todas as outras. "É uma questão que enfrenta resistências consideráveis para ser multilateralizada", avalia Patriota, acreditando que as revelações de Edward Snowden desgastaram Washington. "Agora temos novos elementos e uma alteração no quadro político em função das denúncias que afetaram países da Europa e América Latina. Precisamos de um conjunto de ações para minimizar a força e influência das empresas de telecomunicação, cujo poder econômico é desigual, assim como é desigual o poder político e militar dos Estados Unidos", analisa Sady Jacques. "Mudar as regras do jogo não será trivial: a internet deve ter outro espaço jurídico, com legislação internacional específica que garanta a segurança e soberania de todos. E isso não está pautado hoje, nem de longe. Levantar essa bandeira junto à ONU coloca o Brasil numa posição de liderança e pode vir a trazer mudanças importantes. Quem sabe dentro de alguns anos poderemos ter uma internet mais democrática" (RBA, 2013).

A notícia do site EBC (2013) "Advogado alerta que usuários da internet estão sujeitos às leis dos Estados Unidos"[107] também criticou a imposição do internauta à legislação americana. A publicação entrevistou o perito forense e advogado especializado em tecnologia da informação José Antônio Milagre, o qual afirmou sobre a pouca maturidade dos brasileiros em relação à privacidade e observou que ao acessar as redes sociais os usuários estão sujeitos às leis dos Estados Unidos, já que a maioria dessas empresas estão situadas nesse país e obedecem às normativas desse governo. A notícia não questionou sobre a coleta de dados dos usuários por essas empresas, mas sim o repasse dos dados às autoridades americanas. De acordo com o perito, essas empresas não foram corretas ao transmitir os dados dos usuários para terceiros.

> Na medida em que as autoridades coletam essas informações sem o conhecimento dos usuários ou de uma autorização judicial, há, evidentemente, uma violação de tratados, garantias e direitos reconhecidos internacionalmente", disse o especialista, defendendo a necessidade de novos mecanismos para evitar a violação de dados, salvo em casos excepcionais, com ordem judicial. "Esse episódio vai contribuir para uma reflexão sobre a necessidade de diretrizes ou normativas internacionais a respeito da preservação da privacidade das informações pessoais. Ainda tratamos a privacidade com o olhar de 40 anos atrás", acrescentou (RODRIGUES, 2013).

Várias publicações entrevistaram ativistas hackers que tratam da relação entre tecnologia da informação e direitos humanos. A publicação "Hacker alemão avalia limites entre liberdade e controle na rede"[108] do Observatório da Imprensa apresenta a opinião de Andy

---

[107] Disponível em: <http://www.ebc.com.br/noticias/brasil/2013/06/advogado-alerta-que-usuarios-da-internet-estao-sujeitos-as-leis-dos-estados>. Acesso em: 30 ago. 2015.

[108] Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/caderno-da-cidadania/_ed755_hacker_alemao_avalia_limites_entre_liberdade_e_controle_na_rede/>. Acesso em: 30 ago. 2015.

Müller-Maguhn, um dos colaboradores das discussões do livro Cypherpunks[109] (2012). Na respectiva publicação, Andy contribui com a ideia discutida na notícia da EBC, de que a privacidade e as questões relacionadas à internet são discutidas a partir de uma perspectiva passada que não respondem às necessidades atuais.

> A chave é que muitos políticos nasceram num tempo em que o rádio e a TV eram as mídias primárias – e esses políticos ainda têm dificuldade para entender uma sociedade que literalmente "vive" na internet. Quando discutimos a internet, esses conceitos simplesmente não funcionam. Passamos a ter expectativas sobre a transparência dos governos, que deveriam proporcionar as informações necessárias para os cidadãos de uma, afinal, sociedade da informação. Como a internet se tornou o *locus* primário para os processos sociais, econômicos e culturais no mundo moderno, é preciso ter um entendimento não só da própria internet, mas sobre as limitações, as possibilidades e as questões tecnológicas que precisam de uma legislação especial (SAYURI, 2013).

Todos esses ativistas da internet citados defendem uma internet livre de controle de governos. O termo liberdade para eles, está relacionado à ideia de liberdade de informação e o livre fluxo de informação[110]. O objetivo é que seja possível o compartilhamento de informações sem que isso seja usado contra o usuário, ou seja, a possibilidade de se comunicar e ter seu conteúdo protegido. Um dos grupos de ativismo mais famoso é o *Cypherpunk*, o qual, através da criptografia, busca defender os civis contra o monitoramento governamental. Entretanto, apenas a notícia "Cypherpunk: o ativismo do futuro"[111], do canal TechMundo, fala sobre esse movimento.

> A privacidade é necessária para termos uma sociedade aberta na era eletrônica. Privacidade não é o mesmo que segredo. Um assunto privado é uma coisa que alguém não quer que o mundo inteiro saiba; um assunto secreto é uma coisa que alguém não quer que ninguém saiba. A privacidade é o poder de revelar-se seletivamente para o mundo (HAAS, 2013).

Sobre as questões relacionadas à privacidade do usuário muito se falou sobre o PRISM e o escândalo do acesso da *NSA* aos dados dos usuários das empresas de tecnologia. Entretanto,

---

[109] "Os*cypherpunks* defendem a utilização da criptografia e de métodos similares como meio para provocar mudanças sociais e políticas. Criado no início dos anos 1990, o movimento atingiu seu auge durante as "criptoguerras" e após a censura da internet em 2011, na Primavera Árabe. O termo *cypherpunk* – derivação (criptográfica) de *cipher* (escrita cifrada) e *punk* – foi incluído no *Oxford English Dictionary* em 2006" (ASSANGE, 2012).

[110] Para saber mais, ver:
<http://observatoriodaimprensa.com.br/caderno-da-cidadania/_ed755_hacker_alemao_avalia_limites_entre_liberdade_e_controle_na_rede/> Acesso em: 30 ago. 2015
<http://info.abril.com.br/noticias/internet/2013/06/tim-berners-lee-critica-controle-dos-governos-sobre-a-internet.shtml> Acesso em: 30 ago. 2015

[111] Disponível em: <http://www.tecmundo.com.br/seguranca/41721-o-caso-edward-snowden-e-a-vigilancia-de-dados-no-brasil.htm>. Acesso em: 02 jun. 2015.

pouco se falou sobre a necessidade de proteger o cidadão de termos de adesão e políticas de privacidade que diminuem cada vez mais os direitos de quem utiliza os serviços dessas empresas. O foco da discussão foi tomado por temas relacionados aos investimentos em infraestrutura que o Brasil se propôs a fazer após os escândalos de espionagem. A mídia pouco tratou sobre as questões referentes a esses contratos e o Marco Civil. O que se viu foi o oposto, muitas publicações criticaram inclusive a obrigatoriedade do Marco Civil de essas empresas terem data centers no Brasil, mas não a necessidade de termos e contratos mais justos para os usuários.

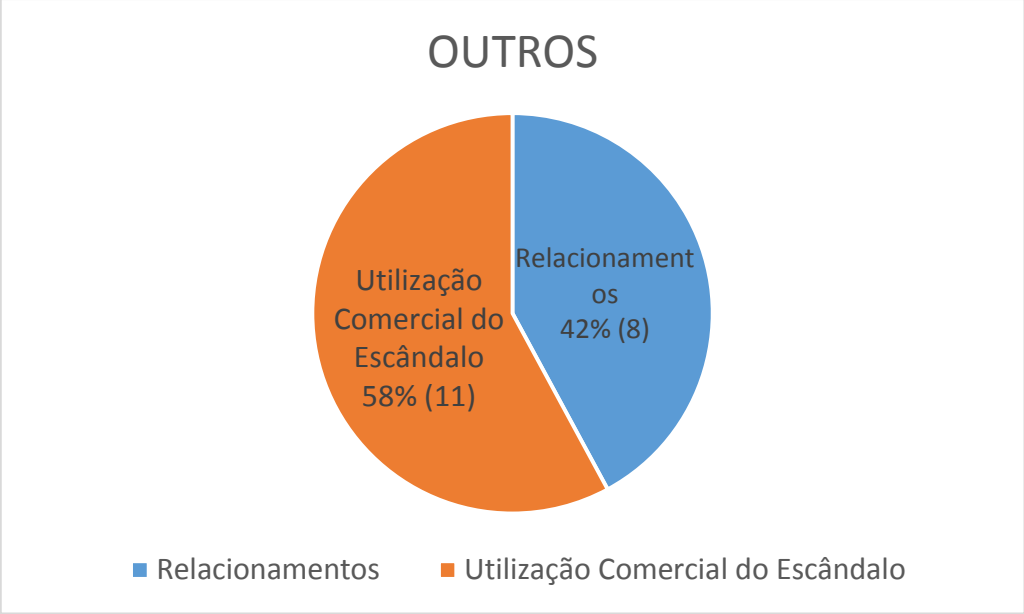
6.4 FATOS DISPERSOS E REPERCUSSÕES SOBRE O CASO

O acontecimento causa consequências na vida social, transformando-a. Sua principal característica é a interferência nos comportamentos causada pela experiência que produz em quem o sofre. Ao gerar uma quebra da normalidade, ele introduz novos horizontes de sentidos que só quem o experimentou percebe. A experiência do acontecimento funciona como uma travessia em que diante da ruptura do que era harmonioso, os sujeitos começam a questionar a si mesmos, o mundo ao seu redor, mudando suas percepções anteriores e atualizando juízos. Diante disso, ele incita seu público (quem participou de sua experiência) a assumir um posicionamento. Esse posicionamento quando compartilhado agrega à experiência coletiva novos sentidos, dessa forma, ao se caracterizar como mediação, o acontecimento se torna uma experiência pública (FRANÇA; ALMEIDA, 2008).

A experiência pública é ampliada através da circulação midiática do acontecimento pela mídia, usuários e pelos atores. Essa circulação ocorre em um fluxo contínuo e adiante. Isso significa que não é realizada de uma maneira linear em que a informação é passada por um emissor e recebida por um receptor. Na circulação esses papeis se confundem, pois, em determinados momentos, as experiências são produzidas e compartilhadas pelos “receptores” e se tornam fontes de notícias dos “emissores”. Ao analisar como se dá essa experiência pública é necessário verificar não só as reações em massa do fato, como também o que está nas zonas de indeterminação, ou seja, as reações dos “receptores” que fogem totalmente das expectativas dos “emissores” (BRAGA, 2012).

A sistematização da pesquisa levou a dois âmbitos assuntos que fugiram do tema principal em questão. Esses assuntos estão relacionados à utilização comercial do escândalo e aos relacionamentos do ex-agente. Ver gráfico 13.

Gráfico 13 – Unidades de referência sobre a temática "outros"



Fonte: Elaborado pela autora

Sobre as notícias relacionadas à utilização comercial do escândalo, citamos a publicação "Marca de lingerie usa escândalo da NSA para se promover" (EXAME, 2013)[112], que apresenta uma campanha publicitária americana utilizando a repercussão do acontecimento para causar impacto.

Imagem 2 – Propaganda de *lingerie* utilizando escândalo de Snwoden

Fonte: Exame. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/marketing/noticias/marca-de-lingerie-usa-escandalo-da-nsa-para-se-promover>. Acesso em: 30 ago. 2015.

[112]Disponível em: <http://exame.abril.com.br/marketing/noticias/marca-de-lingerie-usa-escandalo-da-nsa-para-se-promover>. Acesso em: 30 ago. 2015.

Percebe-se também um interesse em transformar a história de Snwoden em filme. O site G1 publicou: “Diretor de 'Salt' quer Liam Hemsworth em filme sobre Edward Snowden”. A notícia afirma que o interesse do cineasta sobre o caso é pelo motivo de que o ex-agente se envolveu em uma trama que ninguém sabe se é mocinho ou vilão (G1, 2013)[113]. Ainda sobre cinema, o *blog* Cinema apresentou o curta Verax[114], produzido em Hong Kong, como o primeiro filme sobre a história do delator. A história não encantou somente os cineastas, como também o mundo dos games. O jogo “onde está você Snowden?” é uma versão do desenho “Onde está Wally”.

> Edward Snowden, ex-funcionário da *CIA* acusado criminalmente de espionagem pelo governo dos Estados Unidos, acabou virando tema de um game na Internet. O jogo “Where Are You Edward Snowden?” (algo como “Onde está você, Edward Snowden?”) segue a linha do clássico “Onde está Wally?”. No caso, os usuários devem localizar o rosto de Snowden em meio a diversas multidões. A brincadeira tem o apoio do Le Courrier de Russie, um jornal distribuído em Moscou e publicado em francês e russo (JORNALISTAS DA WEB, 2013)[115].

Outro jogo que surgiu a partir do escândalo é o “Snwoden Run 3D”, disponibilizado para smartphones, *tablets* e computadores pessoais, o *game* faz uma sátira à trajetória de Snowden[116].

> Em "Snowden Run 3D" o jogador deve fazer Snowden correr por cenários como a sede da CIA e cidades por onde ele passou. O personagem corre sozinho e deve recolher pendrives com os segredos do governo norte-americano enquanto evita obstáculos para não ser pego. O jogador deve deslizar os dedos para os lados - ou usar o mouse no PC - para ir para a direita e para a esquerda a fim de não esbarrar em nada no caminho. Ao ser pego, ele pode ligar para o "Tio Putin" com o seu celular e pedir que ele lance uma bomba nuclear no local. Vence o jogador que conseguir percorrer a maior distância sem ser capturado (G1, 2013).

Além de *lingerie* e *games*, o caso também permitiu que um designer aproveitasse a situação para mostrar seu trabalho artístico. Inconformado com a identidade visual dos *slides* da *NSA* divulgados por Snowden, Emiland De Cubber redesenhou toda a apresentação do PRISM[117].

---

113 Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2013/07/diretor-quer-liam-hemsworth-em-filme-sobre-edward-snowden.html>. Acesso em: 30 ago. 2015

114 Disponível em < http://www.c7nema.net/fun-geek-gossip/item/39298-e-de-hong-kong-o-primeiro-filme-curta-metragem-em-torno-do-caso-edward-snowden.html> Acesso em: 30 ago. 2015.

115Disponível em: <http://www.jornalistasdaweb.com.br/2013/07/08/edward-snowden-vira-tema-de-jogo-na-internet/>. Acesso em: 30 ago. 2015.

116Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/games/noticia/2013/07/game-faz-satira-de-fuga-de-edward-snowden-de-agentes-da-cia.html>. Acesso em: 30 ago. 2015.

117Disponível em: <http://info.abril.com.br/noticias/seguranca/designer-redesenha-apresentacao-da-nsa-sobre-o-prism-12062013-15.shl>. Acesso em: 30 ago. 2015.

> O texto introdutório diz: "Cara NSA, você pode fazer o que quiser com meus dados, mas não com meus olhos. Aqueles slides são horríveis. Eu esperava mais de você..." Ele mostra, então, os tais slides "horríveis". Em seguida, diz: "deixe-me cuidar dos seus slides" e começa a mostrar sua versão da apresentação. Ao informar o custo do projeto - 20 milhões de dólares por ano - ele ainda brinca: "Vale a pena. É um montão de dados" (INFO, 2013).

Pedidos de casamento ao ex-agente da *NSA* foram reações à midiatização do caso. Segundo a notícia "Chovem propostas de casamento a Snowden, diz advogado", do portal Terra, várias mulheres ofereceram casa e comida ao delator. Assim que ele chegou à Rússia, a ex-espiã da KGB, Anna Chapman postou na rede social Twitter: "Snowden, casa comigo?". O portal Terra, inclusive, colocou em todas as notícias relacionadas ao caso, fotos de um ensaio sensual da namorada de Snowden, que é dançarina de *pole dance*.

Apesar de serem assuntos fora do tema principal, eles demonstram ressignificações sobre o acontecimento dentro do fluxo da circulação. Essas notícias refletem as reações do público diante da experiência coletiva. Entretanto, nos casos citados anteriormente, essas reações buscam a utilização da propagação do acontecimento para obter lucro ou audiência. Há ainda as reações em prol de uma causa sem fins lucrativos. Sobre essas ações foram encontradas na amostra da pesquisa algumas notícias que tratam tanto de manifestações pró Snowden como também de ações contra a espionagem americana.

A notícia do site Último Segundo, "Usuários da internet fazem piada com espionagem online dos EUA"[118], apresenta os *memes* e as piadas da internet sobre o escândalo PRISM. De acordo com a matéria, as pessoas inconformadas com a espionagem americana criaram um *site* "*Operation: Troll the NSA"*, o objetivo é dar orientações sobre como fazer ligações telefônicas inocentes cheias de palavras-chave para confundir a agência.

Manifestações em Hong Kong também foram realizadas exigindo a proteção de Snowden. Cerca de 900 pessoas, entre grupos políticos e sociais percorreram a cidade até o consulado dos Estados Unidos para mostrar o apoio ao delator e exigir explicações e desculpas do governo americano. A organização do movimento foi realizada através das redes sociais[119].

---

[118] Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/2013-06-12/usuarios-da-internet-fazem-piada-com-espionagem-online-dos-eua.html>. Acesso em: 30 ago. 2015.

[119] Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/mundo/estados-unidos/centenas-de-pessoas-pedem-protecao-para-snowden-em-hong-kong,897fe81e2424f310VgnCLD2000000ec6eb0aRCRD.html> Acesso em: 30 de ago. 2015.

Algumas empresas de TI – como: Mozzila, Reddit e o site Boing Boing – também realizaram ações contra a espionagem no dia da Independência Americana (4 de julho) exigindo a restauração da quarta emenda que protege os cidadãos contra busca e apreensão ilegal[120].

Os bolivianos também realizaram manifestações sobre o evento relacionado ao avião de Evo Moralles, mais de 100 pessoas queimaram a bandeira da França e jogaram pedras na embaixada[121].

Inconformados com a denúncia de Edward Snowden sobre a espionagem americana, a Federação Internacional dos Direitos Humanos (FIDH) e a Liga de Direitos Humanos (LDH) da França entraram na justiça contra os Estados Unidos. "As duas ONG estimam que o governo americano cometeu cinco delitos, a começar por um atentado voluntário à intimidade da vida privada e pela captação de dados pessoais de forma fraudulenta, desleal e ilícita"[122].

É perceptível que esse acontecimento afetou pessoas, empresas e instituições no mundo inteiro, causando reações diferentes sobre um mesmo assunto. Com a sistematização da pesquisa foi possível concluir que a revelação da espionagem americana estimulou discussões, manifestações, oportunidades e permitou que assuntos relacionados à privacidade e vigilância estivessem presentes não só nas notícias pesquisadas, como também nas conversas em salas de aula, mesas de bar, almoços de família e etc.

6.4.1 Marco Civil da Internet

As discussões a respeito da necessidade de uma legislação que regulamente o uso da internet no Brasil não surgiram a partir das revelações de Edward Snowden sobre a espionagem americana ao governo brasileiro. Os assuntos levantados por Snowden já estavam presentes nos debates públicos que visavam a previsão dos princípios, garantias, direitos e deveres para quem usa a rede, bem como a determinação de diretrizes para a atuação do Estado[123] . Entretanto, quando Snowden torna público os documentos da *NSA*, esses assuntos ganham destaque na circulação midiática do acontecimento. Dessa forma, quando o caso eclode os assuntos que não

---

[120] Disponível em: <http://info.abril.com.br/noticias/seguranca/2013/07/empresas-de-ti-se-juntam-a-protestos-contra-vigilancia-dos-eua.shtml> Acesso em: 30 de ago. 2015.

[121] Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/07/bolivianos-queimam-bandeiras-da-franca-apos-incidente-com-aviao.html> Acesso em: 30 de ago. 2015.

[122] Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/mundo/estados-unidos/,27750699fa0cf310VgnCLD2000000ec6eb0aRCRD.html> Acesso em: 30 de ago. 2015.

[123] Disponível em: < http://pensando.mj.gov.br/marcocivil/a-importancia-do-marco-civil-e-seu-historico/> Acesso em: 18 de dez. 2015.

tinham urgência, se reconfiguram a medida que a percepção social é afetada pelo acontecimento (FRANÇA, ALMEIDA; 2008).

O Marco Civil da Internet nasceu da reação da sociedade civil contra o projeto de lei PL 84/1999, o qual buscava a regulamentação da internet a partir da criminalização do internauta. Esse projeto ficou conhecido como "AI5 da internet" e causou diversas dicussões entre a sociedade civil e o governo, as quais resultaram na necessidade de ter uma regulação civil que direcionasse os deveres, direitos e regras antes de se criminalizar a rede.

> O projeto de lei PL 84/1999, se propunha a dispor sobre os crimes cometidos na área de informática, e previa dentre outras coisas o cadastro prévio de todo usuário de Internet no Brasil, facilidades de acesso a dados de navegação por autoridades policiais e criminalização de condutas corriqueiras na Internet.Tal projeto ficou conhecido como o AI5 digital, em referência ao Ato Institucional 5, de dezembro de 1968, que marcou o endurecimento da ditadura militar. De fato durante o Fórum Internacional do Software Livre de 2009, o então Presidente da República Luis Inácio Lula da Silva afirmou que o governo era contra o PL 84/99, indicando que o governo dele iria discutir com todos uma outra forma de lei para a Internet (MACHADO, 2014).

Um dos marcos históricos do surgimento do Marco Civil foi na Audiência Pública do PL 84/1999, em novembro de 2008. Na ocasião, a sociedade civil, por meio do professor da Universidade Federal do ABC Sérgio Amadeu, escreveu uma carta contra o projeto e exigindo a proteção da privacidade e intimidade do usuário de internet e a delimitação das responsabilidade dos atores da rede (MACHADO, 2014). Após esse evento, o Ministério da Justiça, em parceria com o Centro de Tecnologia e Sociedade da Fundação Getúlio Vargas, realizou um debate público em 2009 que resultou no texto original do Marco Civil. Entretanto, para que fosse possível a contribuição da sociedade civil na elaboração do anteprojeto de lei foi disponibilizado pelo Ministério da Cultura a plataforma CulturaDigital.br, a qual permitiu que qualquer pessoa ou instituição pudesse colocar suas contribuições sobre a norma, assim como também interagir sobre a contribuição dos demais. Dessa forma, o Marco Civil foi a primeira lei construída de forma colaborativa entre Governo e sociedade civil (BRASIL; 2014).

A elaboração do Marco Civil da Internet ocorreu em duas fases, ambas com 45 dias de duração. A primeira ocorreu em 2009, nesse momento foram discutidas os conceitos mais amplos como as ideias, princípios e valores propostos para regulação, a partir do texto-base produzido pelo Ministério da Justiça. A primeira fase contou com mais de 800 contribuições, que resultaram na elaboração do projeto de lei que foi encaminhado pela presidente Dilma Roussef à Câmara dos Deputados em 24 de agosto de 2011 (CULTURA DIGITAL, 2014).

Apesar da discussão pública e da contribuição da sociedade organizada ao projeto de lei, ele só foi votado na Câmara no dia 25 de março de 2014, após a presidente Dilma Roussef solicitar regime de urgência constitucional a aprovação do projeto na Câmara (BRASIL, 2013). A necessidade do governo em acelerar a aprovação do Marco Civil da Internet surgiu após a revelação por Edward Snowden de que o Brasil é o país mais espionado pelo governo americano (AQUINO, 2013).

A segunda fase ocorreu em 2015, ela seguiu o mesmo formato da primeira, entretanto o objetivo era a elaboração da minuta do anteprojeto de lei. Em ambas as fases, cada artigo, parágrafo, inciso ou alínea estava disponível para apresentação de comentário por qualquer interessado (CULTURA DIGITAL, 2014). O Marco Civil da internet foi sancionado pela presidente Dilma Roussef no dia 23 de abril de 2014, na véspera da conferência internacional "NET Mundial" que ocorreu no Brasil. Esse encontro reuniu não só os grandes pensadores da rede como Berners-Lee (criador da web), mas também representantes de governos, universidade, setor privado e sociedade civil de mais de 85 países (NUNES, 2014).

A estrutura do Marco Civil foi criada em torno de três eixos: neutralidade, guarda de registros e privacidade na rede. O eixo neutralidade foge das discussões provocadas por Snowden, pois diz respeito a forma como os dados são tratados pelas empresas de telecomunicações. Segundo essa diretriz, os dados devem ser considerados iguais não importa a origem, conteúdo, destino ou serviço. Isso foi criado para impedir que as provedoras de internet permitam que determinadas aplicações ou *sites* sejam mais lentas que outras, ou mesmo que haja uma cobrança diferenciada de dados por utilização de determinados dispositivos (CULTURA DIGITAL, 2014). A operadora de celular TIM sofreu sanções do Marco Civil ao criar uma campanha comercial oferencendo um plano específico para WhatsApp (HAMANN, 2015). Esse princípio visa assegurar a livre concorrência, a escolha do usuário sobre o conteúdo e a possibilidade de inovação (CULTURA DIGITAL, 2014).

Os eixos guarda de registros e privacidade na rede estão diretamente relacionados às denúncias de Snowden. O primeiro trata das questões sobre o tempo e o tipo de guarda das informações dos usuários. A norma determina que os registros de conexão dos usuários devem ser guardados pelos provedores de acesso por um ano, sob sigilo e em ambiente seguro. As informações armazenadas devem ser apenas as relativas ao IP, data e horas inicial e final da conexão. Caso os provedores optem por armazenar os registros que ligam o IP ao uso de aplicações da internet, esse período deve ser de apenas seis meses. As revelações de Snowen

mostraram que tais informações eram coletadas e armazenadas pela NSA e pelas empresas de tecnologia por período inderteminado (BRASIL, 2014).

> Art. 13. Na provisão de conexão à internet, cabe ao administrador de sistema autônomo respectivo o dever de manter os registros de conexão, sob sigilo, em ambiente controlado e de segurança, pelo prazo de 1 (um) ano, nos termos do regulamento (BRASIL, 2014).

A lei também estabelece que a guarda de registros deve ser feita de forma anônima. Ou seja, os provedores poderão guardar o IP, nunca informações sobre o usuário. A disponibilização desses dados, segundo o texto, só poderá ser feita mediante ordem judicial. O Marco Civil também determina que os contratos de adesão devem ser claros, ter foro no Brasil, entretanto não preserva o usuário da venda de suas informações pessoais a terceiros. A norma afirma que a venda e o uso dos dados dos usuários devem estar explícitos nos termos de adesão e que o mesmo deve ser aceito pelo usuário. Como já abordado no capítulo 3 dessa dissertação, esses contratos são termos obrigatórios que ou o usuários aceita, ou não tem acesso a determinado serviço (SEARLS,2013). Nessa questão, a única clausula que o Marco Civil protege o cidadão é a de que esse tipo de contrato de internet deve ter foro no Brasil, ele não resguarda o usuário do uso de sua informação pessoal contra ele (BRASIL, 2014).[124]

O eixo privacidade visa proteger o conteúdo das comunicações privadas em meios eletrônicos. De acordo com a legislação esses conteúdos tem o mesmo caráter dos meios de comunicação tradicionais, como cartas, conversas telefônicas e portanto deve ser protegido como tal, constituindo quebra de sigilo qualquer acesso que não seja por ordem judicial. Outro aspecto relacionado à privacidade é a garantia ao usuário de que todos os seus dados podem ser excluídos do provedor após o encerramento do serviço (CULTURA DIGITAL, 2014).

Um dos tópicos mais abordados pela cobertura midiática do caso Snowden foi a obrigatoriedade de as empresas de tencologia colocar *data centers* no Brasil, entretanto essa norma não aparece no Marco Civil. Ao sintetizar os temas trazidos pela revelação de Snowden e a legislação brasileira é possível perceber que a mesma trouxe alguns avanços como a possibilidade de exclusão definitiva dos dados pelos usuários, a punição às empresas que não obedecerem às normas brasileiras, versou sobre os direitos e deveres das empresas de aplicações de internet (como Google e Facebook, telefonia, provedores, administradores de sistemas

[124] Na página 43 há exemplos de como as informações dos usuários podem ser utilizadas contra eles.

autônomos (roteadores), governos e usuários. A legislação, porém, não preservou o usuários quanto a utilização de seus dados contra ele, o que permite a coleta e a revenda sem o conhecimento do mesmo de como seus dados serão utilizados. Nesse caso, mesmo que o usuário acredite que não tem nada a esconder, ele pode ser analisado de uma forma que não tem conhecimento e perder uma oportunidade de emprego, ou ter seu limite de crédito reduzido, ou até mesmo ser multado por ultrapassar a velocidade com o seu GPS ligado (SHIMIDT; COHEN, 2013). Tal questão é o cerne da ausência de privacidade nas novas tecnologias de informação, pois cada vez estamos lidando com equipamentos ligados na internet, os quais cada vez mais coletam nossos dados e cada dia mais aperfeiçoam a capacidade de análise sobre as atividades online. Tudo isso tem a finalidade de vender perfís que podem fazer de um usuário bem sucedido e outro fracassado (PARISIER; ALFARO, 2012).

7 CONCLUSÃO

A partir da pesquisa foi possível concluir que o acontecimento foi crucial para levantar questões como privacidade, vigilância e a necessidade de uma legislação sobre os dados no Brasil. Ele atingiu não só os americanos, como todos os países do mundo e gerou uma intensa circulação midiática em que as pessoas compartilharam suas experiências sobre o evento. Pode se considerar que o Caso Snowden foi um dos maiores acontecimentos midiáticos desde o caso Garganta Profunda.

A análise da pesquisa concluiu que no caso estudado o jornalismo tradicional está passando por uma transformação em suas lógicas de distribuição, pois não consegue controlar mais a difusão da notícia. A amostra também permitiu a visualização de que as mídias tradicionais foram a fonte primordial de informação da cobertura brasileira sobre o acontecimento, entretanto os sites de conteúdo específicos e o jornalismo regional conseguiram maior interação e espalhamento. Apesar da pluralidade da cobertura, o fluxo das notícias ocorreu em sua maior parte oriundo das agências internacionais para a mídia tradicional brasileira, a qual é dominada por grandes grupos de comunicação, e então para os diversos sites, portais e blogues de notícias, os quais abordaram o fato de acordo com a perspectiva de seu canal. Esses canais específicos são o ambiente de interação da notícia, onde não só trazem a informação como também permitem a participação popular sobre o tema. Dessa maneira o evento é narrado de diversas formas por mídias e pessoas em um fluxo infinito.

O grande problema do fluxo oriundo de agências de notícias é que até chegar a divulgação da espionagem no Brasil, a mídia brasileira apenas copiou as notícias relacionadas ao caso. Isso ocorreu pelo difícil acesso à fonte, já que Snowden estava se escondendo dos Estados Unidos, como também pela ausência de jornalistas brasileiros na cobertura exterior. Por causa disso, algumas questões não foram esclarecidas como o que deu errado na estratégia de Edward Snowden, já que ele teve que fugir de Hong Kong, e por que ele resolveu divulgar os documentos secretos da *NSA.*

A estratégia de divulgação dos escândalos por Edward Snowden permitiu que a origem da cobertura fosse controlada por ele de maneira que os temas ficassem em discussão ao longo dos anos. Ele se transformou não só em fonte, como também no acontecimento. Ao se configurar como acontecimento, ele tornou-se o foco de várias notícias e isso trouxe não só a segurança durante sua fuga, como também a dispersão do assunto.

O percurso de Swnoden até conseguir asilo na Rússia, possibilitou o levantamento de discussões sobre a diplomacia americana na América Latina e as relações de reciprocidade entre

esses países. Essas questões ocorreram principalmente após o incidente com o avião de Evo Morales e a influência americana para a recusa do asilo ao ex-agente. Ao conseguir asilo em países contrários aos interesses americanos, a mídia tradicional como o site da revista veja, começou a criar especulações sobre suas intenções. As motivações de Snowden foram questionadas pelo fato de ser defensor das liberdades individuais na internet e ser apoiado por países que limitam tais direitos para sua população como a Rússia.

A dispersão do fato, entretanto, não foi algo prejudicial ao ex-agente, já que permitiu não só a discussão sobre outros temas pertinentes como a reciprocidade da diplomacia americana e nos países da América Latina, como também permitiu que o assunto permanecesse em discussão por mais tempo.

A partir do exame das notícias pertinentes ao tema Espionagem Americana foi possível perceber que várias notícias trataram dos escândalos envolvendo as grandes corporações de tecnologia e o governo americano sobre a coleta, o armazenamento e o processamento de dados dos usuários de todo o mundo. A grande questão é que essas notícias se limitaram em abordar apenas o posicionamento dos envolvidos e não em mudanças em suas lógicas de maneira a preservar os usuários. As empresas colocaram a culpa no governo e o governo afirmou que tais ações eram necessárias para a manutenção da paz mundial contra o terrorismo. A disputa midiática trouxe o jogo de interesse em preservar a própria imagem. Afinal, as empresas não questionaram as ações de vigilância do governo, nem o governo as questionou sobre os dados coletados dos usuários e as políticas de privacidade e os termos de adesão.

Em relação ao escândalo da espionagem americana no Brasil, a mídia brasileira deu ênfase na postura política da presidente Dilma Rousseff em relação ao acontecimento. Nenhuma das notícias abordou as possíveis perdas comerciais do país em relação à espionagem, nem em mudanças necessárias na legislação para garantir a privacidade. Esse tipo de abordagem direciona os rumos das discussões do acontecimento para uma perspectiva política, em que o que está em jogo é o poder da diplomacia brasileira ao tensionar e criticar as ações do governo americano. Isso ocasiona uma diminuição das atenções sobre a espionagem dos usuários e o foco nas relações governamentais.

Essas matérias também enfatizaram assuntos técnicos que não são visíveis ao usuário como infraestrutura de redes e software de análise de Big Data sem uma devida contextualização, tornando difícil o entendimento de como esses aspectos podem trazer prejuízos a privacidade dos usuários. Isso esteve presente não só nas notícias relacionadas à espionagem americana como também nas relacionadas ao Marco Civil. A mídia brasileira

pouco tratou sobre as questões referentes ao Marco Civil. O que se apresentou foram publicações que criticavam a obrigatoriedade das empresas de tecnologia de terem data centers no Brasil, mas não a necessidade de termos e contratos mais justos para os usuários. Tal norma, foi descartada da legislação, a qual mesmo com todos os avanços não conseguiu preservar o usuário quanto a utilização de seus dados contra eles.

Foi notório a falta de preparo dos jornalistas sobre assuntos relacionados à tecnologia. Diferente de política, economia e futebol, áreas em que há vários especialistas, quando se fala em tecnologia ocorre uma defasagem de conhecimento. Também foi perceptível que em muitas matérias termos técnicos foram apenas jogados no texto sem nenhuma explicação anterior do que realmente é esse termo e de sua importância no contexto. Muitas vezes as publicações eram escritas como se os leitores fossem especialistas em infraestrutura de TI. A dificuldade no entendimento sobre o que é a tecnologia e como ela atua na vida social se torna um problema, na medida em que cada vez mais interagimos com esses aparelhos e deixamos eles entrarem em nosso dia-a-dia.

Essas interações são tão presentes que é como se os dispositivos fizessem parte de nosso corpo, adicionamos dispositivos que não entendemos como funcionam e quais os problemas que podem apresentar, apenas lidamos com interfaces cada vez mais simples. É um jogo em que as interfaces são mais simples e a técnica parece ser mais complexa. Esses aparatos estimulam interações e cobram um preço alto pelos seus benefícios: a privacidade. Para utilizá-los, os usuários aceitam termos e condições fixas, as quais, na maioria dos casos, estão subordinados à legislação americana, por ser o local em que as grandes empresas de tecnologia estão.

Isso traz um questionamento: Como proteger a privacidade e evitar o estado de vigilância? Nenhuma das notícias respondeu ou procurou tal resposta. Falou-se na necessidade do Brasil investir em infraestrutura ou de querer obrigar o *Google* a armazenar os dados no território brasileiro. Entretanto, não foi discutido quais seriam as melhores opções para garantir os direitos dos usuários perante essas empresas. A discussão se fechou em relações governamentais e não no que interfere e prejudica no dia-a-dia do usuário.

Este é o desafio do jornalismo a respeito das tecnologias da informação: ser mais crítico e fazer com que a complexidade desses termos técnicos se tornem simples, de maneira que temas de relevância possam ser discutidos em um almoço de família.

REFERÊNCIAS

A VERDADEIRA história da internet. [s.i]: Discovery Chanel, 2008. P&B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MeqxcMEO4Ig>. Acesso em: 10 set. 2012.

ALGERI, Carla. **O LOCAL E O GLOBAL:** FATORES QUE DEFINEM A PAUTA EM DOIS JORNAIS DO OESTE DE SANTA CATARINA. 2011. 167 f. Dissertação (MESTRADO) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

ANDERSON, Chris. **Free**: Grátis: o futuro dos preços. 1.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

_____. **A Cauda Longa:** do mercado de massa para o mercado de nicho. 1.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

_____. C.W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. **Post-Industrial Journalism** - Adapting to the Present, Tow Center for Digital Journalism, Columbia Journalism School, 2014.

ANVERSA, Luiz. **Clima nos EUA parece de filmes de espionagem.** 2013. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/caderno-da-cidadania/ed750-clima-nos-eua-parece-de-filmes-de-espionagem/>. Acesso em: 24 jul. 2015.

AQUINO, Yara. **Após denúncias de espionagem, governo pedirá agilidade na votação do Marco Civil da Internet.** 2013. Disponível em: <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-07-08/apos-denuncias-de-espionagem-governo-pedira-agilidade-na-votacao-do-marco-civil-da-internet>. Acesso em: 12 dez. 2015.

ASSANGE, Julian. **Cypherpunks:** Liberdade e o Futuro da Internet. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LTDA, 2006.

BBC. **Direto dos EUA: 'Soft power' para afastar Snowden da América Latina**. 2013. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/videos_e_fotos/2013/07/130712_vlog_pablo_snowden_pu_lgb>. Acesso em: 12 jul. 2015.

_____. **Os cinco escândalos que rondam Obama.** 2013. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/06/130612_escandalos_obama_gm>. Acesso em: 02 mar. 2015.

BERTOCCHI, Daniela. **Dos dados aos formatos**: o sistema narrativo no jornalismo digital. In: Anais o XXIII Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), Belém-PA, 2014.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do Capitalismo**. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2009.

BOM DIA BRASIL. **Governo brasileiro abre investigação para apurar espionagem americana. Rio de Janeiro**, p. 1-5. 09 jul. 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2013/07/governo-brasileiro-abre-investigacao-para-apurar-espionagem-americana.html>. Acesso em: 01 fev. 2015.

BONIN, Jiani Adriana. Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. In: MALDONADO, Efendy et al. **Metodologias da pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 19-42.

BOTSMAN, Rachel, com ROGERS, Roo. **O que é meu é seu**: como o consumo colaborativo vai mudar o seu (nosso) mundo. 1.ed. Porto Alegre: Bookman, 2011.

BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. **Matrizes,** São Paulo, v. 1, n. 2, p.73-88, abr. 2008. Semestral.

_____. UMA TEORIA TENTATIVA. **E-Compós**, Brasília, v. 15, n. 3, p.1-17, set. 2012.

_____. **Dispositivos & Circuitos – uma síntese**. Paper. Seminário "Dispositivos e Circuitos em Comunicação". São Leopoldo, 2012c.

BRASIL. *Lei n. 12.965, de 23 de Abril de 2014*. Estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil [Marco Civil da Internet no Brasil ou, simplesmente, Marco Civil]. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm>. Acesso em: 12 de dezembro de 2015.

_____. Ministério da Justiça. **A importância do Marco Civil e seu histórico**. Disponível em: <http://pensando.mj.gov.br/marcocivil/a-importancia-do-marco-civil-e-seu-historico/>. Acesso em: 30 abr. 2014.

_____. Câmara dos Deputados. **Marco civil da internet ganha urgência constitucional na tramitação**. 2013. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/COMUNICACAO/451694-MARCO-CIVIL-DA-INTERNET-GANHA-URGENCIA-CONSTITUCIONAL-NA-TRAMITACAO.html>. Acesso em: 10 dez. 2015.

CANALTECH (Ed.). **O que é a NSA?** 2014. Disponível em: <http://canaltech.com.br/o-que-e/espionagem/O-que-e-a-NSA/>. Acesso em: 5 fev. 2015.

CARDOSO, Gustavo. **A mídia na sociedade em rede:** filtros, vitrines, notícias. 1.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

CARDOSO, Carlos. **PRISM, Snowden e controle de danos.** 2013. Disponível em: <http://meiobit.com/128369/prism-snowden-e-controle-de-danos/>. Acesso em: 02 jul. 2015

CARTER, Brian. **The like economy**: how business are make money with Facebook. United States of America: Que Publishing, 2011.

CARVALHO, Bruna. Traidor ou herói, delator dos EUA abre debate sobre limites da guerra ao terror. **Último Segundo.** São Paulo, p. 1-5. jun. 2013. Disponível em:

<http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/2013-06-14/traidor-ou-heroi-delator-dos-eua-abre-debate-sobre-limites-da-guerra-ao-terror.html>. Acesso em: 12 maio 2013.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade.** Rio de Janeiro – RJ: Jorge Zahar, 2003.

CARDOSO, Gustavo.**A Sociedade em Rede: do conhecimento à acção política.** Imprensa Nacional – Casa da Moeda: Belém - Portugal, 2005.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Fonte, sujeito jornalístico nos novos cenários da notícia**. Disponível em <www.oxisdaquestao.com.br>. Acesso em 16 jul.2015.

_____. **Pragmática do Jornalismo:** buscas práticas para uma teoria da ação jornalística. São Paulo: Summus,1994.

CIRIACO, Douglas. **Por que os EUA espionam o Brasil?** 2013. Disponível em: <http://www.tecmundo.com.br/espionagem/45400-por-que-os-eua-espionam-o-brasil-.htm>. Acesso em: 30 abr. 2015.

CITIZENFOUR. Direção de Laura Poitras. Alemanha, Estados Unidos: Práxis Filme, 2014. P&B.

COSTA, Frederico Carlos de SÁ; WUNDER, Rodrigo Setubal. GUERRA AO TERROR: Aspectos ideológicos do contraterrorismo. **Aurora,** Marília - Sp, v. 4, n. 1, p.20-33, jan. 2011. Semestral.

CUNHA, Karenine Miracelly Rocha da; MANTELLO, Paulo Francisco. Era uma vez a notícia: storytelling como técnica de redação de textos jornalísticos. **Revista Comunicação Midiática,** Bauru, v. 9, n. 2, p.57-67, maio 2014. Trimestral.

Cultura Digital. **MARCO CIVIL DA INTERNET ENTRA EM VIGOR.** 2014. Disponível em: <http://culturadigital.br/marcocivil/>. Acesso em: 10 dez. 2015.

DEMARTINI, Felipe. **Empresas de tecnologia exigem transparência do governo americano.** 2013. Disponível em: <http://www.tecmundo.com.br/seguranca/42133-empresas-de-tecnologia-exigem-transparencia-do-governo-americano.htm>. Acesso em: 12 fev. 2015.

DEUZE, Mark. **The Web and its journalisms: considering the consequences of different types of news media online**. New Media & Society. London: SAGE, v. 5(2), 2003, p. 203-230.

DEUTSCHE WELLE. **Fuga de Edward Snowden traz Wikileaks de volta às manchetes**. 2013. Disponível em: <http://www.dw.com/pt/fuga-de-edward-snowden-traz-wikileaks-de-volta-às-manchetes/a-16914698>. Acesso em: 12 jul. 2015.

_____. **Em entrevista, Merkel evita tema espionagem e é criticada pela oposição**. 2013. Disponível em: <http://www.dw.com/pt/em-entrevista-merkel-evita-tema-espionagem-e-é-criticada-pela-oposição/a-16963304>. Acesso em: 06 maio 2015.

DIAS, Tatiana de Mello. **Governo quer armazenamento dos dados em território nacional.** 2013. Disponível em:

<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI340068-17770,00-GOVERNO+QUER+ARMAZENAMENTO+DOS+DADOS+EM+TERRITORIO+NACIONAL.html>. Acesso em: 30 ago. 2015.

DRUCKER, Peter Ferdinand. **A sociedade pós-capitalista**. 1.ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

EMC (EUA) **(Ed.). Information Storage and Management:** Storing, Managing, and Protecting Digital Information in Classic, Virtualized, and Cloud Environments. 2. ed. Indianapolis: John Wiley & Sons, Inc, 2012.

ERBRING, Lutz; GOLDENBERG, Edie N.; MILLER, Arthur H. **Front Page News and Real World Cues**: Another Look at Agenda S-Setting by the media. American Journal of political Science, vol 24 (1), p. 16-49, 1980

EUA. DEPARTAMENT OF JUSTICE. . **The USA PATRIOT Act:** Preserving Life and Liberty. 2015. Disponível em: <http://www.justice.gov/archive/ll/highlights.htm>. Acesso em: 12 jan. 2015.

EXAME. **Brasil rejeita pedido de asilo de Edward Snowden.** 2013. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/brasil-nao-vai-responder-pedido-de-asilo-de-snowden>. Acesso em: 03 jul. 2015.

_____. **Credibilidade de gigantes de tecnologia pode estar ameaçada**. 2013. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/negocios/noticias/denuncias-de-espionagem-podem-abalar-empresas-de-tecnologia>. Acesso em: 02 mar. 2015.

_____. "**Ninguém controla a Internet", diz Demi Getschko, do CGI.br**. 2013. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/ninguem-controla-a-internet-diz-demi-getschko-do-cgi-br>. Acesso em: 30 ago. 2015.

_____. **Marca de lingerie usa escândalo da NSA para se promover**. 2013. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/marketing/noticias/marca-de-lingerie-usa-escandalo-da-nsa-para-se-promover>. Acesso em: 30 ago. 2015.

FACEBOOK. **Política de uso de dados – Informações que recebemos de vocês.** Disponível em: < http://www.facebook.com/about/privacy/your-info>. Acesso em: 20 set. 2012.

FAUSTO NETO, Antonio. "A circulação além das bordas". In: FAUSTO NETO, Antonio; VALDETTARO, Sandra (Org.) **Anais do Colóquio Mediatización, Sociedad y Sentido, Rosario**, Argentina, agosto de 2010, p. 2-15.

FANTÁSTICO. **"Brasil é um grande alvo", diz jornalista sobre vigilância dos EUA**. Rio de Janeiro. 07 jul. 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2013/07/brasil-e-um-grande-alvo-diz-jornalista-que-divulgou-denuncias-de-espionagem-americana.html>. Acesso em: 12 fev. 2015.

FORMIGA, Fábio de Oliveira. **A Evolução da Hipótese de Agenda-Setting.** 2006. 93 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2257/3/Formiga, F. A..pdf>. Acesso em: 10 fev. 2015.

FRANÇA, Vera; ALMEIDA, Roberto. O acontecimento e seus públicos: um estudo de caso. **Contemporânea – Revista de Comunicação e Cultura**, v. 6, n. 2, 2008.

FREITAS, Henrique, CUNHA, Marcus e MOSCAROLA, Jean. Pelo resgate de alguns princípios da análise de conteúdo: aplicação prática qualitativa em marketing. Angra dos Reis - RJ: **Anais do 20º ENANPAD**, ANPAD, Marketing, 23 - 25 de Setembro 1996, p.467 - 487.

G1. **Monitoramento da internet deve ter limites, diz Merkel a Obama.** 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/06/monitoramento-da-internet-deve-ter-limites-adequados-diz-merkel-a-obama.html>. Acesso em: 12 abr. 2015.

_____. **Diretor de 'Salt' quer Liam Hemsworth em filme sobre Edward Snowden.** 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2013/07/diretor-quer-liam-hemsworth-em-filme-sobre-edward-snowden.html>. Acesso em: 30 ago. 2015.

_____. **Game faz sátira de fuga de Edward Snowden de agentes da CIA**. 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/games/noticia/2013/07/game-faz-satira-de-fuga-de-edward-snowden-de-agentes-da-cia.html>. Acesso em: 30 ago. 2015.

GELLMAN, Barton; POITRAS, Laura. U.S., British intelligence mining data from nine U.S. Internet companies in broad secret program. **The Washington Post.** Washington, 07/06/2013. Disponível em: <http://www.washingtonpost.com/investigations/us-intelligence-mining-data-from-nine-us-internet-companies-in-broad-secret-program/2013/06/06/3a0c0da8-cebf-11e2-8845-d970ccb04497_story.html>. Acesso em: 12 maio 2015.

GIDDA, Mirren. Edward Snowden and the NSA files – timeline. **The Guardian.** Londres. 21 ago. 2013. Disponível em: <http://www.theguardian.com/world/2013/jun/23/edward-snowden-nsa-files-timeline>. Acesso em: 13 maio 2015.

GIRALDI, Renata. Patriota: esclarecimentos dos EUA sobre espionagem são insuficientes. **Empresa Brasil de Comunicação - Ebc.** Brasília. 15 jul. 2013. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/noticias/internacional/2013/07/patriota-reitera-que-sao-insuficientes-os-esclarecimentos-dos-eua>. Acesso em: 11 maio 2015.

_____. **Patriota diz que Brasil não concederá asilo a Snowden.** 2013. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/noticias/internacional/2013/07/patriota-diz-que-brasil-nao-concedera-asilo-a-snowden>. Acesso em: 12 jun. 2015.

GOOGLE INC (Santa Clara - Califórnia). **Termos de Serviço do Google.** 2014. Disponível em: <https://www.google.com.br/intl/pt-BR/policies/terms/regional.html>. Acesso em: 20 dez. 2014.

GREENWALD, Glenn. **Sem lugar para se esconder:** Edward Snowden, a NSA e a Espionagem do Governo Americano. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

_____. NSA collecting phone records of millions of Verizon customers daily. **The Guardian.** Londres. 06 jun. 2013. Disponível em:

<http://www.theguardian.com/world/2013/jun/06/nsa-phone-records-verizon-court-order>. Acesso em: 01 fev. 2015.

GRECO, Maurício. Ferramenta da NSA vê "quase tudo" que você faz na internet. **Exame.** São Paulo. 31 jul. 2013. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/ferramenta-da-nsa-ve-quase-tudo-que-voce-faz-na-internet>. Acesso em: 12 fev. 2015.

GREENWALD, Glenn; KAZ, Roberto; CASADO, José. Espionagem dos EUA se espalhou pela América Latina. **O Globo.** Rio de Janeiro. 09 jul. 2013. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/mundo/espionagem-dos-eua-se-espalhou-pela-america-latina-8966619>. Acesso em: 11 fev. 2015.

HAAS, Guilherme. **O caso Edward Snowden e a vigilância de dados no Brasil.** 2013. Disponível em: <http://www.tecmundo.com.br/seguranca/41721-o-caso-edward-snowden-e-a-vigilancia-de-dados-no-brasil.htm>. Acesso em: 02 jun. 2015.

_____. **Cypherpunk:** o ativismo do futuro. 2013. Disponível em: <http://www.tecmundo.com.br/criptografia/41665-cypherpunk-o-ativismo-do-futuro.htm>. Acesso em: 30 ago. 2015.

HAMANN, Renan. **Espionagem americana no Brasil: o que é preciso saber?** 2013. Disponível em: <http://www.tecmundo.com.br/politica/41800-espionagem-americana-no-brasil-o-que-e-preciso-saber-.htm>. Acesso em: 25 abr. 2015.

_____. **Ministério Público diz que TIM WhatsApp fere o Marco Civil da Internet.** 2015. Disponível em: <http://www.tecmundo.com.br/tim/73205-ministerio-publico-diz-tim-whatsapp-fere-marco-civil-internet.htm>. Acesso em: 12 dez. 2015.

HAUTSCH, Oliver. **O que é um transistor e porque ele é importante para o computador?** 2010. Disponível em: <http://www.tecmundo.com.br/o-que-e/3596-o-que-e-um-transistor-e-porque-ele-e-importante-para-o-computador-.htm>. Acesso em: 12 dez. 2014.

HARDING, Luke. **Os arquivos de Snowden:** A história secreta do homem mais procurado do mundo. São Paulo: Texto Editores Ltda., 2014.

IG. **Medo da espionagem na internet? Veja como se proteger**. 2013. Disponível em: <http://tecnologia.ig.com.br/2013-07-12/medo-da-espionagem-na-internet-veja-como-se-proteger.html>. Acesso em: 01 mar. 2015.

_____. **Reino Unido nega que uso de sistema de espionagem dos EUA era ilegal**. 2013. Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/2013-06-10/reino-unido-nega-que-uso-de-sistema-de-espionagem-dos-eua-era-ilegal.html>. Acesso em: 15 abr. 2015.

INFO. "**Não Fujo da Justiça", diz Snowden.** 2013. Disponível em: <http://info.abril.com.br/noticias/seguranca/nao-fujo-da-justica-diz-edward-snowden-12062013-28.shl>. Acesso em: 19 jul. 2015.

_____. **Maioria dos americanos aprova espionagem**. 2013. Disponível em: <http://info.abril.com.br/noticias/seguranca/maioria-dos-americanos-aprova-espionagem-11062013-13.shl>. Acesso em: 02 abr. 2015.

_____. **China acusa EUA de hipocrisia no caso Snowden,** 2013. Disponível em: <http://info.abril.com.br/noticias/seguranca/2013/06/china-acusa-eua-de-hipocrisia-no-caso-snowden.shtml>. Acesso em: 19 jul. 2015.

_____. **NSA disse que programas de vigilância evitaram espionagem**. 2013. Disponível em: <http://info.abril.com.br/noticias/seguranca/nsa-diz-que-programas-de-vigilancia-evitaram-ataques-12062013-54.shl>. Acesso em: 03 abr. 2015.

_____. **Designer redesenha apresentação da NSA sobre PRISM.** 2013. Disponível em: <http://info.abril.com.br/noticias/seguranca/designer-redesenha-apresentacao-da-nsa-sobre-o-prism-12062013-15.shl>. Acesso em: 30 ago. 2015.

JARVIS, Jeff. **O que o Google faria?** Como atender as novas exigências de mercado. 1.ed. Barueri,SP – Manole, 2010.

JORNALISTAS DA WEB**. Snowden vira tema de jogo na Internet.** 2013. Disponível em: <http://www.jornalistasdaweb.com.br/2013/07/08/edward-snowden-vira-tema-de-jogo-na-internet/>. Acesso em: 30 ago. 2015.

KARASINSKI, Lucas. **PRISM: entenda toda a polêmica sobre como os EUA controlam você.** 2013. Disponível em: <http://www.tecmundo.com.br/privacidade/40816-prism-entenda-toda-a-polemica-sobre-como-os-eua-controlam-voce.htm>. Acesso em: 20 jul. 2015.

KLEIN, Eloisa. Potencialidades e desafios do jornalismo com a centralidade da circulação em processos sociais mediatizados. In: FAUSTO NETO, Antonio. **Relatos de investigaciones sobre mediatizaciones.** Rosário: Unr Editora, 2015. Cap. 10. p. 225-239.

_____. **Circuitos comunicacionais ativados pela autorreferência didática no Jornalismo:** O CASO DO PROFISSÃO REPÓRTER. 2012. 440 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. São Leoopoldo, 2012.

LEMOS, André. **Comunicação e práticas sociais no espaço urbano**: as características dos Dispositivos Híbridos Móveis de Conexão Multirredes (DHMCM)". Comunicação, mídia e consumo. v. 4, n.10, p. 23-40, 2007.

MACHADO, Elias. **Sistemas de circulação no ciberjornalismo**. Eco-Pós, v.11, n.2, 2008a, p.21-37.

MACHADO, Grazielle. **Marco Civil:** participação social na construção de políticas públicas. 2014. Disponível em: <http://www.participa.br/portal/blog/marco-civil-participacao-social-na-construcao-de-politicas-publicas>. Acesso em: 30 abr. 2014.

_____. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço.** Ed. 5. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

McCOMBS, M.; SHAW, D. **The agenda-setting function of mass media**. Public Opinion Quaterly, n.36, 1972.

MATTELART, Armand; MATTERLART, Michéle. **Histórias das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola,1999.

MAZZARINO, Jane Márcia**. O agendamento na perspective das fontes do campo jornalístico**: observando fazeres do movimento socioambiental. Revista Fronteira (UNISINOS), v. IX, p. 53-63, 2007.

MÜLLER, Leonardo. **Tempora: programa de espionagem global britânico é mais eficiente que PRISM.** 2013. Disponível em: <http://www.tecmundo.com.br/seguranca/41151-tempora-programa-de-espionagem-global-britanico-e-mais-eficiente-que-prism.htm>. Acesso em: 20 abr. 2015.

NÉRI, Felipe. **Jornalista norte-americano cancela ida ao Senado, informa comissão.** 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/07/jornalista-norte-americano-cancela-ida-ao-senado-informa-comissao.html>. Acesso em: 05 jun. 2015.

NEVES, Zeguilherme. Redes sociais conquistam espaço dos blogs na preferência dos internautas. **Zero Hora.** Porto Alegre. 16 jun. 2010. Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/economia/noticia/2010/06/redes-sociais-conquistam-espaco-dos-blogs-na-preferencia-dos-internautas-2939229.html>. Acesso em: 02 jul. 2015.

NUNES, Emily Canto. **Pai da web pede paz para internet e, na presença de Dilma, elogia o Marco Civil.** 2014. Disponível em: <http://tecnologia.ig.com.br/2014-04-23/pai-da-web-pede-paz-para-internet-e-na-presenca-de-dilma-elogia-o-marco-civil.html>. Acesso em: 12 dez. 2015.

ORWELL, George. **1984.** 17ª Edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1984.

OLHAR DIGITAL. **Caso Snowden causa prejuízos a empresas de cloud-computing dos EUA. 2013**. Disponível em: <http://olhardigital.uol.com.br/pro/noticia/caso-snowden-gera-desconfianca-sobre-empresas-de-cloud-computing-dos-eua/36223>. Acesso em: 02 mar. 2015.

_____. **Saiba como funciona o PRISM, a nova ameaça à privacidade na internet.** 2013. Disponível em: <http://olhardigital.uol.com.br/video/saiba-como-funciona-o-prism,-a-nova-ameaca-a-privacidade-na-internet/36005>. Acesso em: 30 jul. 2015.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como Fazer Pesquisa Qualitativa.** 4. ed. Petrópolis - Rj: Vozes, 2005. 232 p.

OLIVEIRA, Denize Cristina de. ANÁLISE DE CONTEÚDO TEMÁTICO-CATEGORIAL: UMA PROPOSTA DE SISTEMATIZAÇÃO. **Revista de Enfermagem da Uerj,** Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p.569-576, out. 2008. Trimestral. Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v16n4/v16n4a19.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2015.

OPERA MUNDI. **Snowden revela que Alemanha sabia dos programas de espionagem dos EUA**. 2013. Disponível em: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/29872/snowden+revela+que+alemanha+sabia+dos+programas+de+espionagem+dos+eua.shtml>. Acesso em: 04 abr. 2015.

PARISER, Eli; ALFARO, Diego. **O filtro invisível - O que a internet está escondendo de você.** 1ª Ed.Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PEDROSA, Leyberson; MENDES, Nathalia; MARTINS, Renata. **Conheça cinco ferramentas que aumentam a privacidade de conversas na web.** 2013. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/tecnologia/2013/07/privacidade-e-seguranca-online-saiba-dicas-para-fugir-da-espionagem-na-rede>. Acesso em: 12 fev. 2013.

PETRY, André. Uma reportagem sobre algoritmo. **Veja**, São Paulo, v. 2321, n. 20, 15 maio 2013. Semanal.

PIGNEUR, Yves; OSTERWALDER, Alexander. **Criar modelos de negócios**. Afragide – Portugal: Dom Quixote, 2010.

PILGER, John. **Escândalo sobre voo de Morales corresponde a ato de pirataria aérea.** 2013. Disponível em: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/opiniao/29842/escandalo+sobre+voo+de+morales+corresponde+a+ato+de+pirataria+aerea.shtml>. Acesso em: 02 mar. 2015.

PONTUAL, Jorge. **Paradeiro de Edward Snowden preocupa governo dos EUA.** 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2013/06/paradeiro-de-edward-snowden-preocupa-governo-dos-eua.html>. Acesso em: 04 jul. 2015.

PRIMAK, Fábio Vinícius. **Decisões com B.I.** Curitiba: Ciência Moderna, 2008.

PRIMO, Alex F. **Interação mútua e interação reativa**: uma proposta de estudo. Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia. Faculdade de Comunicação Social, PUCRS, Porto Alegre, no 12 (jun. 2000), 81-92.

_____. **O aspecto relacional das interações na Web 2.0**. E- Compós (Brasília), v. 9, p. 1-21, 2007.

RBA. **Medidas do governo aumentam infraestrutura, mas não impedem espionagem.** 2013. Disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br/saude/2013/07/medidas-do-governo-aumentam-infraestrutura-de-comunicacoes-mas-nao-podem-conter-espionagem-4880.html>. Acesso em: 30 ago. 2015.

ROCHA, Rose de Melo; CASTRO, Gisela G. S.. Cultura da mídia, Cultura do Consumo: Imagem e espetáculo no discurso pós-moderno. **Logos 30**: Tecnologias de Comunicação e Subjetividade, Rio de Janeiro, v. 12009, n. 16, p.48-59, 01 jan. 2009. Semestral.

RODRIGUES, Alex. **Advogado alerta que usuários da internet estão sujeitos às leis dos Estados Unidos**. 2013. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/noticias/brasil/2013/06/advogado-alerta-que-usuarios-da-internet-estao-sujeitos-as-leis-dos-estados>. Acesso em: 30 ago. 2015.

RUBLESCKI, A. **Jornalismo líquido**: mediação multinível e notícias em fluxos. Tese de Doutorado. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2011.

SANTAELLA, Lúcia. **Da cultura das mídias à cibercultura**: o advento do pós humano. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3229/2493> Acesso em: 25 de set. 2012.

SAYURI, Juliana. **Hacker alemão avalia limites entre liberdade e controle na rede.** 2013. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/caderno-da-cidadania/_ed755_hacker_alemao_avalia_limites_entre_liberdade_e_controle_na_rede/>. Acesso em: 30 ago. 2015.

SENADO NOTÍCIAS. **Requião lê e-mail de Mangabeira Unger em apoio à reforma política. 2013**. Disponível em: <http://www12.senado.gov.br/noticias/materias/2013/07/08/requiao-le-e-mail-de-mangabeira-unger-em-apoio-a-reforma-politica>. Acesso em: 12 jul. 2015.

SCHMIDT, Eric; COHEN, Jared. **The New Digital Age:** Reshaping the Future of People, Nations and Business. New York: Radom House, 2013. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=Fl_LPoLdGKsC&printsec=frontcover&dq=the+new+digital+age&hl=pt-BR&sa=X&ei=tCD4UfH-BvLA4AOB14CQBw&ved=0CC8Q6AEwAA#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 27 jul. 2013.

SEARLS, Doc. **A Economia da Intenção:** o mercado sob a perspectiva de clientes independentes, fortalecidos e conscientes. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

SILVERMAN, David. **Interpretação de dados qualitativos:** métodos para análise de entrevistas, textos e interações. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SIQUEIRA, Ethevaldo. **Por que os jornalistas ignoram o caso Snowden?** 2013. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/_ed757_por_que_os_jornalistas_ignoram_o_caso_snowden/>. Acesso em: 30 jul. 2015.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho:** uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2004.

SOUZA, Míriam Cláudia Junqueira de. **Contratos Eletrônicos.** Rio de Janeiro: Mauad Consultoria e Planejamento Editorial Ltda, 1997.

TANCER, Bill. **Click:** O que milhões de pessoas estão fazendo online e por que isso é importante. São Paulo: Globo, 2009.

TANJI, Thiago. **Caso Snowden ajuda a entender relações geopolíticas da atualidade.** 2013. Disponível em: <http://info.abril.com.br/noticias/seguranca/2013/07/caso-snowden-ajuda-a-entender-relacoes-geopoliticas-da-atualidade.shtml>. Acesso em: 02 jul. 2915.

TAURION, Cesar. **Cloud computing**: computação em nuvem: transformando o mundo da tecnologia da informação. Rio de Janeiro: Brasport, 2009.

TERMS and Conditions May Apply. Direção de Cullen Hoback. Estados Unidos [s.i.]: Variance Films, 2013. (79 min.), son., color. Legendado. Disponível em: <netflix.com.br>. Acesso em: 20 dez. 2014.

TERRA. **Biden telefona para Dilma e "lamenta" caso de espionagem**. São Paulo. 19 jul. 2013. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/brasil/politica/biden-telefona-para-dilma-e-lamenta-caso-de-espionagem,c481e7c8562ff310VgnCLD2000000dc6eb0aRCRD.html>. Acesso em: 01 mar. 2015.

_____. **Portal Terra e como tudo começou**. 1998. Disponível em: <http://tecnologia.terra.com.br/internet10anos/interna/0,,OI542329-EI5029,00.html>. Acesso em: 02 jul. 2015.

_____. **Snowden: países ocidentais cooperam com vigilância dos EUA**. 2013. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/mundo/estados-unidos/,097ea6faad0bf310VgnCLD2000000ec6eb0aRCRD.html>. Acesso em: 04 maio 2015.

_____. **Alemanha utiliza software de espionagem da NSA, diz publicação**. 2013. Disponível em: <http://tecnologia.terra.com.br/hardware-e-software/,0024e7c8562ff310VgnCLD2000000dc6eb0aRCRD.html>. Acesso em: 04 maio 2015.

_____. **Documentos de Snowden afirmam que Londres espionou delegados do G20.** 2013. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/mundo/europa/reino-unido-interceptou-conversas-durante-reuniao-do-g20-diz-snowden,07704ea094f4f310VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html>. Acesso em: 12 abr. 2015.

_____. **Dilma quer que dados de internautas brasileiros sejam armazenados no País.** 2013. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/brasil/apos-espionagem-dilma-quer-que-dados-sejam-armazenados-no-pais,ba4cb627c10cf310VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html>. Acesso em: 30 ago. 2015.

THOMPSON, John B. **A Mídia e a Modernidade:** Uma Teoria Social da Mídia. 11ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

THUMIM, Nancy. **Self-Representation and Digital Culture.** London - Uk: Palgrave Macmillan, 2012.

TOZETTO, Claudia; PACHECO, Paula. **Denúncia de espionagem na internet coloca em xeque futuro de empresas.**2013. Disponível em: <http://economia.ig.com.br/2013-07-14/denuncia-de-espionagem-na-internet-coloca-em-xeque-futuro-de-empresas.html>. Acesso em: 12 abr. 2015.

TRIBUNA DO NORTE. **Jornalista que revelou espionagem americana falará ao Senado na terça. 2013**. Disponível em: <http://tribunadonorte.com.br/noticia/jornalista-que-revelou-espionagem-americana-falara-ao-senado-na-terca/255659>. Acesso em: 02 maio. 2015.

TRIVINHO, Eugênio (Org.), com REIS, Angela Pintor, e equipe do CENCIB/PUC-SP. **A cibercultura em transformação: poder, liberdade e sociabilidade em tempos de compartilhamento, nomadismo e mutação de direitos**. São Paulo: ABCiber; Instituto Itaú

Cultural, 2010. Livro eletrônico (*online*). 336 p (versão em pdf). (Coleção ABCiber, v. 2). Disponível em: <http://www.abciber.org/publicacoes/livro2/>. ISBN 978-85-63368-01-0. Acesso em: 05 de setembro de 2012.

ÚLTIMO SEGUNDO. **Para Chomsky, empresas da web superam governos em coleta de dados de cidadãos.** 2013. Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/bbc/2013-07-11/para-chomsky-empresas-da-web-superam-governos-em-coleta-de-dados-de-cidadaos.html>. Acesso em: 02 abr. 2015.

VEJA. **Governo quer obrigar gigantes da internet a armazenar dados no Brasil**. 14 jul. 2013. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/mundo/governo-obrigara-empresas-de-internet-a-armazenarem-seus-dados-no-pais/>. Acesso em: 1 mar. 2015.

_____. **Rússia, Cuba, Equador e Venezuela vão conversar sobre Snowden**. 2013. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/mundo/diplomatas-da-russia-cuba-equador-e-venezuela-farao-reuniao-sobre-snowden/>. Acesso em: 02 jun. 2015.

_____. **Estados Unidos acusam ex-técnico da CIA de espionagem**. 2013. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/mundo/estados-unidos-acusam-ex-tecnico-da-cia-de-espionagem/>. Acesso em: 13 jun. 2015.

_____. **Equador diz que analisará possível pedido de asilo de ex-técnico da CIA**. 2013. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/mundo/equador-diz-que-analisara-possivel-pedido-de-asilo-de-ex-tecnico-da-cia>. Acesso em: 02 fev. 2015.

_____. **Com discurso sobre economia, Obama tenta desviar foco de acusações**. 2013. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/mundo/com-discurso-sobre-economia-obama-tenta-desviar-foco-de-acusacoes/>. Acesso em: 03 abr. 2015.

_____. **União Europeia pede explicações aos EUA sobre denúncias de espionagem**. 2013. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/mundo/ue-pede-explicacoes-aos-estados-unidos-sobre-denuncias-de-espionagem/>. Acesso em: 05 abr. 2015.

ZAGO, Gabriela da Silva. **Dos blogs aos micronlogs:** aspectos históricos, formatos e características. In: CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 6.,2008, Niterói. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/zago-gabriela-dos-blogs-aos-microblogs.pdf>. Acesso em: 12 jun.2015.

ZERO HORA. **Como proteger a sua privacidade no Facebook**. 2013. Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/tecnologia/noticia/2013/07/como-proteger-a-sua-privacidade-no-facebook-4209697.html>. Acesso em: 03 abr. 2015.

WICKENKAMP, Carol. **Por que as acusações de Snowden beneficiam a China.** 2013. Disponível em: <https://www.epochtimes.com.br/por-que-as-acusacoes-de-snowden-beneficiam-a-china/#.VeNfxvlVikq>. Acesso em: 12 jul. 2015.